N.º 1 ★ 4-1-51
Cr$ 3,00 em
todo o Brasil



A CENA muda

CINEMA
RÁDIO
MÚSICA
NOVIDADES



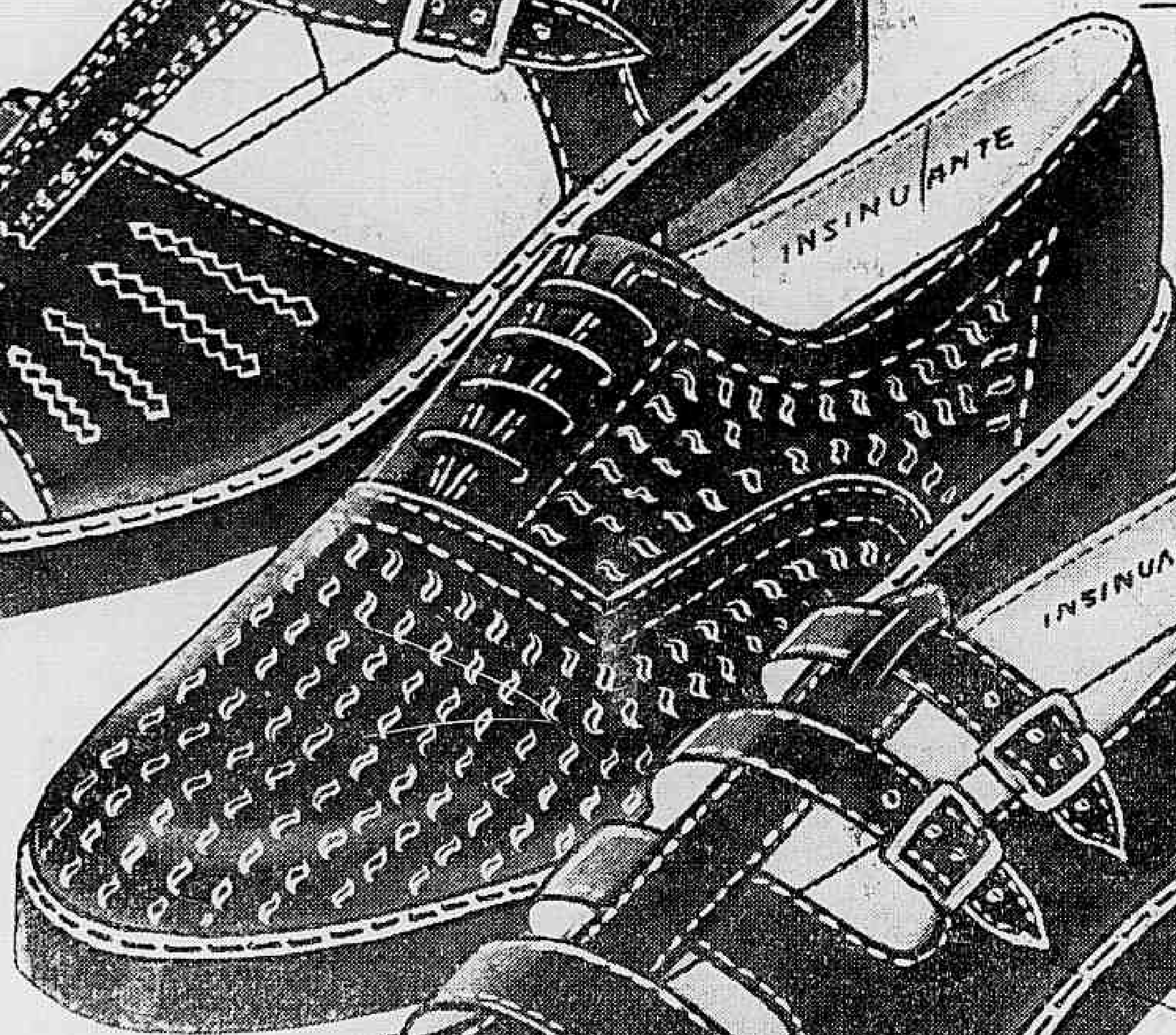
BEM SERVIR

CARACTERISTICO
INCONFUNDIVEL DA
SAPATARIA MAIS
QUERIDA DA
CIDADE !

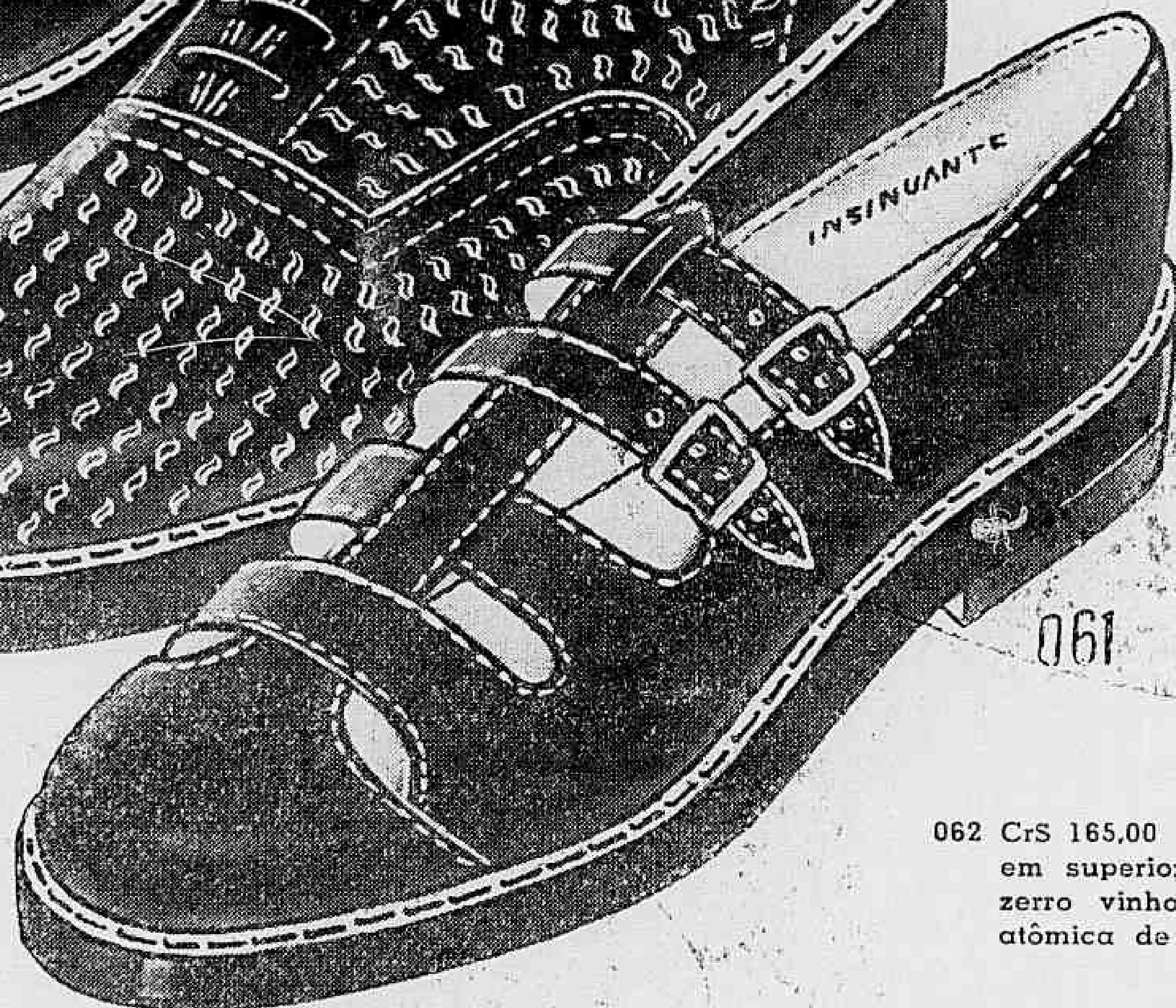
AT. SEMOG/.



063



062



061

061 CrS 135,00 Superior sapato-sandália, genuinamente másculo, em superior bezerro vinho, com salto de borracha. Núm.: de 36 a 44.

Uma galeria à sua disposição com água geladinha sempre às suas ordens.

062 CrS 165,00 Ótimo sapato, muito confortável, em superior camurça branca, ou ótimo bezerro vinho ou marron. Sola de borracha atômica de puro latex. Núm.: de 36 a 44.

063 CrS 95,00 — 125,00 e 135,00. Respectivamente de 28 a 33, de 34 a 36 e de 37 a 44. Formidável sapato-sandália em superior bezerro vinho ou beje, com salto de borracha.

Porte para todo o Brasil, 5 cruzeiros.
Não trabalhamos com reembolso.

insinuante

devolve a importancia com o mesmo sorriso com que lhe vende!

CARIOCA, 46-48 — SETE SETEMBRO, 199-201



ACREDITE QUEM QUISER

TELEVISÃO: UMA REALIDADE

A CENA MUDA

ANO 30 ★ Nº 51 ★ 21-12-50
SEMANARIO DE ARTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA. Diretor-presidente: Gratuliano Brito. Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar. Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria. 22-5602. Endereço telegráfico: "Revista". Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 140,00; Semestral (26 números), Cr$ 70,00. Registrada: Anual, Cr$ 170,00; Semestral, Cr$ 85,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 270,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa. África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: "Inter-Prensa", Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor.

★

A Redação não se responsabiliza pelos trabalhos assinados

★

Representante em São Paulo: A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69. Telefone: 4-1569

CORRESPONDENTES EM HOLLYWOOD
VIOLET KINNEY
THOMAS KEENE

CORRESPONDENTE EM PARIS
JEAN DELMAR

Redator-Chefe da Publicidade: Severino Lopes Guimarães

★

SUMÁRIO

Televisão: uma realidade (Leon Eliachar) 3
Um novo casamento de artistas (Antônio Rocha) 4
Rádio (Armando Migueis) 6
Carlos Gardel, ídolo inesquecível (Alberto Conrado) 8
Nasce uma estrêla (Armando Pacheco) 10
O universo de Cocteau (Henry Agel) 11
Extorsão (Cine-romance) 12
Antologia de crônicas cariocas (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 14
Flashes 15
O Meu dia Chegará (Cine-Romance) 16
Estelita Rodriguez 18
A mais bela do mundo 20
Coluna do fã 21
June Haver (close-up) 24
Telas da Cidade (redação) 23
Melodias para você 26
Carnaval 27
Correio do fã 25
O lar do «cow-boy» 30
Arquivo 32
Pausa para meditação 34
Mexericos 34

A Televisão aí está "na nossa cara". O Brasil foi o pioneiro, na América-Latina. Começou na Tupi de São Paulo, e estendeu-se pela Tupi do Rio. As Emissoras Associadas marcaram o primeiro tento. Em princípio, tudo não passava de boato. Mas, como todo boato tem um fundo de verdade, ninguém podia negar que algumas estações de rádio cariocas cobiçavam o novo invento que fazia grande sucesso na América e na Europa. Alguns homens, munidos de credenciais valiosas, iam aos Estados Unidos, admiravam-se diante dos aparelhos receptores, visitavam firmas comerciais, discutiam preços, datas de entrega, voltavam ao Rio e davam escandalosas notícias nos jornais anunciando que muito breve o Rio conheceria a Televisão. As máquinas já estavam compradas. Aguardava-se tão sòmente a entrega. O público sorria, incrédulo. A incredulidade é um defeito bem nosso; tìpicamente brasileiro. Jamais confiamos em nossa capacidade de produzir alguma coisa senão quando a vemos diante de nossos olhos. Assim acontece com tudo; assim aconteceria com a televisão. Algumas máquinas chegaram primeiro do que as outras, o que não desmerece, absolutamente, o empenho das outras emissoras em instalar também o seu equipamento de TV. As primeiras transmissões foram sendo feitas, em caráter de estudo, de experiência. Técnicos especializados foram contratados. Grande período de tempo foi dedicado aos primeiros ensaios. A nova diversão passava por um teste perigoso de adaptação. Improvisaram-se estúdios, armavam-se cenários, contratavam-se artistas, escolhiam-se escritores para produzir programas, idealizavam-se "shows". Enquanto as máquinas descansavam, aguardando um entrosamento perfeito, a máquina humana não parava: Foi-se formando uma equipe de técnicos, lentamente. Um Departamento Especializado foi criado. Peça por peça, aquela máquina humana estava empreendendo um esfôrço fora do comum. Era preciso lutar contra as adversidades. Afinal, a maioria não acreditava nem no Rádio e muito menos na Televisão. Mas, se ainda assim, o Rádio Brasileiro é considerado dos melhores do mundo, por que não o seria também a Televisão? Era preciso, portanto, que surgissem os Roquete Pinto da TV. Voluntários que não esperassem recompensas tão imediatas, senão o glorioso título de "pioneiros", numa terra onde se acha que tudo é difícil e impossível de ser realizado. Êsses homens não mediram esforços, não pouparam sacrifícios. Apesar das censuras e das críticas desfavoráveis, êles não descansariam o queixo nas mãos e não se dariam por vencidos. Sabiam perfeitamente como fazer o trabalho, como exercer os difíceis cargos que ocupavam, como sustentar sôbre os ombros a grande responsabilidade que tomaram a si. Dias e noites foram dedicados a um trabalho exaustivo — àprocura do "ajustamento" Os primeiros programas foram sendo lançados. Dentro de pouco tempo, cresciam em número e em quantidade. E já hoje, embora ainda imperfeita, mas a caminho de uma vitória decisiva e muito mais rápida do que se poderia esperar, aí está a Televisão para todos os incrédulos se divertirem. A curiosidad[e] pública foi mobilizada e todos mostram interêsse em adquirir um aparelh[o]. Hoje se transmitem no Rio, não sòmente programas de "shows" musicais, m[as] um jornal completo, de atualidades estrangeiras e nacionais, jogos de futeb[ol], corridas de cavalos, peças teatrais, filmes de cinema, e muitas outras novidad[es], pois o campo da Televisão é imenso e já está sendo devidamente explorad[o]. Sem a experiência de outros países, onde êsse invento surgiu há mais temp[o], vai-se conquistando essa nova maravilha no Brasil, que não custará muito chegar ao àperfeiçoamento total.

Cêrca de mil aparelhos receptores já foram vendidos no Rio, e cêrca de ... estão à venda nas casas especializadas. A General Electric, a R.C.A., a Zen[ith] já importaram aparelhos de diversos tamanhos e feitios. Outras fábricas f[arão] o mesmo, como a Scott, que está esperando uma grande remessa. Os pr[eços] variam de oito a dezoito mil cruzeiros. Sem dúvida que estão muito caros, ... na Inglaterra e nos Estados Unidos encontram-se à venda aparelhos de tr[ês] quatro mil cruzeiros — e a maior parte da população já os adquiriu. Em pou[co] tempo, acontecerá o mesmo no Brasil. Mas é preciso que os patrocinadores s[e] interessem e financiem programas, pois as despesas, que são vultosíssimas nã[o] poderão correr eternamente por conta das emissoras. Numa pequena crônic[a] seria difícil enumerar os problemas que ainda se enfrentam e que bem pouc[os] podem imaginar. Mas, a TV vai caminhando muito bem. Aumentam os se[us] horários e aumenta a venda de aparelhos. Breve surgirão os patrocinador[es] outras emissoras estarão no ar. E ao lado do Rádio e do Cinema brilhará nova diversão, talvez a mais cômoda de tôdas. Porque, sinceramente, vale a pena ter em casa um aparelho de televisão. Só assim, você não precisará ir à rua para se divertir; a diversão visitará sua própria casa. "E o mundo não vale o seu lar!! — como diria Sagramor de Scuvero.

leon eliachar



MAIS UM CASAMENTO DE ARTISTAS

APÔS TRÊS ANOS DE NAMÔRO, GUY MADISON E GAIL RUSSELL CONTRAIRAM MATRIMÔNIO ★ TRÊS ANOS DE INTEMPESTIVA PERSEGUIÇÃO JORNALÍSTICA ★ UM LOBO DISFARÇADO EM CORDEIRO... ★ CAÇANDO POLDROS SELVAGENS E BODES DURANTE A LUA DE MEL...

de ANTÔNIO ROCHA



Guy e Gail conheceram-se há três anos, mas suas carreiras lhes davam pouquíssimas oportunidades de estar juntos.

DURANTE três anos Guy Madison saiu com Gail Russel e tôda a gente de Hollywood assegurava que os dois jovens haviam contraído matrimônio secretamente. De vez em quando, jornais e revistas anunciavam que haviam fugido para Las Vegas e lá, sem dar publicidade, haviam feito as mútuas promessas de que viveriam para sempre felizes até que a morte os separasse...

Outras vêzes, corria o boato de que se haviam casado numa pequena vila mexicana, de três casas de taipa e de uma venda, numa pequena igrejinha no alto de uma colina...

Uma vez o rádio noticiou, através de um programa especializado em pessoas de teatro e cinema, que os dois apaixonados tinham dito o *"eu prometo"* na cidade natal de Guy Bakersville, Califórnia, onde um juiz amigo, realizara a cerimônia nupcial secretamente...

Guy, no entanto, num artigo que escreveu (?) para a revista "Modern Screen", há cêrca de um ano e meio atrás, faz três asserções desmentindo todos êsses rumores: "Saio freqüentemente com Gail Russell. Saimos juntos desde quando nos encontramos há três anos atrás. Não estamos casados."

Baseado nestas três asserções, Guy faz a demonstração dêste teorema romântico, alegando, entre outras coisas, que não teve muita oportunidade de se avistar com Gail Russell nestes três anos.

Realmente, sendo dois jovens que embora já desfrutem de invejável popularidade, artìsticamente ainda lhes falta a experiência, e ambos são cônscios dêste fato. Por isso, quando não estão filmando, estão estudando arte dramática com o professor do estúdio. Quando não, Guy está mambembando em alguma "stock company", percorrendo todo o interior dos Estados Unidos. Talvez êle esteja em Hollywood. Mas, vocês, leitores, acham que alguém pense em namorar depois de um dia de estafante trabalho no estúdio, provàvelmente estando de pé desde as cinco horas da manhã e saindo do trabalho às seis da tarde, ainda tendo de decorar u'a média de cinco páginas do "script" do filme no qual esteja trabalhando?

Assim é o amor em Hollywood. Não pode haver casamentos precipitados. Por exemplo, Guy Madison e Gail Russell, nos seus seis primeiros meses de namôro, viram-se nada menos do que seis vêzes! E' possivel que alguém peça a outrem em casamentos após seis encontros? Vocês pediriam?

No entanto, como os dois jovens verdadeiramente se amavam, agora, após êsses três intempestivos anos de perseguição jornalistica, contrairam matrimônio. Muita gente foi enganada. Quando supunham que os dois pretendiam pedir um divórcio, êles se dirigiram à Pretoria para tirar os papéis de casamento...

Sem uma justificação cabivel, muita gente considera Guy Madison um sujeito inexperiente

e sem nenhum traquejo comercial, nem mesmo sabendo tratar de sua própria carreira e mais de uma vez já tentaram ludibriá-lo. Guy atribui êste fato ao seu aspecto tipicamente de americano do interior.

No entanto, êle não é tão bôbo quanto parece... ou finge ser! Há algum tempo atrás, quando o seu filme "Texas, Brooklyn and Heaven" (que ainda não foi exibido no Brasil por alguma razão além de nossa alçada, embora já seja tempo), o estúdio deliberou que a estréia mundial do filme seria feita no Texas e que Guy Madison deveria comparecer a êste espetáculo.

No dia da viagem, êle se dirigiu à estação e, quase no momento da partida, descobriu que esquecera a carteira em casa, com todo o dinheiro. Usando alguns níqueis que encontrou no bôlso de seu palitó, telefonou para a sua agente, Helen Ainsworth, pedindo-lhe que providenciasse a remessa de algum dinheiro. Como se nada de anormal tivesse acontecido, tomou o trem e se dirigiu ao seu compartimento.

Na hora do almôço êle foi para o carro-restaurante e almoçou lautamente. Quando terminou, o garção lhe apresentou a conta e Guy, como quem não dava muita importância ao caso, simplesmente disse:

— "Muito obrigado. Tratarei disto mais tarde."

Voltou ao seu compartimento e segundos depois tinha uns indesejáveis visitantes que exigiam o pagamento das despesas. Êles não conseguiam comprender que um sujeito que estava ocupando um compartimento como aquêle não tivesse dinheiro para pagar o almôço.

— "Afinal de contas, quem é você?" — indagou um dêles.

Êle lhes disse. A expressão no rosto daqueles homens mostrava que era o mesmo que êle tivesse dito que era Napoleão...

— "Guy Madison, o artista de cinema? E você não tem dinheiro nem para pagar a conta?"

Bem, as coisas estavam ficando complicadas, mas êle sabia que tudo sairia bem. Aliás, êste é um dos traços predominantes do acráter de Guy. Não se preocupa com coisa alguma, pois acredita que para tudo há sempre um "happy ending". Na próxima cidade, Albuquerque, onde os homens são cambaias e ainda usam roupas de cow-boy devido à influência cinematográfica, Guy desceu do trem e se dirigiu à estação telegráfica. Lá encontrou diversos elementos que o esperavam. Estavam vestidos de azul e traziam cassetetes nas mãos.

— "Êste é o homem que se diz o Guy Madison, vocês sabem, aquêle artista de cinema..." — disse um dos condutores aos guardas.

— "E' mesmo — acrescentou um dos guardas da cidade, nervosamente. — Creio que devo saber, pois minha espôsa dirige o "fan-club" dêle aqui em Albuquerque. Sr. Guy, o trem vai demorar um pouco. Vou dar um telefonema para a minha espôsa e ela estará aqui num minuto..."

E lá foi o guarda correndo em direção ao telefone...

Uma das particularidades de Guy Madison é que não se considera um grande ator, embora alimente esperança de vir a ser um, num futuro não muito longinquo. Quando saiu da Marinha já estava famoso. Fôra elevado ao estrelato apenas com uma pontinha em "Since You Went Away" e, agora, via-se na contingência de estudar arte-dramática. Por isso, Helen Ainsworth (é ela mesma quem conta isso), a agente que o descobriu e o vem ajudando desde então em sua carreira, arranjou-lhe um lugar numa pequena *stock company*.

"Guy foi para La Jolla, onde deveria trabalhar ao lado de Diana Lynn em "Ruth Querida". Alguns dias mais tarde o visitei. Guy estava sentado no seu camarim, mirando-se no espelho, triste e ao mesmo tempo um pouco enraivecido.

Quando me viu entrar, sem dizer palavra, apanhou alguns recortes de jornais e me deu. "Leia isso" — disse êle.

Para Guy Madison, aquelas criticas poderiam ser tudo menos lisongeiras. Tentei dar uma explicação para o fato, mas êle me interrompeu.

— "Êles estão certos... completamente certos" — foi tudo o que êle disse.

Muitos astros, mesmo os que vieram do teatro têm mêdo das platéias dos Estados Unidos. A platéia cinematográfica é fàcilmente satisfeita, mas a teatral é diferente. Pouco tempo atrás, Guy manifestou desejos de trabalhar novamente numa "stock company".

Embora contra a opinião de sua agente, começou a viajar na companhia que estava apresentando "John Loves Mary". Quando regressou, seis semanas depois, trazia um sorriso estampado na face. Mostrou as criticas à Helena e, desta vez, os antropófagos do teatro, digo, os críticos, sòbriamente diziam que Guy já pode ser considera um bom ator, tendo desenvolvido a sua própria personadade.

Depois do casamento, Guy e Gail resolveram tirar umas férias que foram passar na ilha de Catalina, onde passaram a lua-de-mel caçando porcos selvagens e bodes. Pela primeira vez, em cinco anos Guy Madison saiu de Hollywood para divertir-se.



GUY MADISON
Menos um solteiro para Hollywood

Todo êste tempo permanecera estudando arte dramática e empregando todos os seus esforços a fim de conseguir o seu intento. Casou-se. Para provar o seu grau de confiança neste casamento, sòmente é necessário citar o que êle respondeu a um amigo que lhe desejou felicidades após a magna cerimônia:

— "Meu amigo, agradeço imensamente todos os seus votos de felicidade. No entanto, modéstia à parte, se eu fôr tão feliz no casamento como tenho sido no cinema, não tenho com o que me preocupar..."



Um dos prazeres favoritos de Gail Russell é tomar banhos de piscina, situação que ela resolve fàcilmente, banhando-se num lago próximo à sua residência.



Gail é uma das garôtas mais interessantes da tela — fora da tela. E Guy Madison descobriu isso em tempo, levando-a ao altar, apesar do prolongado romance.



Helen Ainsworth viu Guy pela primeira vez na capa de um magazine naval e o levou imediatamente à presença de Henry Wilson, da Selznick.



Guy Madison têm frequentemente conversas a respeito dos problemas de sua carreira. Para a maioria dos atores jovens, adquirir experiência é o essencial.

Rádio

ARMANDO MIGUEIS

O CONSÔLO QUE NOS RESTA

O carnaval está dominando nas emissoras cariocas! Cuicas e tamborins, pandeiros e ganzás, enchem o espaço vital que o "broadcasting" guanabarino reservava aos programas mais sérios. Intérpretes de todos os gêneros, levados pela avalanche das melodias carnavalescas, recolheram ao baú tudo quanto foge à festa magna do carioca. Enquanto isso, os compositores de nossos ritmos populares, numa perfeita conjugação de esforços, vão criando sambas e marchas, com os quais disputarão a preferência dos vassalos de Momo. Aliás, nessa preocupação de produzir, os autores dos números para a folia, utilizam-se de todos os motivos, daí a série de marchinhas alusivas a fatos pitorescos ocorridos no decorrer do ano. Nada escapa à argúcia dos compositores que, meses a fio, vivem colecionando tudo quanto lhes possa servir de carro de frente para o tríduo momesco.

Mas, nem sempre o grande público aceita essa antecipação, desforrando-se à última hora, quando faz prevalecer sua preferência por um número que, ao contrário dos outros, não foi martelado nas emissoras guanabarinas. Tal experiência tivemos nos dois últimos anos, quando os carnavalescos foram buscar em composições não gravadas, as melodias para a brincadeira de rua. Levados por êsse motivo é que alguns compositores produziram em massa, visando, com êsse gesto, interessar o folião por um dos muitos números que escreveram. Luis Soberano, por exemplo, tem doze composições para o carnaval. Jorge Murad, por sua vez, está no páreo com cinco marchinhas e sambas. Não menor parcela deve ter Haroldo Lôbo que, todos os anos, concorre valentemente para a alegria dos súditos de Momo.

Com os microfones voltados para o carnaval, desinteressam-se as emissoras pelos grandes programas. Mesmo porque, não há margem para desviar a atenção dos patrocinadores para outro assunto. Teremos de aguentar até o reinado de Momo, tudo quanto venha com o rótulo de carnaval. Porém, no balanço final, restar-nos-á o consôlo do desprêzo que o grande público devotou à maioria de marchas e sambas.

SETE NOTICIAS

★ Francisco Anísio incompatibilizou-se com a direção da Rádio Mayrink Veiga, vendo-se obrigado a procurar outro galho... Isto, depois de açambarcar a programação noturna da PRA-9, com uma série de «broadcasts» que não chegou a convencer, dado o sentido impresso aos mesmos. Com a saída de Francisco Anísio, é possível que a direção artística se lembre do valor de Hélio Tys e Edgard G. Alves. ★ Não chegaram a bom têrmo os entendimentos entre a Rádio Globo e a dupla Lauro Borges-Castro Barbosa. Daí, a PRG-3 entrar no páreo para a conquista da popular PRK-30, tarefa que se tornou fácil, uma vez que a conhecida dupla desinteressou-se pela renovação de contrato com a Nacional. Dessa maneira, a PRK-30 está funcionando na onda da Tupí. ★ Luís Americano aborreceu-se com a Mayrink Veiga, após treze anos de ininterrupto trabalho ao microfone da veterana PRA-9. Sem levar em conta a questão de estabilidade, o conhecido músico bateu às portas da Justiça do Trabalho, a fim de receber a indenização a que tem direito. Quem tiver pretenções ao rochonchudo clarinetista é só fazer a proposta. ★ Adelaide Chiozzo vai deixar a vidinha de solteira, unindo-se ao violinista Carlos Matos. E' que a vitoriosa acordeonista discordou de que a «vida de solteiro seja melhor». Assim, rompendo o celibato, a exclusiva da PRE-8 enfrentará uma pretoria nos primeiros dias de 1951. ★ A simpática Maria Helena voltou ao microfone PRF-4, afim de comandar o «big-broadcasting» de uma importante firma que, atualmente, está sendo redigido pelo radialista Alberto Montalvão. Ainda bem que os patrocinadores dêsse programa acordam a tempo, fazendo justiça ao trabalho da sóbria locutora. ★ O conjunto «Anjos do Inferno» andou difundindo a nossa música popular pelos diferentes países latino-americanos. No México, por exemplo, a guapa rapaziada obteve estrondosos êxitos, a ponto de adiar, por várias vêzes, o retôrno à Cidade Maravilhosa.

Agora, após desembaraçar a bagagem, o conjunto assinou contrato com a Rádio Globo. ★ Locutores que renovaram contrato com a PRE-3: Jonas Garret, Antônio Requião, Hugo Rudolf, João Ricardo, Américo Vilhena, Mário Luiz e Cid Camargo. Todos estarão presos à emissora dos 1.180 quilociclos por mais dois anos, se Deus quiser.

MINHA OPINIÃO



LEON ELIACHAR
Em licença na Tupí

E' realmente engraçado como se faz humorismo no nosso rádio. De uma forma geral, o panorama não é lá muito animador, pois os interêsses comerciais e financeiros ainda são obstáculos que vêm gradativamente sendo vencidos. Faz-se humorismo como quem faz novelas; criam-se complicações e situações difíceis que, ao invés de serem solucionadas com um tiro e uma lágrima, são resolvidas com uma piada, geralmente de muito mau-gôsto. Mas, serão realmente engraçados os programas que ouvimos no rádio e que são levados ao ar com o rótulo de humorísticos? Temos de convir que não. Salvo pequena minoria, grande parte dêsses programas raramente provocam o riso sadio. E nunca o nosso rádio estêve tão repleto de programas engraçados como está atualmente. Os diretores artísticos, mais do que nunca, estão empenhados em oferecer ao público audições com finalidade de divertir. Mas, raramente, essa finalidade atinge o seu objetivo. Com pequenas exceções, a maioria dêsses programas contém piadas velhas, chavões habituais, situações idênticas, como se o humorismo estivesse esgotado e como se não houvesse outras modalidades de se conseguir o riso. Nessas audições, explora-se, antes, a personalidade de certos artistas de vozes cômicas e grotescas, como se a graça residisse exclusivamente no "modo de dizer", e não pròpriamente no "que se diz". Verdade se diga, o senso de humor dos programas deve repousar "oitenta por cento" no texto, sendo os outros "vinte por cento" divididos entre a apresentação, a direção e a interpretação do conjunto. Piadas maliciosas de duplo sentido devem ser ba-

DE QUINTA À QUARTA-FEIRA

	TITULO — EMISSORA	DIAS — HORARIOS
PROGRAMAS	CONSELHOS E CONFIDÊNCIAS Rádio Mauá	Tôdas as quintas feiras, às 17,30
	VELHOS TEMPOS Rádio Tamoio	Sextas-feiras, depois das 21,15
	NÃO ESTAMOS SÓS Rádio Nacional	Todos os sábados, às 21,05
	TOQUE, MAESTRO! Rádio Tupí	Todos os domingos, às 19,30
	RITMO Rádio Globo	As segundas-feiras, às 21,05
	CRUZEIRO PELOS TEATROS Rádio Cruzeiro do Sul	Tôdas as terças feiras, às 22,00
	POESIAS E MISTÉRIOS DA CIDADE Rádio Minist. de Educação	Quartas-feiras, a partir das 21,30
NOVELAS	BRAÇOS VASIOS Rádio Mayrik Veiga	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 12,30
	TERRA ESQUECIDA Rádio Tamoio	Segundas, quartas e sextas-feiras, às 20,30
	ESCRAVO DO DESTINO Rádio Globo	Terças, quintas e sábados, às 13,30

nidas definitivamente do sem-fio. Pseudo-humorismo, feito à base de pimenta, deve ser abolido. A graça deve repousar, antes, no verdadeiro senso-de-humor do que na audácia de dizer coisas inconvenientes e que encaminhem o raciocínio do ouvinte à imoralidade. Mas, acontece que a direção das emissoras não dá a devida atenção nem o devido apoio aos que podem realmente fazer um humorismo sadio e eficiente. Elementos há, de relativa capacidade radiofônica, que tomam a si a responsabilidade de criar dois ou três programas cômicos por semana, encontrando apoio nos magazines que circulam pela cidade, com adaptações infelizes, explorando o recurso de vozes sofisticadas e ridículas na criação de tipos. A verdade é que os tipos se consagram, mas os programas jamais se firmam no conceito do público. Citar exemplos seria dispendioso e comprometedor — pois, mais do que nós, os próprios diretores das estações de rádio e o próprio público ouvinte sabe disso perfeitamente. No entanto, e para orgulho da classe radiofônica, existem produtores de mérito nesse setor tão difícil da arte de fazer rir. Porque se deve provocar o riso com verdadeiro senso-de-humor, sem prevalecer-se dos recursos abomináveis da pornografia disfarçada. O mais, amigos, não passa de mera tentativa de fazer rir, de mera experiência — desastrosa demais para os espíritos mais lúcidos e comprometedora demais para o próprio rádio.

FÓRA DA ONDA

CASOS E FATOS DA TELEVISAO . . .

★ Pelas esquinas de Manhattan corre um boatinho, cada vez mais insistente, no sentido de que o comentarista Walter Winchell vai fazer um filme. Segundo se diz, o filme será produzido ainda êste ano pela 20th Century Fox.

★ Alguém perguntou a um diretor de televisão nos Estados Unidos porque não contratava Rita Hayworth para um programa. A resposta foi esta: «Você tem visto as últimas fotografias de Rita? Ela está gorda comò carteira de milionário... Seria um fracasso e uma decepção para os fans».

★ E por falar em gordura, Sid White comenta: «Se Deanna Durbin ainda pretende filmar, é melhor que comece a fazer regime para emagrecer...»

★ Perguntado sôbre o que pensa da televisão, Groucho Marx respondeu: «Acho que a TV é muito educativa. Cada vez que alguém lá em casa liga o receptor, eu vou para outro quarto ler um livro...»

★ Bob Hope diz o seguinte: «Não creio que eu seja jamais um grande êxito em televisão. Sou muito pequeno para ser um campeão de luta livre e muito grande para ser um marionete...»

★ O comentarista Gabriel Heatter está agora dizendo o anúncio comercial do comentário que faz. O patrocinador achou que assim conseguirá ainda maior simpatia para o produto. O locutor de Gabe achou bom. Mas os críticos estão dizendo que Gabe lê um anúncio como se estivesse revelando o verdadeiro sentido das operações militares na frente da Coréia...

★ Se vocês querem saber qual é uma canção que vai fazer sucesso no rádio norte-americano, e que não tardará em chegar por aqui, eu lhes conto: é «A Vaca Elsie», Elsie, the Cow. A gravação vai ser feita por Eddie Davies, o maestro Le Coq Rougue...

EM CUBA É ASSIM...

O govêrno e as emissoras de Cuba estão de mal... E' que o presidente promulgou um decreto regulando a propaganda política pelo rádio, e as emissoras não gostaram. Não gostaram e deram entrada a um protesto junto ao Bureau de Rádio.

Se bem o decreto seja longo, o principal ponto de discussão é a cláusula que ordena às estações concederem tempo de irradiação a qualquer cidadão que se sinta injuriado, ou lesado em seus direitos, por alguma transmissão da emissora. Assim, se a estação irradiar um comentário dizendo que o dr. Juan de Los Palotes é um político desonesto, o dr. Juan de Los Palotes tem direito a defender-se pelo microfone da mesma emissora, durante igual tempo, em horário igual.



DEANNA DURBIN
Precisa perder um pouco de banha

A objeção das estações baseia-se na alegação de que o govêrno não tem competência para intervir desta forma na vida de uma emissora. Sòmente os tribunais do país, dizem as estações, têm competência para determinar se uma pessoa foi injuriada ou não. Sòmente se os tribunais determinarem que houve injúria, prosseguem as estações, o govêrno terá o direito de ordenar à emissóra que conceda tempo ao indivíduo injuriado para que replique.

Falando em nome dos radialistas cubanos, Goar Mestre, presidente da CMQ, declara:

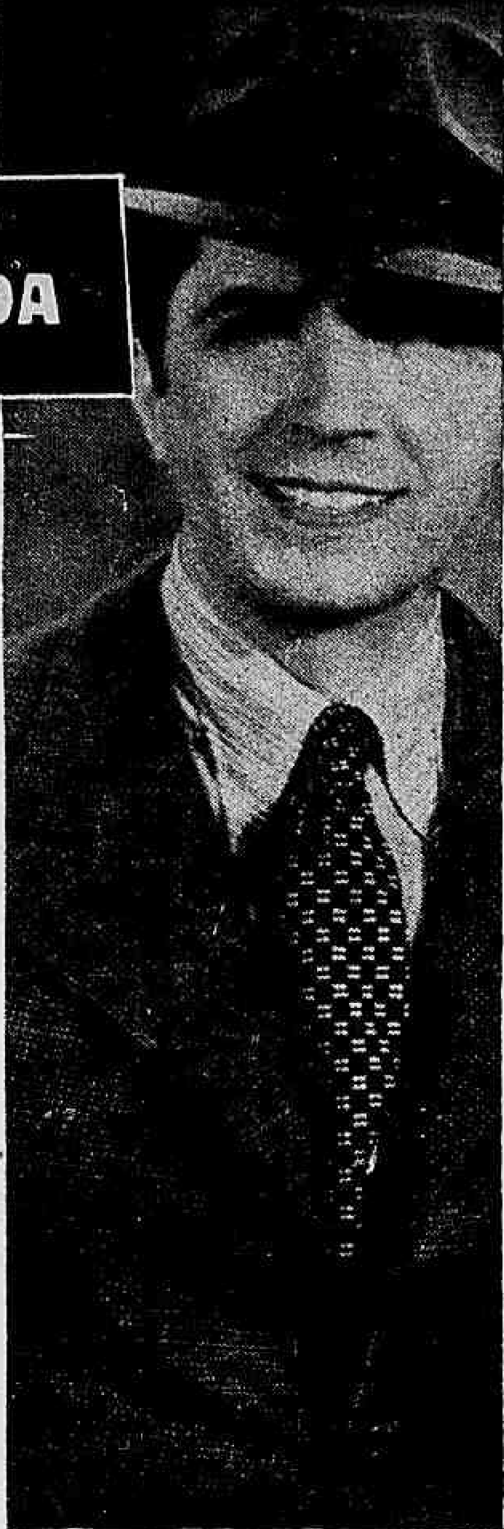
Tôdas as estações estão dispostas a permitir que qualquer pessoa que se sinta insultada ocupe o microfone para defender-se. Na verdade, isto é já uma praxe do nosso rádio. Mas nós não podemos permitir que o govêrno se meta dentro das estações creando uma espécie de censura sôbre matéria que só compete às côrtes decidir».

Mestre admite que o rádio cubano freqüentemente se excede em sua linguagem, atacando personalidades e instituições em forma pessoal. Mas a solução, diz Mestre, «não é uma lei especial sôbre o rádio, e sim a ampliação da atual legislação sôbre insultos, calúnias e etc.»

AVISO AO GENTLEMEN

Agradecemos e retribuimos os votos de Feliz Natal e Ano Bom que, como sempre acontece, nos chegaram às mãos.

ARA ALÉM DA VIDA



CARLOS GARDEL
Expressão máxima do tango

CARLOS GARDEL
O ÍDOLO INESQUECÍVEL

DEPOIS DE PASSADOS QUINZE ANOS DE SUA MORTE CONTINUA SENDO O MAIOR CANTOR POPULAR ARGENTINO DE TODOS OS TEMPOS ★ UMA RUA E UM MONUMENTO DIRÃO DA ADORAÇÃO DO POVO PELO "REI DO TANGO" ★ EM 1950: RECORDE DE VENDAS DE DISCOS. O "MÊS CINEMATOGRÁFICO GARDEL" ★ BREVES TRAÇOS BIOGRÁFICOS DO QUE NASCEU EM TOULOUSE ★ UMA FASE DE SUA VIDA SERÁ FILMADA NA FRANÇA.

De ALBERTO CONRADO — (Especial para A CENA)

BUENOS AIRES, dezembro — Existem palavras, adjetivos, conceitos, que se gastam como um maço de naipes pela fôrça de repetí-los. Lugares comuns, belos quando nasceram, porém falhos de sugestões ao largo da repetição sistemática que os tornam ineficazes. O «Nunca te esquecerei» pode ser, entre muitas outras coisas que entendemos como sinceras, algum fator que num par de semanas ou meses se transforme em nosso coração num lugar comum intolerável. Mas que o povo argentino olvidou a Gardel não é certo. Nada ficou pálido na sua recordação.

Continua sendo Carlos Gardel, vencedor da morte, sempre vivo. Tíbio, encorajador como uma mão de amigo ou uma frase de seus tangos. Nós, como estrangeiros e portanto com a maior curiosidade de observação, percebemos que o povo argentino não se resignou à sua morte. Sentimos e sabemos que cada dia que passa, cada disco que se toca no pick-up das broadcastings, ou se escuta nas vitrolas dos lares «porteños», que não é a dimensão das coisas longínquas, mas sim de algo que cresce perpetuando-se no bronze e no mármore, fazendo florescer as primeiras rosas, os primeiros sorrisos das garôtas bonitas. Gardel nasceu para o tango, e o tango se fêz maior na sua voz e no seu alento. O grande intérprete desde pequeno disse sua canção. E seu coração e sua alma compreenderam que deviam cumprir um maravilhoso destino: cantar, cantar sempre.

E assim se fêz ante o aplauso do mundo inteiro, vencido ante essa voz, ante sse gesto e essa emoção que fizeram famoso o nome de Carlos Gardel. A dívida que tinha contraído para com o tango foi pagando-a com moedas de emoção. E seu espírito, aberto às manifestações líricas do povo argentino, apoiou o nascimento de seus tangos que haveriam de fazer-se muito populares.

GARDEL PELAS RUAS DE BUENOS AIRES

Um dos irmão de Gardel escreveu um dia: «Se quer ver a vida côr de rosa coloque vinte centavos na ranhura». Referia-se irônico e com alguma amargura às máquinas do velho Passeio de Julho, que, pela soma indicada, oferecia ao depositário um grande número de fotografias cômicas. Era o chamado cinema individual. Hoje, passeando pelas ruas de Buenos Aires, frente às vitrolas automáticas instaladas nos cafés, pastelerias, boites, bares e leiterias, recordamos a frase. Mas não se põem os vinte centavos para o curto filme, para a breve exibição de oito ou dez postais com damas de compridos cabelos ruivos e cavalheiros de chapéu coco, mostrando suspeito sorriso. Não.

É para evocar a Carlos Gardel. Para voltar a ouvir pela centésima vez o tango que sabemos de memória. E nas mesas, nos reservados, na rua, na esquina, ali onde chega a voz de Gardel, se produz o silêncio sem premeditações.

E' algo assim como um punhado de flôres, sem nome, sem perfume, anonimamente jogadas à recordação de quem ouve sua voz. Assim passeia Carlos Gardel pelas ruas de Buenos Aires, sempre comunicativo e cordial. Gardel segue, portanto, imortalizando-se com suas canções. E como as canções não podem morrer, ali, eternamente viva, iluminada e profunda, está a voz do maior intérprete popular argentino, pondo como um beijo seu próprio coração nessa imortalidade que cumpriu quinze anos. Ou como preferem os argentinos, nessa imortalidade que tem agora a idade ideal das noivas...

BREVES TRAÇOS BIOGRAFICOS DA SUA VIDA

Foi em Toulouse (França), na antiga capital de Longuedoc, onde começou a existência daquêle, que com o correr dos anos, haveria de ser o maior cantor popular da Argentina. Passado algum tempo da sua meninice ruma para o Rio da Prata, embrenhando-se no coração de Buenos Aires. Foi morar no bairro pobre de El Abasto. Corria o ano de 1913. As vizinhas do lugarejo comentam o aparecimento de dois grupos rivais que se encontrarão num buteco para assistir o «desafio» de dois cantores de certo prestígio nas redondezas. Um dêles era o Oriental, de Balvanera Sud, o outro, «El Morocho del Abasto». Cantam e cruzam-se as apostas e os «bacanas» da época ameaçavam transformar o duelo de guitarras em briga de navalha, mas a mútua admiração vence e o juiz declara o empate da contenda tangista. Assim nascia o famoso duo Gardel-Razzano. Extensas tournés artísticas os levam dos butecos para os restaurantes e os teatros de terceira categoria. Cantando nos trens regressam a Buenos Aires. Daí são apresentados no café-concerto Almenville e de salão em salão o duo vai ganhando fama. Europa os queria ver juntos. Paris, Nápoles, etc., mas Razzano, com quem mantinha



ardel levou na sua voz o tango a Paris e a Cidade Luz chorou ao ouvir «Por una cabeça»



As estações emissoras argentinas prestam sucessivas homenagens ao grande cantor fazendo revivêr seus êxitos.



NO FILME «CUESTA ABAJO»
Carlos Gardel representava a própria alma de sua pátria.



«SE CHAMAVA CARLOS GARDEL»
Roberto Escalada no filme biográfico do grande artista.

uma amizade indestrutível, encontra-se num sanatório. Razzano perdeu a voz e o duo se desfaz. De êxito em êxito, de tango em tango, Carlos Gardel foi conquistando todos os favores da fortuna. Ganhava amigos com seu sorriso sempre na flor dos lábios e sua extraordinária generosidade. Seus discos, suas frases, suas piadas, tinham logo uma popularidade muito grande. Menino mimado, sentiu um dia que se tinha conquistado tudo, se ninguém lhe discutia a posse do cetro do cancioneiro argentino, seu coração estava órfão de amor de uma mulher. Não foi culpa sua. Quiça a glória impõe um preço demasiadamente caro. E naquelas milhares e milhares de admiradoras que ao largo de sua carreira, nos seus espetáculos em Buenos Aires, Paris, Nova York, etc., admirando-o através de seus discos e de seus filmes, chegaram a acercar-se ao cantor, faltou, por tremenda coincidência, a ternura, a dulçura e o sentido do amor que cativa.

Conta-nos Razzano, ainda vivo, que uma vez falando a Gardel, disse-lhe: «Carlos deves casar-te... deixar um sucessor para o tango». E àquela vez pgou-se o sorriso do cntor. «Deus queira — expressou — Deus queira. Mas até o momento não tenho encontrado o amor». Nem amor nem filhos. Talvez isso explique o muito de sua emoção, da dôr que deixou Gardel em quase tôdas suas composições.

A sua voz conquistou todos os públicos. Mas ao voltar para Buenos Aires, da sua extensa excursão, a tragédia o agarra em Medellin perecendo carbonizado no avião que o devia transportar para a capital argentina. A notícia do acidente cobre de luto tôda a América e em Buenos Aires o velho Razzano escuta alguém que assoviando um tango lhe traz a recordação do ausente. «Gardel não morreu, está nessa música sincera, humilde... Sua alma não nos deixará jamais porque Gardel está no povo e o povo não morre nunca...».

SUA VIDA SERÁ FILMADA NA FRANÇA

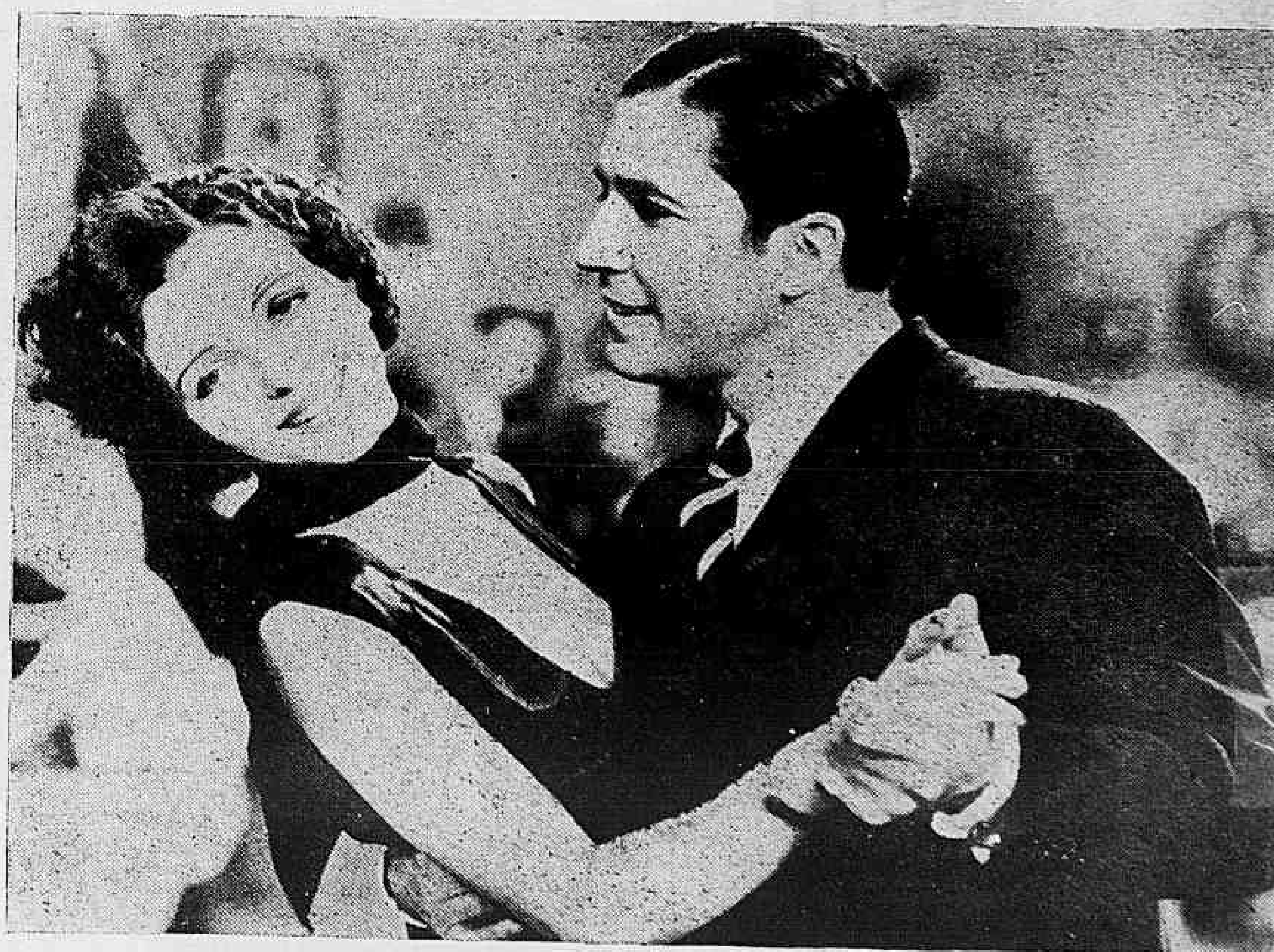
O cinema, a crônica, a inspiração do povo, a biografia e a novela, tem visto Gardel sob os mais diversos aspectos: tem-se focalizado os rasgos mais salientes de sua vida. Se fêz de Gardel no cinema como triunfador, como o garôto que se assoma às primeiras lides do canto com a guitarra na mão em modesta atitude. Se lhe tem visto e ouvido cantar das mais diversas formas. Agora se anuncia algo totalmente diferente. Agora se poderá ver a «Gardel, o de Toulouse», o menino que nascera naquela velha cidade francesa às margens do rio Garona.

Gardel gostava de voltar a Toulouse. O que saira menino e regressava homem se tinha tornado argentino. «Gardel, o de Toulouse» era tão argentino como o que cantava, como sua vida mesmo, como seu porte. Mas a origem esplica uma coisa sumamente interessante. A França tem dado ao mundo uma lista interminável de grandes intérpretes da canção: da canção em si qualquer que seja a sua procedência.

A forma personalíssima de Gardel cantar e crear, tem talvez sua razão de ser na raiz francesa de sua origem. Ninguém como êle dava êsse tom ao tango: ninguém como êle encontrava o justo ponto da emoção; ninguém como êle elevava o dramático e o tema. E o povo entendia isto, ouvindo-o cantar. Por isso se lhe escutou; por isso se lhe escuta; por isso se lhe seguirá escutando.

UMA RUA E UM MONUMENTO EM SUA HOMENAGEM

Uma rua e um monumento. Uma rua qualquer da cidade. E nela, o mármore atestando a presença viva do ídolo caido em Medellin. Foi um ídolo tão brilhante que da mesma forma que o aclamaram durante sua existência, todos quantos se puseram em contacto com sua arte, o choraram na hora tristíssima da sua morte. Ricos e pobres, porque Gardel os aglutinava com a maravilhosa sugestão de sua voz ao cantar un tema «criollo». Junto a tantas homenagens que se lhe oferecem, com os festivais em sua memória, programas diários de rádio, o «Mês cinematográfico Gardel», onde repõem todos os filmes do artista, esta que se lhe presta agora assume os cotôrnos da funda sugestão. E' o povo com seu dinheiro e por intermédio de suas autoridades, que vão tributar-lhes as honras que ainda não se lhe tinham ofertado. Uma rua e um monumento, de onde sua recordação se fará mais eterna, talvez a mais querida que conserva a Argentina de um artista popular...



GARDEL e MONA MARIS
Atribui-se a atriz uma grande paixão pelo «Rei do Tango»

NASCE UMA ESTRÊLA

ARAÇARY DE OLIVEIRA VAI FILMAR UMA HISTÓRIA DE JORGE AMADO, DIRIGIDA POR CAVALCÂNTI, SÔBRE OS DRAMAS HUMANOS DOS CACAUEIROS DA BAHIA ★ A BELA E MIMOSA "STAR" ACREDITA NO CINEMA NACIONAL E FALA DE SEUS PLANOS E TRABALHOS FUTUROS ★ QUEM E' A JOVEM VENCEDORA DO CONCURSO DO VESPERTINO CARIOCA

Texto de ARMANDO PACHECO ★ Fotos de EMERICO NEMES

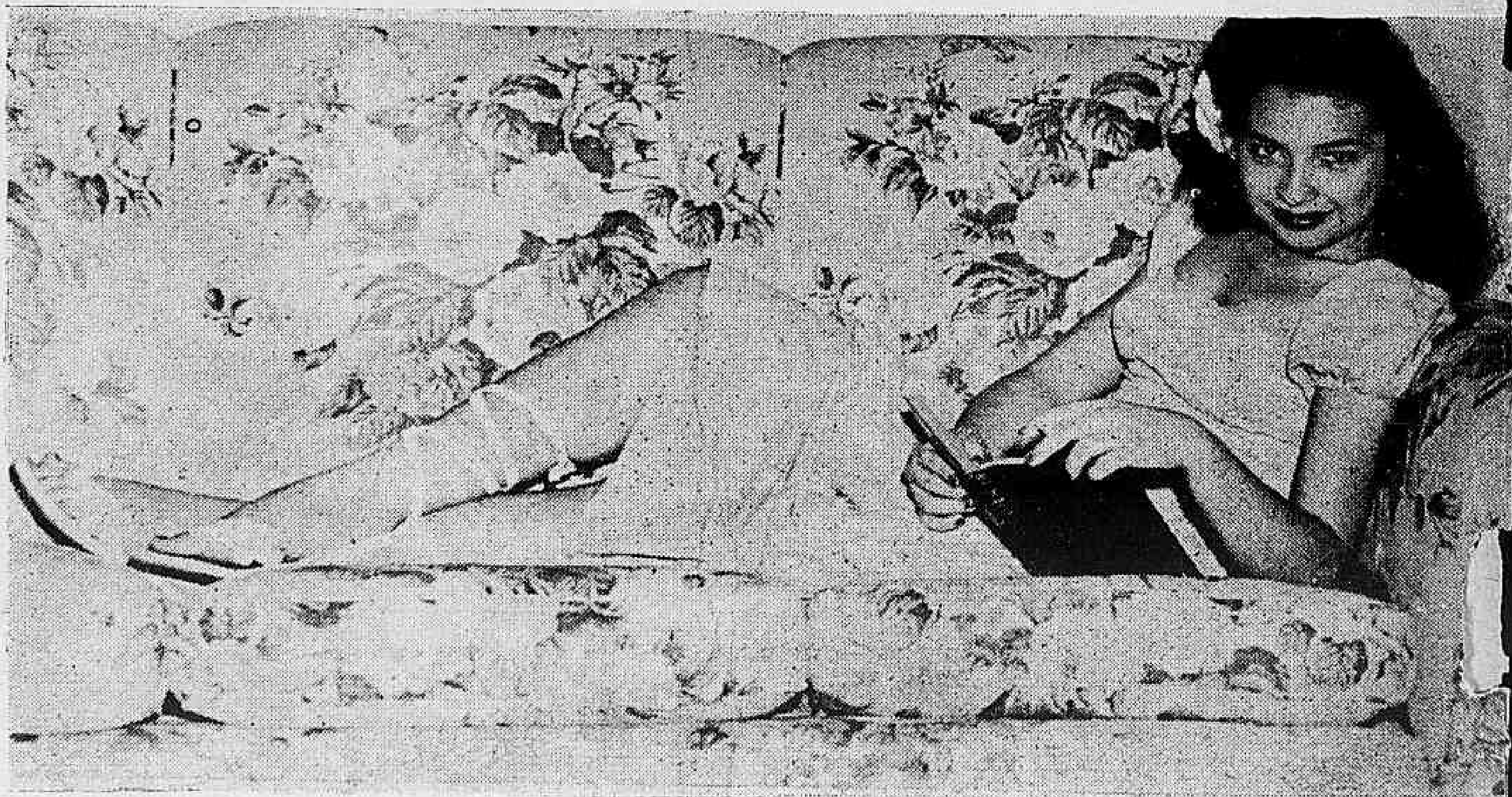
ARAÇARY de Oliveira é uma formosa jovem da terra de Iracema que desde cedo se apaixonou pela sétima arte. Para essa morena bonita, de ademanes e olhar feiticeiros, o cinema é uma arte bastante séria que deve ser cultivada com a mesmíssima devoção exigida dos virtuosos da música, da pintura, da dança, da poesia, do canto, etc., Por assim pensar, cultivou sua vocação e seu talento, dedicando-se, com rigor franciscano, aos estudos de dicção, interpretação, línguas, em suma, a todos os meios capazes de torná-la realmente uma artista. Suas risonhas dezoito primaveras e sua figura inconfundível brilham na constelação do cinema brasileiro. Nos «shorts» e longos trabalhos a que tem se submetido, a bela cearense se vem revelando uma estrêla que muito fará pelo reerguimento artístico-cultural da cinematografia nacional. Conforme depoimento insuspeito de alguns críticos que entendem, efetivamente, de cinema, como arte, Araçary está destinada não sòmente a fulgurar no Brasil como também em Hollywood. Como credencial, isso é significativo e convincente. Realmente, conquanto seja ainda a mimosa menina e moça, A. de O. tem demonstrado possuir predicados indispensáveis a uma «star» legítima.

COMO VÊ O CINEMA BRASILEIRO

Araçary de Oliveira, que surgiu no Rio depois de conquistar o primeiro lugar num concurso promovido pela «A Noite», lê, ensina, estuda e se interessa por tudo o que se refere ao **ecran.** Jornais, livros e revistas sôbre a sua arte publicados em tôdas as partes do mundo constituem sua biblioteca. Fora das horas de sono ela só vive para o cinema. Seus sonhos, dormindo ou acordada, são os seus planos futuros para a realização plena da sua carreira. Estudando e trabalhando, trabalhando e estudando, a jovem atriz vai vendo seu nome projetado no primeiro time onde brilham Eliane Lage, Tônia Carrero, e outras intérpretes de expressão continental. Araçary de Oliveira foi ver o filme de Alberto Cavalcânti, o retumbante «Caiçara» e saiu do cinema radiante com o que assistiu. Não podendo sopitar seu entusiasmo, declarou ao jornalista, seu amigo e fã, como qualquer homem mortal, normal e de bom gôsto estético:

— «Sempre acreditei no cinema brasileiro. Tanto que, sem dar ouvidos aos céticos e impatrióticos responsáveis pelo desestímulo ao trabalho insano que desde os dias de Humberto Mauro até hoje vem sendo heròicamente tentado num terreno se não estéril, pelo menos ingrato, juntei meus esforços e idealismos ao acêrvo de inestimáveis serviços prestados ao país por essa plêiade de abnegados que sofreram e fizeram do nosso cinema a realidade de atualmente. Desde que me entendo não tenho animado outra coisa: encorajar tão louváveis iniciativas de patrícios dignos. Até que enfim surgiu para o mundo êsse fabuloso Cavalcânti, êsse a meu ver perfeito «virtuose» da sétimaa rte. Quem viu «Caiçaras» compenetrou-se de que deixamos de fazer cinema para êste recanto do mundo e que graças

No palco do Municipal, com um de seus sorrisos, após uma aula de declamação lírica.



Araçary de Oliveira, talvez uma futura estrêla do cinema brasileiro, é amigo de livros e estudos.

ao valor de um Alberto Cavalcânti já lançamos cinema para o universo. «Caiçara» é uma maravilhosa «debut» da cinematografia verde-amarelo na projeção mundial. Rendamos, pois, graças a Deus, que fêz brotar de terras de Pernambuco, com vivência nos maiores centros cinematográficos, êsse brasileiríssimo Cavalcânti. «Caiçara» revela, além dos artistas preciosos que nêle tomam parte, um diretor que nada fica a dever aos Cecil B. de Mille, e que tais, europeus e ianques. Cavalcânti faz cinema com cinema, para cinema e pelo cinema. Eis a verdade.



Araçary de Oliveira vista pelo lapis do caricaturista Mendez.

PLANOS FUTUROS E FUTUROS TRABALHOS

Continuando, Araçary de Oliveira afirmou que, depois dêsse lançamento de Cavalcânti, o cinema brasileiro consolidou sua posição no continente e no mundo. Em seguida, a uma pergunta nossa a respeito de seus futuros desempenhos, informou:

— Estudo para isso. Mas meu sonho maior é trabalhar com e para Alberto Cavalcânti. Entrementes, estou à espera da ambicionada **chance.** Como você sabe, o brilhante cineasta Moisés Alves da Silva, um dos «reis» do cacau da Bahia, está vivamente interessado em filmar uma história da pena de Jorge Amado acêrca da luta do homem com a terra, no sul daquele Estado, e está estudando alguns «scripts», com desejo de convidar Alberto Cavalcânti para tornar tudo isso uma coisa concreta. Moisés Alves da Silva é um entusiasta do nosso cinema e, homem de espírito e de capital, tem animado carinhosamente diversos movimentos culturais em nosso meio, de modo que êle me convidou para estrelar seu filme, caso as coisas, isto é, seus planos, sigam o curso normal dentro da realidade ambiente. Gostaria muito de viver a heroína dessa história, cujo cenário são as fazendas de cacau, êsse ouro pardo, ou ouro marron, uma das riquezas do Brasil, ainda desconhecida do grande público do sul do país. Gostamos do chocolate que nos dá o marron-glacê e outras guloseimas deliciosas, mas ignoramos tudo a propósito do cacau, e Moisés Alves tem histórias fabulosas desenroladas nas fazendas que o produzem, com seus dramas humanos na voragem da luta pela vida. Haverá músicas de Dorival Caymmi, versos de Manuel Bandeira, palavras de Edmundo Lys, cenários de Mendez pintando moleques pitorescos, nascidos como cogumelos, sob os cacaueiros, enfim, artistas diversos participarão dessa

(Cont. na pág. 25)



Cena do filme «A Moreninha», onde a graciosa estrêla revela todo o seu encanto pessoal.

O UNIVERSO DE COCTEAU E O UNIVERSO CRIPTOGRÁFICO

De HENRY AGEL

A carreira cinematográfica de Jean Cocteau data de 1932: foi o ano de «Sang d'un Poete», espécie de memórias líricas que contém todos os temas de sua obra, tôdas as chaves do seu reino. Em 1943 Cocteau escrevia o argumento do «Barão Fantasma», em 1944, e do «Eternel Retour». No mesmo ano, fêz os diálogos das «Dames du Bois de Boulogne». A partir de 1946, Cocteau mete-se a fundo no cinema: LA BELLE ET LA BÊTE, RUY BLAS, L'AIGLE A DEUX TÊTES, DES PARENTS TERRIBLES, LES ENFANTS TERRIBLES.

Não se pode separar a obra filmada de Cocteau de sua poesia, nem de seu teatro. Seu universo é demasiado característico, demasiado marcado para não passar de um domínio para o outro. Se se quer perfilar os lineamentos desse mundo fechado, desse mundo absolutamente separado e cultivado como numa estufa, os textos críticos do poeta fornecem-nos ampla matéria de definição, muitas vêzes se esplicou sôbre essa vontade de desencarnação, essa pesquisa de uma ascese, que consiste em cortar tôdas as raizes que se ligam ao real, a êsse mundo de carne e osso, para evoluir em um clima inhumanamente puro, em um mundo branco e gelado, que é o do «outro lado». Trata-se de se introduzir por uma espécie de magia em uma esféra interdita, extra-humana: de «surpreender o anjo», de fraturar o invisivel. Um poema de Cocteau que define maravilhosamente o seu teatro — explica claramente essa tentativa, por si só».

Accidents du mystère et fautes de calcul
célestes, j'ai profeté, d'eaux, je l'avouce.
Toute ma poésie est lá: Je sécalque
l'Invisible (invisible à vous).

J'ait dit «Inutile de crier, haut les [mains!»
Au crime déguisé au costume inhamain;
j'a donne le contour à des charmes in- [formes
Des ruseś de la mort la trahison [informe...

Mas, como notou judiciosamente Marcel Raymound, essa ascese converte-se muitas vêzes em exercício, em jôgo, em preciosidade. Essa evasão transforma-se em um trabalho de virtuosidade, êsse «yoga» transforma-se em uma parada: não são senão arabescos aéreos, volteios surpreendentes, não há geometria no espaço, mas brilhantes fogos de artifício, não há alquimia lírica, mas voltas de magia divertida. Por muita que seja a sinceridade dolorosa do autor dos Enfants-Terribles, o caráter agressivo, provocador, e, sobretudo terrivelmente cerebral de suas exibições, ameaçam limitar o seu alcance.

A quase decepção que foram os Enfats Terribles, adaptados ao cinema pelo sr. J.P. Nelville, e o autor, levou-nos esperar Orphée com certa apreensão. São, assim hoje mais vivas nossa gratidão e júbilo por êsse sucesso mag-

(Cont. na pág. 22)



EXTORSÃO

Em frente a Golden State Departament Store, Jack fotografa os bandidos, enquanto realizavam o assalto. Depois, faria chantagem a Colton, o chefe.

Raramente ocorria às mulheres que o sorriso juvenil de Jack Early, sua deliciosa audácia, fôssem parte integrante de uma técnica que êle conseguira cultivar através dos tempos. Também o mesmo acontecia com a sua sinceridade, que não passava de uma máscara. Talvez residisse nas suas feições simpáticas e de um senso-de-humor que prendia, o fato de poucas mulheres notarem a dureza das linhas de sua bôca ou que os olhos eram completamente destituidos de qualquer calor.

Os homens conseguiam ver através do véu que encobria as suas ações e dêle desconfiavam imediatamente. Muitos se sentiriam prêsas de suas próprias palavras, se acaso desejassem exprimir verdadeiramente o sentimento que nutriam.

Esta manhã, entrando na redação do Herald de San Francisco, êle observou lisongeiramente para a moça que trabalhava no "guichet" de informações:

— Trocou o penteado, hein? Eu gosto dêsse!

Enquanto caminhava pelo corredor, em direção ao gabinete, em cuja porta estavam escritas as palavras "Editor de Fotografia", o par de olhos da moça das informações, orgulhosa pelo elogio, seguia-o, enquanto comentava com a outra moça ao seu lado:

— Êle está tentando arranjar um emprêgo aqui como fotógrafo! Gostaria de ver um sujeito daqueles trabalhar aqui...

Ellen Bennett, a atraente e jovem editôra de fotografia do jornal, inconscientemente, tudo fazia para destruir as esperanças da moça.

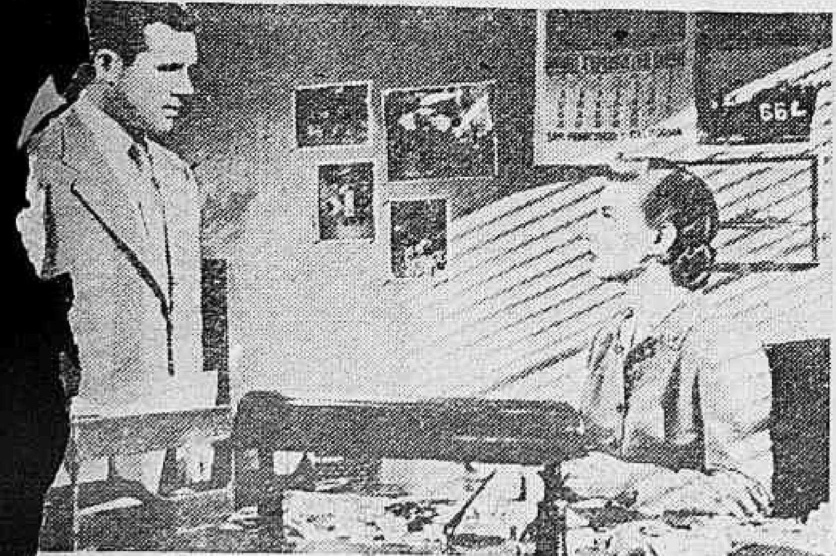
— Lamento muito, Mr. Early, mas o aconselharia a deixar de tentar. Não podemos empregar um fotógrafo sem nenhuma experiência de jornal.

— E eu não posso conseguir experiência sem antes arranjar um emprêgo — retrucou o rapaz quase implorando-lhe. — Olhe, Miss Bennett, não me posso *permitir* deixar de tentar — tirou uma fotografia do bôlso e a pôs em cima da mesa da editôra.

Ellen, de má-vontade, pôs os olhos na fotografia mas, imediatamente, no seu rosto se debuxou uma expressão de aprovação.

— E' ótima! — exclamou entusiàsticamente. — Creio que podemos usá-la — levantou-se ràpidamente: — Venha comigo.

Êle seguiu a sua esbelta figura através dos diversos departamentos da redação até o gabinete do Editor-Geral, onde ela lhe mostrou a foto.



A expressão de Ellen era entusiástica. Soerguendo os olhos para o fotógrafo, informou-lhe que talvez pudessem usar a fotografia.



Glover não estava muito interessado em empregar o novo fotógrafo, apesar dos pedidos de Ellen, a editora de fotografia. Estava com ciúmes



Jack não somente se interessava pelo dinheiro, como também pelo que o precioso metal podia comprar — certamente se referia, a Nita, espôsa

TITULO ORIGINAL:

SHAKEDOWN

E L E N C O :

Jack Early .... HOWARD DUFF
Nick Palmer .... BIAN DONLEVY
Ellen Bennett .... PEGY DOW
Colton .... LAWRENCE TIERNY
David Glover .... BRUCE BENNETT
Nita Palmer .... ANNE VERNON

Um filme da Universal International. Produção de Ted Richmond — Direção de Joe Pevney — Cenário de Alfred Lewis e Martin Goldsmith. — Baseado numa história de Natt Lallinger e Don Martin.



Até que enfim Nita era sua, pensou. Mas, nêsse instante viu a arma na mão da ex-espôsa de Nick Palmer. Ainda conseguiria desviar o rumo de seu destino?

— Olhe para isto, David...

Depois de um momento de concentração, o editor-geral soergueu o olhar, perguntando como Jack conseguira a fotografia.

— Aconteceu apenas que passei pelo local no momento exato — respondeu êle modestamente.

— Muito bem sr., seja lá qual fôr o seu nome, a fotografia está vendida.

Apenas, êle não pretendia vender a fotografia. Olhou para ambos, pedindo um pouquinho de compreensão.

— O que verdadeiramente desejo é um emprêgo. Dê-me uma oportunidade durante uma semana... experimentalmente... e a foto será sua.

— Gosto de verificar que existe ambição — interrompeu àsperamente Glover. — Mas isso não é coisa que se faça a um jornal.

— Perdoe-me. Veja, não tenho nenhuma experiência jornalistica — exprimindo a sua derrota com um gesto, levantou-se estendendo a mão para apanhar a fotografia:

— Você tem tudo planejado, não tem — perguntou Glover calmamente.

— Poderiamos usar um novo homem... — interrompeu ansiosamente Ellen.

Após uma ligeira pausa, Glover deu o seu consentimento, na base experimental de uma semana, virando as costas aos profusos agradecimentos de Jack.

No corredor, Ellen sorriu-lhe.

— Bem, vejo que conseguiu o seu desejo.

— Sinto-me como Aladim — respondeu-lhe Jack exuberantemente. — Você sabe. O tal "cara" da lâmpada. Foi só esfregá-la e logo apareceu um portador com o dinheiro do aluguel.

★

Mais tarde, no laboratório, êle estava examinando as fotografias que batera no local onde eram postos todos os cães apanhados na rua, quando um dos fotógrafos veteranos lhe falou amigàvelmente:

— Sou Fred Thurman. Se precisar de alguma coisa pode dar um grito — estendeu a mão e apanhou uma fotografia. — Odeio acidentes de rua! Não suporto a vista de sangue. Pode ficar certo que tirei essa com os olhos fechados.

Jack deu de ombros indiferentemente:

— Para mim, uma fotografia é simplesmente uma fotografia.

Quando êle levou as fotografias ao escritório de Ellen, não tirou os olhos do rosto da moça, dizendo amargamente:

— Não creio que nenhuma delas seja digna de uso... nem pensei que fôssem. E essa talvez seja a única oportunidade que tenho. Quis fazer um bom serviço... não tenho bastantes dias para desperdiçar. — Mudando repentinamente de assunto, perguntou: — A senhorita gostaria de jantar comigo? — como ela hesitasse, êle prosseguiu: — A *senhorita* tem alguma *objeção* contra a idéia de jantar comigo hoje?

— O sorriso com o qual ela embelezou as palavras era cativante:

— De maneira alguma... se você puder suportar a minha comida.

Escreveu alguma coisa num pequenino pedaço de papel que lhe entregou: — Êste é o meu endereço.

Sòmente depois de terminado o delicioso jantar àquela noite foi que êle notou a fotografia de um sujeito num quadro.

— Quem é êsse? — perguntou êle. — O seu senhorio?

— E' um dentista de Portland, e a sua fotografia está ali porque o amor e com êle espero contrair matrimônio.

— Dentistas — retrucou Jack — são pessoas que sòmente devem ser vistas duas vêzes por ano.

— Mas, não êsse. Vou a Portland todos os fins de semana em que consigo me livrar do jornal. Talvez dentro de uns dois meses...

Êle sorriu e disse:

— Uns dois meses? Isto não me dá muita oportunidade.

Ellen, novamente ornamentou a resposta com um de seus sorrisos.

— E' hora de você ir.

Jack levantou-se, indagando simplesmente:

— Ellen, você pode ser honesta comigo? Qual a razão dêste convite para vir hoje aqui?

Ellen foi atingida em cheio pela pergunta, sendo apanhada fora de guarda.

— Eu... eu... pensei que tivesse pena de você.

— Mentira número um. Sou uma incógnita... um fato que não deixa de a interessar — não dando atenção às negativas da moça, êle continuou: — Ellen, você está estragando-me para o resto do mundo.

Entregando-lhe o chapéu e a máquina fotográfica, ela o despediu:

— Você se arranjará.

— Eis um de seus maus hábitos — exclamou êle quando já se encontrava no umbral da porta — deixar sempre a chave da porta debaixo da esteira.

O ar delicado de sua voz desaparecera, tornando-se àspero e dominando tôdas as suas feições.

— Creio que é melhor você ir embora.

Gentilmente, Jack beijou-lhe a testa.

— Boa-noite, Ellen — cochichou.

Quando, no entanto, alcançou a rua e chamou um táxi, Jack já estava perdido no mar revôlto dos pensamentos. O que o acordou, na verdade, foi um bonito carro de passeio que zigue-zagueava através da rua, numa velocidade bêbeda. Tão certo estava o fotógrafo, que ordenou ao motorista que seguisse o carro, a fim de estarem no local do acidente no momento exato.

Então, aconteceu. Numa excavação de esgotos, o carro passou através das grades de madeira, despencando numa vala que ficava mais abaixo. Pulando do carro, Jack gritou para o chofer.

— Corra para um telefone e chame a polícia.

Quando êle desceu o pequeno precipicio encontrou o carro virado de lado e afundando ràpidamente. O chofer estava na porta de cima, gritando:

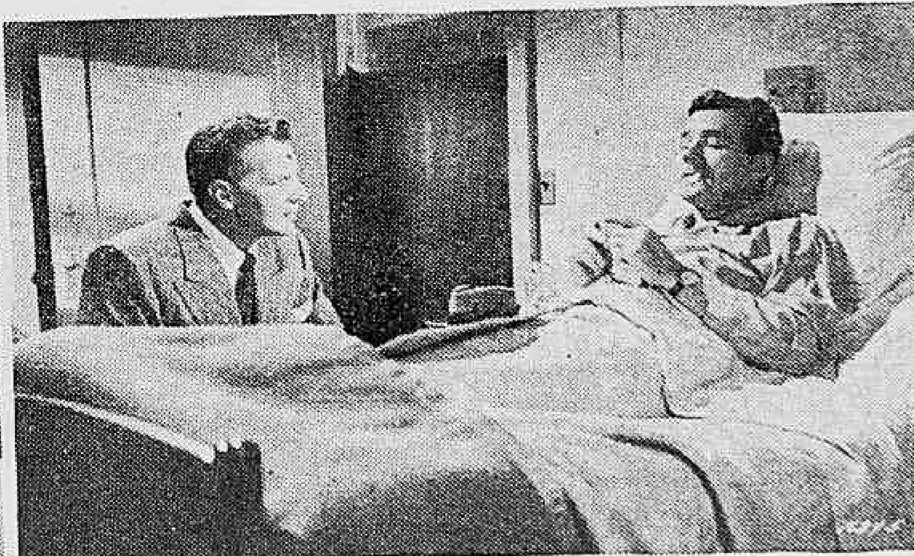
— Não posso sair! Socorro!

Jack apreciou a cena e então, deliberadamen pediu ao homem que pusesse a cabeça fora (janela, olhando para o céu, enquanto olha através do visor.

(Cont. na pág.



Jack dera mais um furo: conseguira fotografar a morte do conhecido malfeitor Nick Palmer. Nita lamentou a morte do espôso e jurou dar cabo do assasino.



O seu primeiro visitante no hospital foi Glover. O editor o acusou de que a fotografia fôra planejada, embora Jack não lhe desse importância.



O que você fêz com a fotografia do dentista? — Indagou Jack. Precisava fazer mais uma chantagem e a fotografia era a sua proteção.

A CENA MUDA — 4-1-51 — Pág. 15

ANTOLOGIA DOS CRONISTAS CARIOCAS

--- II ---

JOAQUIM MENEZES

Nome verdadeiro: Joaquim Raimundo da Costa Menezes.

Assina apenas Joaquim Menezes ou J. M.

Nasceu na Rua do Rangel, 160, no centro mesmo de Recife, Pernambuco, a 13 de março de 1920. Está, pois, na idade balzaqueana...

De familia pequeno-burguesa (o pai era médico).

Estudou no Colégio Salesiano de Recife, no Colégio Leão XIII e terminou os estudos secundários no Instituto Superior de Preparatórios (hoje MABE), do Rio.

Foi reprovado no exame de admissão à Escola Naval.

Cursou por dois anos a Escola Nacional de Agronomia.

Ganhou uma herança (cem mil cruzeiros) em 1937, abandonou os estudos e foi filosofar em Recife. Gastou a herança inteira...

Foi auxiliar de arquivista no "Diário de Noticias".

Serviu coro redator-telefonista da Agência Meridional.

No diário germanófilo "Meio-Dia" iniciou sua vida de repórter.

Seu interêsse pelo cinema vem de criança, mas começou a escrever sôbre o assunto em "Fôlha Carioca", fazendo criticas e "noticiando" em 1943. Hoje é Diretor-Comercial e critico do mesmo jornal.

Quando era aluno do Ginásio Leão XIII tentou, um dia, fazer um discurso politico defendendo a candidatura de Carlos de Lima Cavalcânti ao govêrno de Pernambuco. Além de vaiado, foi atacado a pedradas, e acabou no hospital. Desde então desistiu de fazer "discursos" politicos.

Gosta de escrever, especialmente reportagens sôbre teatro e cinema.

Se pudesse, trocaria o dia pela oite de muito bom grado.

Come pouco (apesar disso é um os cronistas mais gordos do Rio). ratos prediletos: feijoada e bahau, além de gulodices. Tem ror a miolos, rins, e coisas selhantes...

osta de auxiliar pessoas amigas. osta de ser cortejado. (?!!!?).

Também adora palestrar com mulheres bonitas, de preferência estrêlas de cinema e teatro.

Foi o "descobridor" de alguns talentos do palco e da tela como Natara Ney (hoje, estrêla da Cia. esquitinha e sua espôsa); Norma oreira (hoje, Norma Tamar, atualmente contratada do cineasta francês Abel Gance); Rosângela Maldonado, atriz de revistas.

Não gosta de quem fala a verdade a seu respeito e dos que lhe negam as virtudes.

Dos livros que leu e que mais aprecia, cita: "Rubayat", de Omar Khayyam; a "Bíblia"; "Crime e Castigo", de Dostoievsqui; "Eu e você", de Paul Géraldy; e o poema de Kipling "Se" (If...).

Em música aprecia Beethoven, Chopin e Strawinsky, Vila-Lobos. Em pintura, do que não se julga entendido, gosta de Van Gogh, Renoir e Portinari.

Também é apreciador de Shakespeare. E adora o teatro musicado.

Filmes que lhe deixaram mais grata recordação: "Intolerância", de Griffith; "Tabu", de Murnau; "Ladrões de Bicicletas", de De Sica, italianos; "Luzes da Cidade", de Chaplin; "Sem Novidade no Front", de Milestone; "Macbeth", de Orson Welles, americanos; "A Pérola", de Fernandez-Figuerôa, mexicano; "A Bela e a Fera", de J. Cocteau, francês.

Considera "A Sombra da Outra" de Watson Macedo, o melhor filme brasileiro. Pertenceu ao Tiro de Guerra do América F. Clube.

Já entrevistou Tyrone Power, Bob Hope, Annabella, César Romero, Antônio Vilar, Gianna Maria Canale, Mariella Lotti, José Mojica (antes e depois de botar a batina), Esther Fernandez.



Organização de SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Charge de JAIMESON

"Os Nibelungos" (Morte de Siegfried e Vingança de Cremilda), de Fritz Lang; "O Encouraçado Potemquim", de Eisenstein (Aizenstáin). Do que leu sôbre cinema, achou particularmente interessante: "O tratado da realização cinematográfica", de Leão Culechov; "O sentido do cinema", de Sérgio Eisenstein; "Argumento e montagem, bases de um filme", de Pudovquin; e alguns ensaios de L'Herbier e Malraux.

Filmoteca moderna de sua preferência: "Paisà", de Rossellini, e

Em companhia de Lana Turner, fêz uma farra em um sábado de carnaval, no Quitandinha, farra que terminou em terrivel confusão, com intervenção da policia, etc., etc.

Também já entrevistou quase todos os diretores e produtores de emprêsas cinematográficas que visitaram o Brasil.

Foi o fundador da seção de critica cinematográfica na revista "Vida Turista".

Não aposta em cavalos.

Gosta de pagar almoços para os conhecidos.

Sócio honorário de quase tôdas as agremiações carnavalescas do Rio, pois, além de cronista momesco (assina "Porquinho da India"), é um boêmio de primeira água.

Pertence a algumas sociedades secretas.

Não tem preconceito de raça.

Foi iniciador do concurso "Rainha do Cinema Brasileiro", apoiado por muita gente, e combatido por outros tantos.

E' a favor da bomba-atômica.

ANTOLOGIA

"CONSIDERAÇÕES SÔBRE O CINEMA NACIONAL"

"Conhecemos de perto as dificuldades imensas com que arcam os pioneiros da Sétima-Arte no Brasil. Sabemos das suas quase insuperáveis atribulações, a fim de conseguir alcançar os seus sãos propósitos artisticos, assim como a luta titânica — digna dos mais entusiásticos aplausos — que visa transformar o cinema nacional numa indústria que represente um orgulho para a nação.

Daí o nosso incentivo àqueles que colaboram, trabalham e realizam nos estúdios brasileiros. Daí o nosso mais irrestrito apoio aos realizadores conscientes que, sem ouvir as palavras de desencorajamento impatriótico dos eternos céticos e pessimistas, vêm palmilhando o seu caminho, na eterna busca do belo, na eterna ascensão para lograr captar as mais puras fontes da beleza, na jornada interminável, visando o maior aperfeiçoamento das formas da mais vasta forma de criação artistica: — o cinema.

O ano cinematográfico que agora terminou, foi, de certa maneira, auspicioso para aquêles que acreditam no cinema do Brasil. Tivemos oportunidade de ver nas telas do Distrito Federal celulóides de qualidade, de presenciar o esfôrço de emprêsas que procuram dar ao nosso público peliculas de conteúdo, abordando temas humanos, ou indo buscar na nossa literatura romântica — de tão nobres tradições — o roteiro para filmes que fogem à rotina. 1950 também foi o ano em que mais se falou em cinema nacional, em sua constante ascensão. E 1951 é uma grande esperança...

★

A A.B.C.C., a entidade magna dos cronistas cinematográficos, também promoveu a sua homena-

(Cont. na pág. 24)



Larry Germaine (cabelereiro), Mel Burns (maquilador) e Ida Lupino (diretora) discutem os retóques que deverão ser dados em Mala Powers, descoberta de Lupino, que estrelará seu filme de estréia como diretora: «Outrage». — (Fotos R.K.O.)



O produtor James T. Vaugh (ao centro) observa atentamente o que Marie Windor diz a Richard Denning a respeito da próxima cena a ser rodada no «set» de «Double Deal», da Bel-Air Production. Que será?

FLASHES

Há outra Neal, na família de Patrícia Neal que está principiando na estrada da fama. Seu nome é Emily e, elá é a prima da estrêla da Warner Bros., Emily que vive em Danville, Virgínia, escreveu um livro de poesias que já se encontra à venda. No outro dia, no «set» de «The Breaking Point», Patrícia Neal, muito orgulhosamente distribuindo vários poemas em provas ainda entre John Garfield e o Diretor Michael Curtiz. A propósito o livro será dedicado à Patrícia Neal.

★

Eve Arden conseguiu o seu primeiro serviço como decoradora, pois supervisionará o novo lar da estrêla da película em técnicolor da Warner Bros., «No, No, Nannette», (Tea For Two), Doris Day. Esta linda cantora comprou há pouco tempo uma casa situada em San Fernando Valley, que pertenceu a Martha Raye.

Durante uma palestra que Doris Day manteve com Eve Arden num intervalo de filmagens, depois de ouvir os seus conselhos, resolveu convidá-la para ser a encarregada da decoração de sua residência. Prontamente Eve Arden aceitou o amável convite, e, prometeu a Doris Day, que, assim que terminasse as filmagens iniciaria o trabalho. Ativa como é Eve Arden, no mesmo instante começou a planejar e a discutir o asunto com Doris Day, quase se esquecendo da chamada do diretor para reiniciar os trabalhos.

★

Durante os trabalhos de filmagens da produção da Warner Bros. «The West Point Story» uma das luzes caiu produzindo um barulho engraçado. Meio assustada e meio curiosa Virgínia Mayo perguntou: «Que foi isso?» Doris Day prontamente respondeu: «Alguém que desafinou».

★

Shelley Winters tem mantido o telefone do «Set» de «A Streetcar Named Desire» sempre ocupado com os seus chamados para Marlon Brando. Isto de acôrdo com a opinião dos que têm ouvido será mais um caso de...

★

Ruth Roman apesar de ser uma jovem de estatura elevada, para poder ser beijada pelo altíssimo galã da Warner Bros., Gary Cooper, na aventura em tecnicolor «Dallas», foi obrigada a usar um par de sapatos especiais, a fim de tornar ainda um pouco mais alta.

★

Michael Curtiz, um dos maiores diretores da Warner Bros., depois de assitir à notável produção da referida companhia, intitulada «The Glass Menagerie», disse: — «Êste filme é tão bom que deveria ser considerado duplo».

★

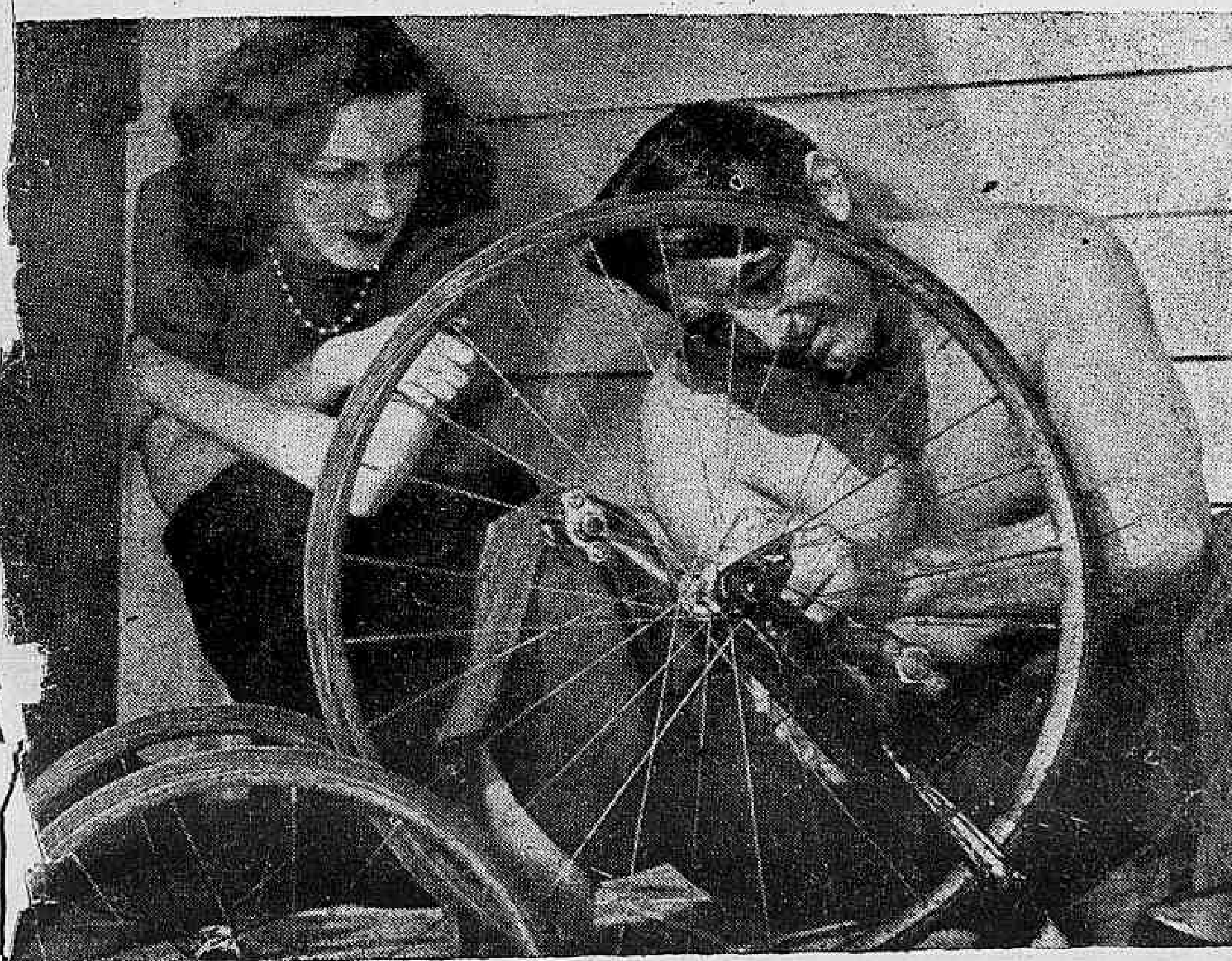
Bing Crosby e Bob Hope já estão de malas prontas para outra viagem cinematográfica, desta vez com destino a Paris.

★

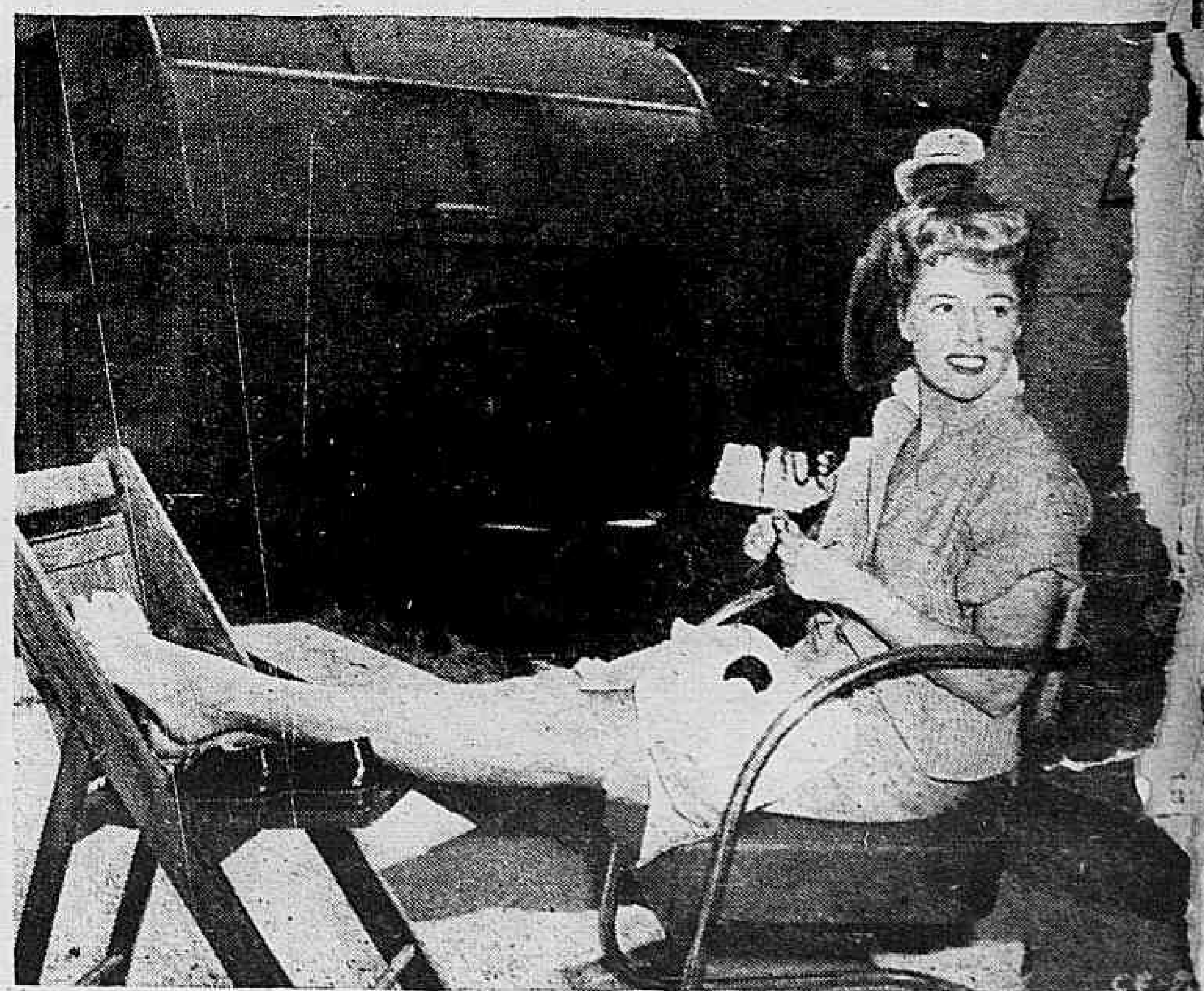
Betty Hutton, a estrêla de «Nasci para Bailar», que sempre foi muito supersticiosa, trocou o seu número de sorte, que era 13, para 16.

★

Montgomery Clift, que trabalha ao lado de Elizabeth Taylor na produção de George Stevens, «A Place in the Sun», teve o seu primeiro contacto com um espetáculo quando ainda garôto, visitou Saratosa, na Flórida, com seus pais e assistiu às exibições de um circo, estacionado lá por uma temporada de inverno.



Robert Mitchum faz a lubrificação das bicicletas de seus filhos, enquanto sua jovem espôsa Dottie o observa orgulhosamente. Vale a pena ter um «papai» assim, pensa ela...



Quando Janis Carter não está trabalhando diante das câmeras durante a filmagem de «Carriage Entrance», ela passa o tempo tomando banho de sol e fazendo tricô. — (Foto R.K.O.)



Lindaura, sensual como uma gata siamesa, sentiu-se entediada com o marido trouxa e vestiu-se para sair.

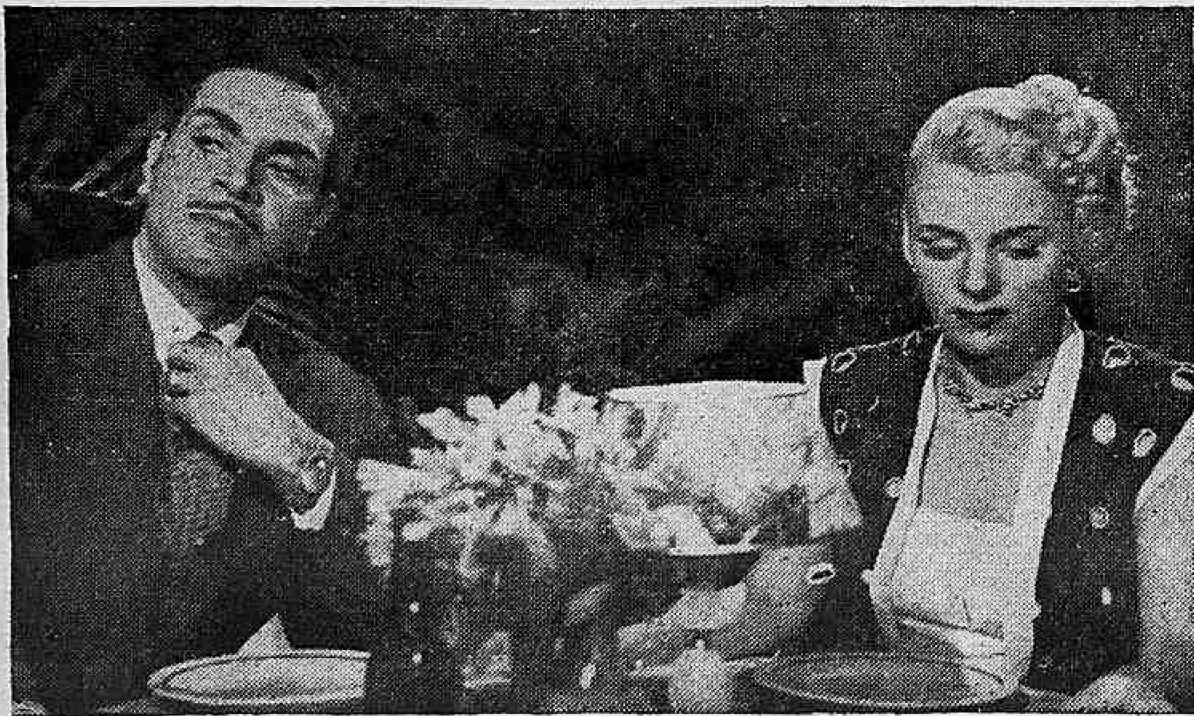
"O MEU DIA CHEGARÁ"

(PRODUÇÃO NACIONAL)

I

HÉRCULES era um sujeito infeliz. Sim, muito infeliz; não dessa infelicidade cocacolizada de certas fitas americanas, nem dessa choradeira infernal das novelas de rádio. A infelicidade de Hércules começava pelo seu nome. Magro que nem um palito, tremendo ao menor grito da espôsa ou da sogra, bancando chapeleiro nas horas vagas que lhe deixavam o seu cargo de enfermeiro de um psiquiatra, o nosso herói vivia uma vida de equívocos que, mal sabia êle, iria levá-lo a mil e um caminhos dos quais, antes, nem ao menos suspeitara de existência. Apesar disto, Hércules ainda assobia, faz ginástica diante do rádio que dita... uma aula de tricô... e assobia uma canção sentimental, cumprimentando o canário, que não vai lá muito com a sua cara. Quando a nossa história começa, Hércules faz o seu exercício matinal, antes de ir para o trabalho. A mulher, como sempre, dorme, langorosamente deitada na larga cama, na alcova, e só se levanta quando o marido preparou o café e azulou da casa.

Lindaura, chama-se a mulher do nosso herói. E' loura, uma dessas "boas" que quando passam pela rua a gente não se contém e larga um "fiu-fiiiiu" dêstes que parece nunca acabar. E' bonita, apesar de um pouquinho biruta e viver sonhando com uma hipotética carreira artistica



D. Pedro, toureiro e apaixonado nas horas vagas, sabia o que queria. E não estava disposto a deixar escapar aquela uvinha.



No jantar em casa de Lindaurá, D. Pedro contava com a cooperação da mãe (dela) para positivar sua posição...

que teria cumprido brilhantemente se não se houvesse casado com o herói da história.

Executando os passos, digo os pontos que o mestre de tricô recita no rádio, Hércules vê que aquilo não leva a parte alguma, perde o equilíbrio e lá vai uma panela no chão. De dentro, chega a voz da mulher, repreendendo-o. Hércules dá de ombros. Vai para a cozinha e prepara o café. Prepara tudo, leva outro pito da mulher que, vestida numa camisola vaporosa que lhe deixa admirar as formas, sai o nosso tràgicamente gozado cavalheiro de triste figura e vai para o batente que é, como já ficou dito, o consultório de um médico, onde exerce as funções de enfermeiro, classe A.

★

Por esta época, tomava a cidade a moda dos chapéus Gastonet, de Paris. E' excusado dizer que êsses chapéus eram fabricados aqui mesmo. Mas, todo mundo engolia a pêta de Gastonet de Paris e o nome significava qualidade. Lindaura mesma, a mulher do nosso herói, adorava os Gastonet. Mas nunca conseguiu nada a êste respeito, a não ser prospectos de propaganda. Para tanto, a sua mãe elogiava o Gastonet, na sua campanha de elogiar tudo que pudesse mostrar como era inútil o genro.

Entretanto, de repente, a câmera nos mostra a loja dos famosos chapéus Gastonet de Paris. E quem é Monsieur Gastonet? Garanto como, a esta altura, os leitores, já adivinharam de quem se trata... Isto mesmo, é o Hércules que, metido num avental, faz *misérias* na cabeça de uma pobre senhora desprevenida, encasquetando, num prodígio de equilíbrio, tudo que lhe cai nas mãos sôbre a cabeça da madame...

★

Artur era um mal elemento, amigo de Hércules. Encontrando-o na rua, leva-o, ou melhor, Artur convida-se a ir em casa dos Hércules e lá vão ambos para jantar. Lindaura, como sempre, não vai com a cara do amigo do marido. E a sua mãe faz o mesmo. Acontece que os nossos dois amigos se metem num tremendo pileque e o Artur aconselha a Hércules a ser homem e cantar de galo em sua casa. O nosso herói, porém, não é tão inimigo das próprias costelas para fazer tal asneira... Entretanto, no auge do pileque, êles se tornam insuportáveis. E, Lindaura, depois de insultar o marido, vai ao quarto, muda de roupa e sai. Os dois amigos ficam na orgiazinha, fazendo mil loucuras, ameaçando cair pela janela e outros divertimentos poucos salutares que sempre nos ocorrem quando bebemos algo mais que o recomendado pelo vigário local.

Lindaura vai pela rua, andando sem rumo, farta do marido, quando nota que um "cadillac-man" segue-a à pequena distância. Ora, já dissemos que a nossa heroina é bem moa e não é nada mal a gente dar em cima de um uvinha destas. O "cadillac-man", como todo sujeito desta espécie, é um tipo alto, moreno e simpático, cesarromereano D. Pedro, que salta do carro e dá a sua cantadinha em estilo na nossa amiga loura. E' um valoroso toureiro de Espanha e confessa-se ardentemente apaixonado por Lindaura. Ela recusa. D. Pedro, então, um tipo de maus bofes que anda com dois têi-bêi na cintura, diz que não se contenta com uma recusa e se houver outro homem na sua vida... ai dêle!

Enquanto isto, Hércules, metido na sua carraspanazinha com o amigo da onça Artur, começa a ficar preocupado com a saida da cara-metade.

Na rua, um pouco distante, Lindaura termina por aceitar o convite de D. Pedro e vai tomar um drinque com êle num restaurante bacana da cidade. D. Pedro, é bom confessar, é um tipo bem apanhado, dêsses caras que a gente não quer ver perto da mulher da gente nem enjaulados. Ademais, o rapaz não é nenhum modêlo de timidez. Vai logo avançando e diz que ama loucamente (isto tudo em castelhano, que fica muito mais "chic", já vêem vocês) a Lindaura e que a deseja sòmente para si e, para conseguir tal coisa, matará todos aquêles que se atreverem a passar no seu caminho. E exibe os dois queimantes, à Bill Elliot...

Elenco:

Hércules	*SPINA*
Lindaura	*JANE GREY*
D. Pedro	*RIBEIRO FORTES*
Sogra	HORTÊNSIA SANTOS
Artur	*PEDRO DIAS*

Argumento de Ginêto — Adaptação de Gino Tálamo e R Magalhães Júnior — Diálogos de R Magalhães Júnior — Direção de Gino Tálamo — Produção da NOVA TERRA

A música se desprende dos buraquinhos do alto-falante do rádio e invade o carro que corre, docemente, pelas ruas adormecidas. D. Pedro, arrojado como todo toureiro que se preza, faz confidências de amor ao pé do ouvido de Lindaura. E, ao deixá-la à porta de casa, insiste em entrar. Lindaura, temendo a tragédia, pois se D. Pedro soubesse que ela era casada com Hércules... Deus salve o Hércules! Afinal, consegue convencer o toureiro em férias a não acompanhá-la até a casa. Mas êle diz que no dia seguinte virá jantar com ela e pedí-la em casamento.

★

Mal refeito do pileque, Hércules vê chegar a espôsa, alegre e contente, como quem viu passarinho verde. Tenta bancar o homenzinho. Mas Lindaura resolve a parada em dois tempos e conta o seu encontro com D. Pedro. O nosso herói fica possesso e diz que matará D. Pedro se êle se atrever a aparecer em sua casa no dia seguinte. Então, Lindaura lhe conta a história dos dois queimantes...

Bom, encurtando a história, diremos que D. Pedro vem no dia seguinte e faz *misérias* na sala de Hércules que, aliás, é apresentado como irmão de Lindaura... e fica de lado. A sogra, por sua vez, dá uma puxadinha em grande estilo no toureiro de Espanha, roendo a sua cordinha de amôres pelo rapagão de bigodes que dança como ninguém... Na brincadeira de dançar pra cá e pra lá, Hércules tenta entrar na brincadeira, mas é atirado longe, como uma peninha. Artur não tem sorte melhor... E a dança continua. D. Pedro vai de vento em pôpa para a conquista da mulher do nosso herói e — para que negar, hein? — Lindaura parece estar topando noventa e nove, virgula nove por cento da "cantada" do outro.

★

Hércules, então, fica desolado. Mais um azar na sua vida. Não chegava tudo que lhe vinha acontecendo... Madre mia! E, juntamente com Artur, vai a procura de uma velha feiticeira que sabe tudo e é uma espécie assim de Pita de Delfos para prever as coisas. Embrenha-se no mato (deve ser lá por Caxias, onde a macumba dá sopa e a polícia nem liga) e Hércules se acocora diante da velha macumbeira. E ela diz a sua sorte: êle tem uma grande fôrça escondida no corpo. Quando esta fôrça vital fôr descoberta, o seu dia chegará... Remoendo esta esperança, Hércules regressa para casa, em companhia do seu amigo Artur.

E a vida continua. O nosso herói cada vez mais cada vez, isto é, cada vez mais passado para trás pelos dribles do "cadillac-man", que tem a sua mulher prêsazinha no beiço.

Neste dia, D. Pedro está para chegar. Convidou todos para um passeio de auto. A sogra está excitadíssima. Lindaura, entretanto, já começa a desconfiar que o nosso D. Pedrito não tem lá os miolos muito bem guarnecidos e não parece satisfeita com o seu impetuoso apaixonado. Entretanto, a esta altura da história o negócio é ir até o fim, mesmo para ver como isto vai terminar...

E quando D. Pedro chega, com todo o espalhafato de um toureiro entrando na arena, a turma reluta, mas termina aceitando o "convite". E se metem todos dentro do auto. D. Pedro, na frente, com Lindaura e, atrás, imprensados como sardinhas, Hércules, Artur e a sogra. Ta-ta-ta, o auto vai correndo pela estrada, D. Pedro sempre metendo as conversas, e, atrás, o marido ultrajado roendo as unhas, enquanto Artur injeta seu venenozinho. De repente... toc-toc... o motor falha. D. Pedro larga um palavrão qualquer e tenta consertar o carro. Todos procuram ver o que há. Nisto, para completar a brincadeira, desaba um temporal daqueles que costumam desabar em ocasiões assim, só de sujeira, e num instante todos os nossos infelizes heróis desta história ficam molhadinhos que nem pintos mergulhados em azeite. Lindaura espirra. Tadinha, gripou!... E começaram as recriminações.

★

E' doce a velhice quando se tem uma lareira e umas ala aquecida, e nós dois ficamos, os olhos nos olhos, as mãos nas mãos, silenciosos,

(Cont. na pág. 22)



Artur aconselhava Hércules a reagir e expulsar D. Pedro de casa. Que é da coragem, madre mia?

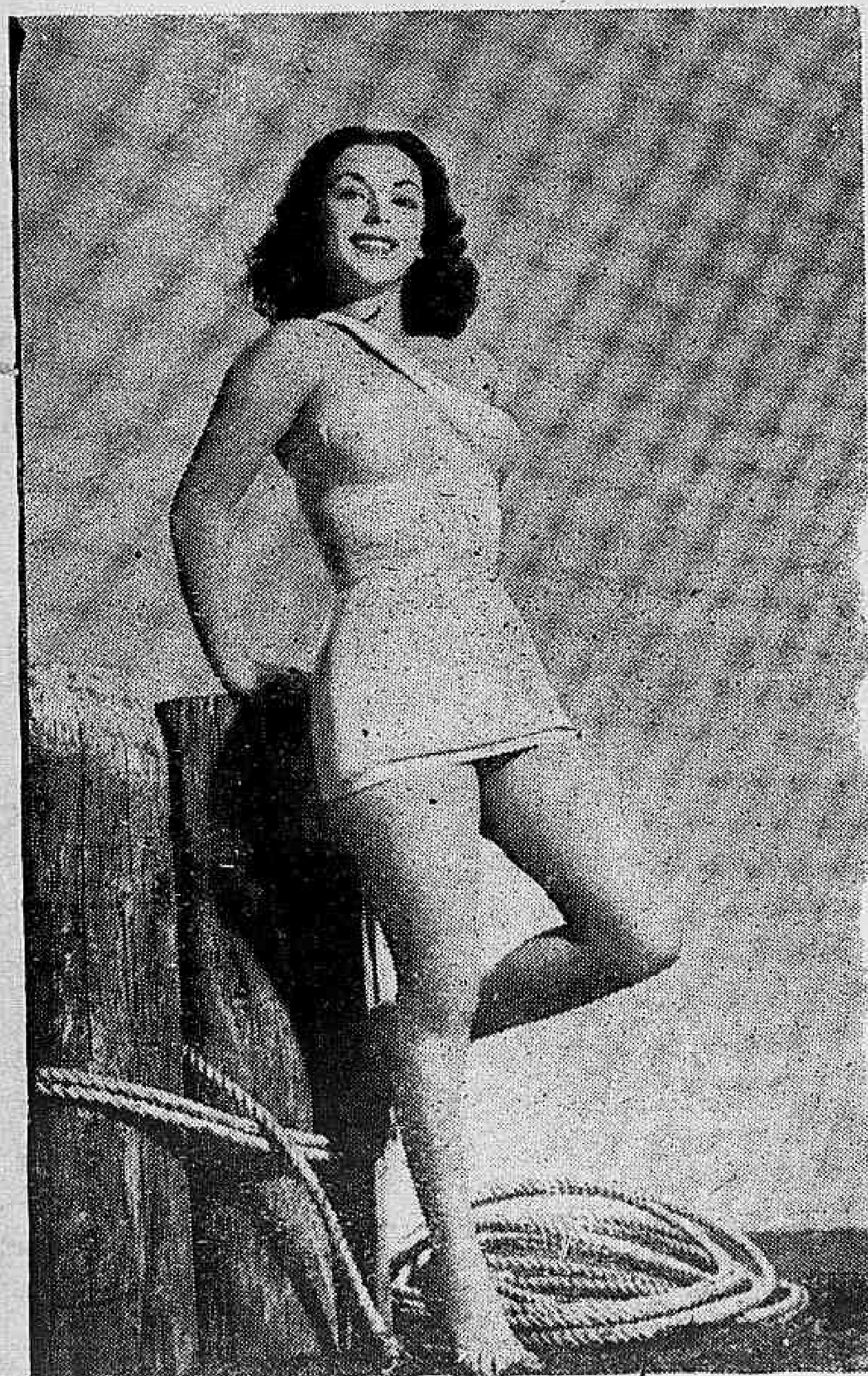


E, à primeira tentativa, o brutamontes apanhou o nosso herói pelo paletó e... viva o homem-foguete!









ESTELITA RODRIGUEZ

ESTELITA Rodriguez, cujo nome verdadeiro é êsse mesmo, nasceu na cidade de Juanara, em Cuba, numa linda e ensolarada quinta-feira de um dia 2 de Julho. E' morena, possue cabelos e olhos negros, mede 1,58 cents. de altura e pesa 53 quilos.

Essa autêntica «foguête cubana» cujo modo extravagante de cantar e dançar fizeram com que fôsse contratada para atuar nos mais famosos «nigh-clubs» de Nova York, dentre os quais o popularíssimo «Copacabana» e a tornaram conhecida entre o público daquela cidade, fêz a sua estréia cinematográfica no filme da Republic «Mexicana», atuando ao lado de Tito Guizar. A estréia profissional de Miss Rodriguez, entretanto, deu-se aos nove anos de idade atuando na estação de rádio CNP de Havana.

Apesar de ser filha de um ex-chefe de polícia e de não constar em sua família nenhum membro da ribalta, tanto Estelita como sua irmã Mercedes, deram provas de possuir tanto talento artístico, que ambas iniciaram suas carreiras como cantoras antes de atingir os 15 anos de idade. Uma terceira irmã de ambas está se preparando agora para seguir-lhes os passos.

Estelita, que é a mais velha das três, tomou parte numa película cinematográfica realizada em Cuba, quando contava apenas 13 anos, isto é, um ano após haver feito o seu «debut» como cantora e dansarina no palco do teatro Nacional de Havana. Aos 14 anos seguiu ela para os Estados Unidos e foi contratada para atuar no «Copacabana» onde permaneceu como «entertainer» durante o período de um ano. Apareceu depois no teatro Loew State de Nova York e mais tarde no Chez Paree, de Chicago.

Foi ali «descoberta» por um «caçador de talentos» de Hollywood e imediatamente contratada para atuar num dos mais importantes estúdios da Capital do cinema. Ninguém entretanto, havia dito a idéia de perguntar-lhe se ela falava inglês, e acontece que não falava...

Determinada a aprender de qualquer maneira a língua inglêsa, ela estudou tão afincadamente com os melhores professores de Hollywood que ràpidamente conseguiu expressar-se tão bem no idioma de Shakespeare como no espanhol.

Após as primeiras filmagens de «Mexicana», os chefes do estúdio da Republic ficaram tão entusiasmados com o seu desempenho não só como cantora mas tambem como artista dramática e cômica que a contrataram por um período de sete anos.

Estelita é casada com o conhecido cantor mexicano Cchuchu Martinez e o casal possue um lindo apartamento numa das colinas mais altas da Cidade do Cinema.

Os principais filmes de Estelita Rodriguez foram «Na velha Senda», «Aconteceu no Sertão», «Fogo de Emoções» e ainda inéditos, «Brotinho das Arábias» e «Hit Paraade of 1951».



A MAIS BELA DO MUNDO!

A coisa mais difícil no México é ver Maria Felix, isto porque ela sabe que é a mulher mais linda do mundo.

Fiz uma aposta com meus colegas americanos que havia de conversar, meia-hora, com a bela estrêla mexicana de "Enamorada".

Bati às portas que me podiam levar àquela jovem singular e arredia. A única coisa que consegui, foi uma entrevista coletiva. Já se vê que não ganhei a aposta. Mas não sosseguei, esperei Maria Felix na Igreja, nas corridas de cavalos, na modista, no cabeleireiro, mas em lugar nenhum pude abordar o meu único "destino", isto é, a coisa que mais almejava na terra azteca. Um dia soube, depois de dar gorda propina ao chofer de Maria, que ela iria aos estúdios da Filmex, em determinada hora. Algo me dizia que eu teria sucesso.

Ao me preparar para sair do hotel, parecia mais um "foca", arrumava papel, ajeitava o lenço no bôlso, apontava o lápis. Pensei em pisar a rua com o pé direito, mas, ao sair da porta, tropecei num pachorrento gato prêto e pisei a rua com pé esquerdo. Logo caiu uma chuva tremenda. Não havia táxi, fui de ônibus mas cheguei. Formando na mente o questionário, tive que discutir com o porteiro do estúdio... E, quanto mais eu rezava, mais a assombração me aparecia. Não é que até o "diabo" do porteiro estava ali para bancar o "trevo de quatro fôlhas"?

A discussão se foi acalorando e, quando já estávamos aos berros, um braço muscoloso me segurou por um lado e outro muito magro me segurou por outro. Senti-me perdido, mas aliviei-me ao ouvir a seguinte pergunta:

— És usted brasileño?

Com a cabeça confirmei, e olhando para aquêles que me prendiam, vi com satisfação os rostos risonhos do "Índio" Fernandez e Gabriel Figuerôa.

Ambos já me conheciam, pois dias atrás eu entrevistara Figuerôa e isto me serviu de salvo-conduto para avistar-me com a mais formosa mulher do mundo.

O grande relógio da Filmex registrava 9 horas, e eu ia para os estúdios ladeado pelos homens mais queridos da cinematografia azteca. Senti-me feliz quando Figuerôa, abraçado a mim, pegou pelo braço a "Deusa Ajoelhada" (que estava em pé), tirando-a do meio da turma, apresentou-me a ela, que por sinal não era tão inacessível como diziam os colegas. Diante daquela mulher, eu me senti estatalado. Ela é bela de fato! Muito mais bonita que na tela. O telefone chamou Emilio Fernandez e êle, de volta, um pouco aborrecido falou:

— Pedro Armendariz não poderá vir de manhã, portanto, vamos almoçar. Talvez ainda possamos fazer alguma coisa hoje.

Positivamente, o dia estava para mim, o que muito me alegrou, pois minhas superstições foram infundadas.

Fomos almoçar no restaurante do estúdio, e sentada à mesa, Maria Felix respondeu à minha primeira pergunta.

— Dentre as suas inúmeras fitas, qual delas lhe parece a melhor?

Simplesmente me respondeu:

— A que deverá ser lançada agora no seu país!

— ?!!

Diante do meu espanto ela continuou:

— Sim, "Rio Escondido" eu considero o meu melhor trabalho, tanto pelo valor do argumento, como pela direção do "Índio" Fernandez. Imagine você, que Emilio Fernandez requer tanta naturalidade que foram gastos quatro dias filmando a cena da minha morte, e eu estava vendo que seria preciso que eu morresse de fato para Emilio ficar "contente".

Emilio e Figuerôa riram a bom rir.

— E sôbre êste filme que acabou de rodar?

— Refere-se você a "Dona Diabla", não?

— Justamente.

(Cont. na pág. 24)

MARIA FELIX, com 28 primaveras conserva os traços de uma juventude extasiante.



Emílio Fernandez e Gabriel Figueiroa formam a dupla preferida de Maria Felix. E isso porque êles a tornaram mais linda ainda.

COLUNA DO FÃ

O FILME QUE EU NÃO VI...

E' comum ouvirmos por vêzes uma pessoa ao sair do recinto de um cinema afirmar que não gostou do filme pela única razão de se tratar de uma fita de "mocinho"... E' bem verdade que tal gênero de peliculas, em geral, não apresenta nada de interessante, nada que possa prender a atenção do espectador experimentado. A maioria dos "westerns" é mais dedicada ao público miúdo, que vibra de emoção ao ver um Bill Elliot distribuindo balas por todos os cantos, com o seu revólver "especial" de tiros inacabáveis...

O cinema, entretanto, já por várias vêzes nos apresentou verdadeiros clássicos pertencentes ao gênero do oeste. Mas, os far-wests a que nos referimos no momento são aquêles em que o tema é sempre o mesmo: o "mocinho" com o seu veloz cavalo branco correndo atrás da diligência para salvar a "mocinha" das mãos dos malfeitores. O desfecho é sempre a mesma lenga-lenga e tudo termina ao belo gôsto dos torcedores do herói do oeste... Quando dissemos que não gostamos de um filme de cow-boy, não nos lembramos de que também já fomos guris de calças-curtas e muitas vêzes batiamos palmas ante o arrôjo de um Tom Mix ou de um Buck Jones... Às vêzes, gosto de ir para a frente de um cinema que esteja levando um filme de cow-boy, para poder assim sentir melhor o desejo de retornar aos meus velhos tempos de criança... Leio nos olhos de um garôto qualquer a vontade incontida de entrar logo para a sala de espetáculos e aplaudir delirantemente o seu herói favorito... Certo dia encontrei, entre meus velhos guardados, um caderno, no qual tomava nota dos filmes a que assistia e também dos que ainda não havia visto. E neste caderno de fôlhas amarelecidas pela ação do tempo, entre as notas de meus tempos de infância, encontrei o nome de um filme que muito me fêz recordar... Ainda trago na memória a lembrança de uma passagem de minha meninice: morando em uma pequenina cidade do interior de Minas, meu maior contentamento era ir ao cinema (Oh, humilde cineminha!), para, no dia seguinte, imitar, diante do cristal do espelho, todos os gestos do cow-boy de minha predileção... Aconteceu, porém, que um belo dia eu contava certo em assistir "Saraivada de balas", com o destemido Tom Tyler. Mas (há sempre um "mas"), não pude satisfazer meu desejo. Meus pais proibiram-me terminantemente que fôsse ao cinema por estar muitissimo resfriado (até hoje tenho raiva de resfriados...). Como fiquei desnorteado ao ver meus companheiros se dirigirem para o cinema...

Do retângulo de minha janela, tristemente imaginava o que estaria fazendo o "mocinho" naquele momento... E nos dias que correm se fôsse criticar um filme far-west talvez esquecesse esta fase de minha vida, talvez não me passasse pela cabeça o que já fui na minha infância longinqua que já se perdeu no negror dos tempos... Hoje em dia, mesmo sabendo qual o verdadeiro cinema, eu desejava ainda assistir àquele saudoso "Saraivada de balas", o filme que eu não vi nos primórdios de minha vida..

Braga Fonseca (Rio)

OS TRÊS MAIORES

Foi no fim da segunda guerra mundial que a cinematografia universal teve uma grande surprêsa: a entrada dos filmes europeus. Antes daquele periodo, dominavam nas telas as peliculas americanas que sempre apresentavam obras de grande valor. Os diretores do Velho Mundo atraidos pelo canto da sereia, corriam em busca de dólares e, quem sabe, em busca também de algum cinema. Assim, seguiram para Hollywood, Renée Clair, Anatole Litvak, Julien Duvivier e muitos outros que não encontraram, na terra do cinema, uma oportunidade para mostrar seu talento. Mas, a guerra teve o seu fim e a paz, tão almejada pelos povos, dominou outra vez. O cinema americano, que tinha apresentado grandes filmes, voltou a seus velhos temas: os musicais, os dramalhões, etc. Nesse tempo, surge a grande ofensiva européia. Da Inglaterra chegava "O Sétimo Véu", "Condenado". A Itália, para não ficar atrás, enviava a vibrante obra de Rossellini, "Roma, Cidade Aberta", um filme que mostrou ao mundo o sofrimento do povo italiano durante a guerra. A França, que já nos tinha dado grandes peliculas, aparecia no páreo com algumas fitas de valor: Era a grande invasão nas telas mundiais. Quem estava acostumado com os filmes americanos, tipo *água com açúcar*, viae om indiferença o realismo europeu. Hoje, artistas como Rossano Brazzi, Aldo Fabrizzi, Jean Marais, Pierre Fresnay, James Mason, Stwart Granger, fazem concorrência com os Van Johnson & Cia. As atrizes, belas e talentosas, mostram suas personalidades em desempenhos vibrantes. Ana Magnani conquista multidões com sua interpretação no filme de Rossellini. Anne Todd estêve magnifica em "O Sétimo Véu", Viviane Romance continuava a mesma de sempre no maravilhosa filme de Christian Jacques, "Os Amôres de Carmem".

E o cinema do Velho Mundo atraia a atenção do Brasil. Era a Europa com suas tradições que trazia para os brasileiros todos os seus costumes do passado. Em Natal, sòmente êste ano os filmes italianos começaram a entrar com mais regularidade. Os cinemas desta capital batem "records" com filmes magnificos como "Fabiola", o espetáculo máximo do grande Alexandre Blasetti, "Kean, Gênio e Loucura", nos trouxe uma grande interpretação de Rossano Brazzi (ator que tem aqui uma popularidade igual ao Tyrone Power e outros), "Santo Antônio de Pádua", um novo drama religioso com performances inesqueciveis; "Trágica Perseguição" nos revelou Vivi Gioi, assim como "Fora da Lei" nos mostrou o grande talento de Valentina Cortese. E a lista das peninsulares aumenta cada vez mais em nossa capital. Quase tôdas as semanas, temos nossos cinemas exibindo filmes italianos que só nos trazem prazer, pois assim, entramos em contacto com um dos maiores cinemas do atualidade.

Do cinema inglês, a Universal International, nos mandou o maravilhoso "Frida", direção de Basil Dearden e um grande desempenho por parte dos artistas principais como Mai Zettesling (a jovem refugiada alemã), David Ferrar e Flora Robson. "Redenção", com Margaret Lockwood e Ian Hunter, magnifico por sua fotografia, a "Manada", bom filme de Michael Bacon. "Os Irmãos", com Patricia Roc, o maravilhoso "Hamlet", com Laurence Olivier e muitos e muitos outros com histria, atores, e diretores sempre corretos em suas funções.

O Cinema Francês, também tem apresentado seus filmes como "Monsieur Vincent", o grande realista "Escravas do Amor", onde Simone Signoret nos deu uma excelente performance. "Anjo Perverso", de Clouzot. "Manon, a 326", com Viviane Romance e Lucien Codel. Todos são filmes excelentes e realistas, que mostram a grande fôrça dramática dos filmes da terra de Lamartine.

Hoje, aqui, os filmes europeus já contam com distribuição regular e o povo pode apreciar as peliculas que nos vêm do Velho Continente. Enquanto a Inglaterra, a Itália, e a França nos mandarem seus grandes dramas, temos certeza de que os habitués dos cinemas saberão apreciar seus atores magnificos, seus diretores sempre orientando, com mestria, suas capacidades técnicas que cada vez mais vão aumentando, porque o mundo já começa a respeitar seus filmes. O Brasil também sabe apreciar obras cinematográficas perfeitas. Que continuem a vir filmes europeus cada vez mais, porque já se passou o tempo das bobagens americanas, de filmes sem sentido e dramaticidade. Tenho fé nos filmes europeus, porque êles abrigam diretores que sabem mostrar, através de imagens, todo o sentimento que nós, os latino-americanos, apreciamos. Ai estão Blasseti, Vittorio de Sicca, Marcel Carné, Henry-George Clouzot, Basil Dearden, David Mac Donald e outros, que elevam bem alto o nome do cinema mundial.

Geraldo Edson (Natal)

QUEM ERA O CAPITÃO SCIROCCO? PIRATA... OU HEROI DE ALCOVA?
I.C.S. APRESENTA
"Os Piratas de Capri"
"The Pirates of Capri"
LOUIS HAYWARD
BINNIE BARNES · ALAN CURTIS · MIKHAIL RASUMNY · MASSIMO SERATO
MARIELLA LOTTI
IMP. 14 ANOS
COMP. NACIONAL
ART-PALACIO
PATHÉ FONE 22-8795
PRESIDENTE FONE 42-7126
RIVOLI TEL. 42-9525
SÃO JOSÉ FONE 42-0597
PARATODOS FONE 29-5101
COLISEU FONE 29-8755
ESPERANTO
HOJE

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO 1471 - SÃO PAULO
PEÇA CATALOGO GRATIS

CABELOS BRANCOS
só tem quem quer
JUVENTUDE ALEXANDRE
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
USA E NÃO MUDA,
quem os não quer

O universo de Cocteau

(Cont. da pág. 11)

nífico. Ophéu é o primeiro filme de longa metragem de que o cinema francês pode orgulhar-se, é um texto cifrado. uma mensagem tão plena e tão rica de múltiplas significações como um bom poema contemporâneo. E' também a encarnação mais sugestiva do universo interior de Jean Cocteau.

Como lamentar o encontrarem-se aqui, de novo os temas de Sand d'un poète? Êsse filme nunca havia saido dos círculos dos cine-clubs; orquestrando e vestindo a sua primeira tentativa de lirismo cinematográfico. Cocteau quis, sem dúvida, levar ao grande público um testemunho que não era conhecido, até agora, senão de um grupo de iniciados?

Ophéu aparecido ao mesmo tempo que o ballet composto pelo poeta, com música de Georges Auric e dansado por Serge Lifar, é como que o resultante, o amadurecimento de seu itinerário intelectual e estético. Tudo aqui atinge um raro grau de perfeição: a densidade trágica do mito, a riqueza de cada imagem, a riqueza das luzes devidas a Nicolas Hayer, a música de Georges Auric, a qualidade dos intérpretes, tudo contribui para nos impor a presença dos temas e os caminhos poéticos do autor. E' sem dúvida, a primeira vez que nós vemos ideais, meditações encarnadas e tomarem uma consistência plástica dramática. O poeta é irresistivelmente atraido pela morte: vemos Orfeu (Jean Maris) descer ao reino da princesa estranha (Maria Casares). Tem que abolir a noção de sua pesoa, só seu eu, para entrar em contato com o mundo da outra vertente: vê-se Orfeu passar através de um espelho que se torna água e circular em um estranho país em ruínas. O inspirado pode entrar em contacto com as misterisas emanações que lhe vem do mais além; assistimos às manipulações de Orfeu no aparelho do rádio que contém o automóvel prêto da princesa estranha (a Morte), rádio que capta as mensagens emitidas por um poeta recentemente morto, Cégeste, e tornando um dos substitutos da princesa.

Assim, cada imagem desta história é como que um dos momentos de uma «reverie» filosófica. Tudo aqui fala, tudo tem uma significação, tanto pelo maravilhoso como pelo humor. Se todos os espectadores não estão de acôrdo com os pontos de vista do autor sôbre a condição humana, ao menos, a fôrça de encantamento do seu universo, levada aqui ao mais alto ponto da dignidade trágica e da beleza poética, atinge uma intensidade tal que ninguem pode deixar de ver em Orphéu uma obra que fará data.

Mas, ao mesmo tempo, todos podem avaliar aqui o poder «criptográfico» do cinema: Depois de tantas «graffitis» que desonram o «écran», eis com efeito, um assombroso criptograma estético, uma mensagem cifrada que se inscreve em equações luminosas. Insinuar ambos certos mitos, certas correntes líricas ou intelectuais, ao sabor de um desenvolvimento harmonioso e dramático das imagens, é talvez a mais alta ambição a que pode aspirar a sétima arte; na França um Roger Leenhardt (Dernières Vacancos) um Grémillon (Lumière d'Ete) um Bresson (Les Dames du Bois de Boulogne) aventuraram-se também nessa via fecunda. (S.F.I.)

O MEU DIA CHEGARÁ

(Cont. da pág. 17)

meditabundos, pensando nos verdes anos que já lá foram, enquanto a chuva sussurra no teto...

De repente, porém, os dois velhinhos, ouvem bater à porta... Silêncio. Os dois moradores daquela casa perdida na estrada se entreolham. Será o "Corvo"? Não, não se pode ser. Isto aqui não é poema de Edgard Allan Pöe nem nada... Temeroso — mas, que diabo, coisa de muito, muito ruim não pode ser, porque os produtores garantiram que o filme é COMÉDIA, logo... — o velhinho vai até a porta.

— Quem é?

— Abra. Queremos passar a noite aqui.

— Pensa que isto aqui é hospedaria?

Mas, a porta é aberta. Ué, de onde sairam êstes? Os velhinhos recuam. Zé do Morro, temível fascínora, primo-irmão de Zé da Ilha, Silva Ramos e outros tais, entra em cena, com uma lambedeira na mão, com todo o seu bando. Estão fugindo da polícia e se os velhotes abrirem o bico... já sabem. O melhor é fazer o que os velhinhos fizeram: moita. Deram pousada aos pupilos de Zé do Morro e garantiram ficar quietinhos e neca de brincar de chamar os *tiras*. Os bandidos se retiram. A velhinha, ao reconhecer Zé do Morro, ameaça de dar um tremelique...

De repente, novo bater à porta. Ora, será convenção dos malandros do morro? O velhinho adianta-se até a porta e abre-a. E' D. Pedro e tôda a *troupe* que nós deixamos lá na estrada, debaixo do aguaceiro, ainda há pouco. Pedem pousada por uma noite. Como se trata de gente decente são recebidos bem e não precisam bancar os mauzinhos pra arranjar dormida. São abrigados e arranjam até camisolas para todo mundo.

A paz, num instante, parece reinar naquele solar que não fica em nenhum morro de ventos uivantes, mas sempre serve.

★

Entretanto, amigos, a não ser o "Sombra", ninguém sabe o mau que se esconde nos corações humanos... E, D. Pedro resolve aproveitar aquela bôca e ir aos aposentos de Lindaura, terminar suas conversações e aviar as receitas, que já é tempo. Com a camisola, que apenas lhe chega até aos joelhos, sai, às apalpadelas, em busca do quarto da amada mulher do próximo. Hércules, porém, que "já viu tudo", está de guarda, no quarto do Artur, esperando a pasagem do nosso amigo "cadillac-man"... Artur, por sua vez, aproveitando-se da escuridão reinante, resolve bancar o amigo de Hércules e tirar uma desforrazinha do D. Pedro. E a confusão se generaliza. E' um tal de cair pedaço de pau na cabeça de D. Pedro que, ao se ver agredido, tenta agarrar Hércules, que aparece diante dêle. Uma frigideira providencial apanha-o pelo toutiço e... toim! — prosta-o por terra. O velhote nesta altura, positivamente aborrecido com tôda aquela confusão, apanha a garrucha e atira no meio da escuridão... Hércules, que está empapado de farinha, foge por uma janela. Zé do Morro, que quando viu o tempo quente, fugiu por outra janela, encontra-se com êle no jardim, assustadíssimo. Só sei que, no meio da confusão, Hércules leva uma cabeçada no estômago e... ah!... oh!... ui!... ih!... descobre a sua fôrça-vital, DESCOBRE A SUA FÔRÇA-VITAL! Aí, o negócio vai de melhor para melhor

Serenada um pouco a confusão, está em cena a verdadeira mulher de D. Pedro, que o desmascara e diz que êle não é Dom, nem toureiro, nem espanhol, nem coisa nenhuma. Que é uma bêsta quadrada, um maluco e um idiota... Vira-se para Hércules e investe contra êle, insultando-ó, dizendo que é um banana, que deixou a mulher ser conquistada por outro bem nas suas barbas... Zé do Morro também dá o seu pito em Hércules e tal coisa, etc.

Como está chegando o fim do filme, e o dia de Hércules tem de chegar mesmo de qualquer maneira, o nosso herói, que DESCOBRIU A SUA FÔRÇA-VITAL (depois de uma pancada no estômago), reage, enrola a turma de Zé do Morro tôda no braço e os entrega à Polícia. E' considerado herói nacional e pa-ta-tá-pa-ta-tá-ti.

No final, é êle quem manda mesmo em casa. Está forte, robusto, uma maravilha de garôto. Só vendo, garôtas, só vendo. A louríssima mulher de Hércules apalpa-lhe os músculos e vê que, com a chegada do dia do marido, ela não ficou para trás... Achega-se a êle, ela agora fraquinha, querendo expirar entre aquêles braços, ai, Mamma mia! Até a sogra admira o genro que, afinal, não é mal sujeito e soube ser homem na famosa hora H. Tudo dito, amigos meus, é a hora de aparecer o letreiro que todos conhecem e que diz assim: FIM.

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nosso exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:

GALERIA SÃO PEDRO

AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
— JUNTO AO TÚNEL NOVO —

Telas da Cidade

COTAÇÕES:
1 — fraco, 2 — regular, 3 — bom, 4 — muito bom, 5 — ótimo

A GLÓRIA DE AMAR

(That Forsyte Woman)

EIS um filme que agradará plenamente o público feminino. Trata-se de uma história de amor, cuja narrativa, sóbria e sincera, marca a estréia do diretor inglês Compton Bennett em Hollywood. "A Glória de Amar" focaliza uma familia tradicional inglêsa, em cuja tradição inclui-se, é claro, o próprio casamento dos filhos, a escolha da espôsa, etc., etc. Mas, a câmara faz questão de objetivar, em primeiro plano, a figura de uma mulher que se vê envôlta nessa familia e acaba casando-se com o mais ambicioso da familia: Soames Forsyte, vivido por Errol Flynn. Mas, o argumento não fica ai. Semelhante às complicações novelescas do rádio, existe um irmão de Errol Flynn (Walter Pidgeon), que também se apaixona pela moça. E, não bastando isso, surge Robert Young, pretendente à mão da filha de Walter Pidgeon (Janet Leigh), que também se vê enamorado da jovem, já agora casada, e que não consegue escapar às tentações de um amor puro. Situações delicadissimas vão aparendo, demonstrando o eterno sofrimento daquela mulher (Greer Garson) em face de sua vida de casada. Sempre respeitadora, sempre satisfazendo os caprichos do marido, e recebendo o mais completo luxo e confôrto, além de uma posição social invejável, alguma coisa lhe faltava e que não poderia ser substituida por nada dêste mundo: amor. Apesar de amada, ela não podia dedicar o amor que desejava ao seu marido, a quem, antes mesmo do casamento, confessara que não amava. Compton Bennett, baseado num cenário seguro, contorna as situações de forma a não cair no ridiculo e não resvalar para o dramalhão barato. E consegue, por isso mesmo, obter um espetáculo agradável, próprio mesmo para as mocinhas românticas, em idade de casar. O "cast" é composto de elementos de primeira linha. E, se Greer Garson domina o elenco, com sua performance natural e humana, nem por isso lhe ficam atrás os demais, especialmente Errol Flynn, num papel completamente diferente dos que vinha representando até então. O tecnicolor está bonito e serve para atenuar o drama. Bonita fotografia e belo fundo musical. Além da história, o filme consegue obter um clima e um ambiente da época e do local onde transcorre a ação: Londres, no fim do século passado.

Cotação artistica: 2 *Cotação comercial*: 4

★

A MORTE NÃO E' O FIM

(Chain Lightning)

As histórias de motivos aeronáuticos já estão muito batidas no cinema, e esta mesma, embora explorando um novo tipo de avião — o avião a jato, de velocidade supersônica — não escapa aos mesmos chavões do gênero. O ângulo explorado não é também original, pois já vimos em outras fitas as aventuras dos pilotos-de-provas. Todavia, por tratar-se de alguma coisa mais avançada no que toca à aviação de nossos dias, o filme tem o seu lado de interêsse, especialmente nas cenas das provas do avião, que deverá empreender uma longa viagem, com passagem pelo Pólo Norte e chegada a Washington, a 2.500 quilômetros horários. Essas cenas, muito bem montadas e com cortes precisos, independente dos truques utilizados no estúdio, dão-nos uma nitida idéia da velocidade do aparelho, além de construirem uma atmosfera de tensão e espectativa durante alguns minutos. Os tipos apresentados não estão bem construidos psicològicamente, embora não nos pareçam falsos totalmente; todavia, muito se assemelham a outros heróis cinematográficos que conhecemos de outros filmes. Humphrey Bogart está bom, simplesmente, e não poderia fazer mais. Eleanor Parker, longe de comparar-se à atuação que nos deu em "À Margem da Vida", está simplesmente bonitinha. Raymond Massey, com a segurança de sempre. Direção de Stuart Heisler razoável, valendo pelas cenas das experiências e pela atmosfera de tensão conseguida em alguns momentos.

Cotação artistica: 2 *Cotação comercial*: 3

★

MEU AMIGO, AMÉLIA E EU

(Occupe-Toi d'Amelie)

Como bem salientou nosso confrade Moniz Viana, do "Correio da Manhã", há tantas peliculas ùltimamente premiadas nos Festivais Internacionais que até dá para desconfiar. Confessamos, por isso mesmo, que fomos ver "Occupe-Toi d'Amelie" (premiado em Cannes como "a melhor comédia de 50") com certa reserva, apesar da assinatura de Claud Autant Lara. Mas, logo às primeiras cenas, sentimos uma atração não só pela originalidade da apresentação, como pelo próprio conteúdo da história, que adquiriu novo sabor na adaptação de Jean Aurenche e Pierre Bost. E o realizador de "Le Diable Au Corps" revelou-se para nós um excelente diretor de comédias, imprimindo um ritmo rápido e acelerado aos acontecimentos, focalizados propositalmente de forma grotesca e caricatural. "Meu Amigo, Amélia e Eu" vale pela originalidade, pelo senso-de-humor dos mais finos que temos visto ùltimamente no cinema e pela sátira que faz, de uma forma geral, à sociedade do fim do século passado — e que muito bem se enquadra à sociedade moderna, em certos aspectos. O elenco, composto de Danielle Darrieux, Jean Desailly, Carette, Victor Guyay, Asland, André Bervil e outros, está seguro e òtimamente orientado por Claude Autant Lara. Se querem divertir-se com humorismo fino, apesar de aqui e ali se encontrar uma piada picante (o filme é impróprio até 18 anos), podem estar seguros que essa pelicula agradará plenamente. Vale a pena.

Cotação artistica: 4 *Cotação comercial*: 3

★

A MALDIÇÃO DA TÔRRE

Inspirado numa novela de Robert Louis Stevenson, resultou num filme de aventuras comum, insipido e sem nenhum interêsse. A direção é fraca, a fotografia simples, sem grandes atrativos, as cenas de ação são pobres e inconvincentes e o elenco é mediocre, salientando-se Rody Mc Dowell. De fato, é uma maldição se assistir a tal espécie de filme. Se puderem evitar, será um alivio.

Cotação artistica: 0 *Cotação comercial*: 1

FUGITIVO DA GUILHOTINA

(The Man on The Eifel Tower)

Um belo assunto policial não muito bem aproveitado pelo diretor Burghes Meredith, que é também um dos "astros" do filme. Meredith, que é um excelente ator sem grandes oportunidades ("Também Somos Sêres Humanos", prêmio da Academia), revela-se aqui um diretor comum. Talvez cercado pela exigência do cenário, o fato é que a pelicula, salvo alguns trechos, é enfadonha e cansativa, não chegando a prender a atenção do espectador, como acontece nas peliculas de mestre Hitchcock dos bons tempos. Contudo, de uma forma geral, Meredith consegue imprimir um ritmo acelerado nas cenas de exterior, tôdas elas rodadas "in loco" na Paris atual. E, embora muita bem fotografadas, as perseguições pelos telhados e pelas ruas e especialmente a fuga pela Tôrre Eiffel, com belissimas tomadas de câmara e excelente montagem, não chegam a causar a sensação que nos provocaram cenas idênticas dirigidas por Jules Dassin em "Cidade Nua" e "Sombras do Mal". Mas, apesar de tudo, a fita salva-se por êsses trechos, que tanto mais adquirem um tom real, quando é esta uma das raras vêzes que o cinema nos apresenta a capital francesa sem limitar-se a utilizar a Tôrre Eiffel como fundo de cena. O que vemos neste celulóide é a verdadeira Paris e seus astros caminhando sôbre ela, vivendo o seu drama em suas ruas chiques, em seus cafés, em suas praças públicas, em suas pontes. Só o que não convence é o drama do criminoso "maniaco depressivo", mal construido psicològicamente, apesar da boa performance de Franchot Tone, que continua sendo um bom ator. Charles Laughton, num detective aparentemente calmo, sabido e calculista, domina o "cast".

Mas, a fita vale a pena ser vista pelos belissimos exteriores fotografados em Ansco Color. E' como se tivéssemos feito uma viagem a Paris. E só isso, vale o preço da entrada.

Cotação artistica: 2 1/2 *Cotação comercial*: 2 1/2

★

FLERTANDO COM A MORTE

(The Big Wheel)

Filme esportivo, com Mickey Rooney e Thomas Mitchel nos papéis centrais, conta-nos a história de um garôto maniaco por corridas de automóveis e que, apesar de ter sido seu pai uma vitima dêsse esporte, enfrenta com coragem e bravura todos os obstáculos, conseguindo ser um "ás" famoso. Com um enrêdo banal, uma cenarização comum e uma direção mais comum ainda de Edward Ludwig, salvam-se apenas alguns trechos de corridas, especialmente a última, que dura aproximadamente uns 15 minutos. Aliás, o êxito dêsse final deve-se exclusivamente à belissima montagem e aos cortes oportunos, fotografando carros e corredores de todos os ângulos imagináveis, inclusive de avião e por trás de uma das rodas de uma baratinha. Essa corrida, por isso mesmo, consegue causar certa emoção na platéia. Mas é só.

Cotação artistica: 1 /2 *Cotação comercial*: 2

★

TERRA SELVAGEM

(Comanche Territory)

Mais uma pelicula de ação no oeste, com lutas de indios contra os colonizadores, tudo em tecnicolor, para realçar a paisagem, o que se consegue e muito bem. Maureen O'Hara, metida a homem, domina todo mundo até que aparece o "tal", Mac Donald Carey, que em dois minutos se torna temido na redondeza e consegue a simpatia dos indios Comanches. Algumas lutas corporais, alguns tiros, uma briguinha de faca, e tudo se resolve às mil maravilhas, como sempre.

Cotação artistica: 1 *Cotação comercial*: 3

TELAS DA CIDADE

À MARGEM DA VIDA

(Caged)

À semelhança de "Vitimas do Destino", de Julien Duvivier, aqui está, para os incrédulos, a resposta do cinema americano, que muitos teimam em não lhe dar o verdadeiro valor: John Cromwell, diretor de pulso, contruiu uma obra sólida e das mais convincentes e penetrantes que se fizeram até hoje sôbre Penitenciárias. Não é pròpriamente o argumento o que nos leva a fazer tal juizo, pois, a bem dizer, o enrêdo é semelhante a muitos outros que temos visto no gênero. Mas, uma obra destaca-se das demais pela maneira como é pintada, e Cromwell usou de tintas fortes, para obter o retrato real e chocante da vida numa penitenciária de mulheres nos Estados Unidos. Procurou, tanto quanto possivel, não fugir um só instante à realidade dos fatos e, se não estamos enganados, foi fiel até o fim. Sua narrativa é tão sincera, tão crua, que, em certos momentos o achamos audacioso — e muito nos supreende que a Censura Americana tenha deixado passar certas coisas, o que é um orgulho para a Arte. Cromwell, analisando, particularmente, uma sentenciada, faz uma critica direta aos meios empregados em tais locais, onde imperam a brutalidade e a disciplina severa, pois alguns cérebros opacos e recalcados estão acima de qualquer condescendência e qualquer sentimento de compreensão humana. Tal "clima", criado arbitràriamente, conduz as vitimas à uma desforra, e um sentimento de revolta se apodera daqueles sêres infelizes, clamando uma fuga, uma vingança, uma revanche, fazendo-os cair no eterno circulo vicioso da desgraça que os acorrentará por todo o resto da vida, sem uma chance de reabilitação para o convivio na sociedade. Cromwell escolheu bem ao escolher Eleanor Parker para o papel principal, simbolizando tôda a tragédia daquelas vidas naquela alma inocente que foi sendo "educada" para o crime, dentro da própria penitenciária. E, por meio da sua máscara, maleável e convincente, humanamente convincente, por meio da sua voz, meiga e suplicante, por meio de seus olhos, esperançosos por vêzes e revoltados finalmente, Cromwell grita bem alto o seu protesto e induz o público a segui-lo. Sua câmara, embora entre grades, está sôlta e fareja tudo, leva-nos à uma visita geral por entre aquêles escombros humanos, percorrendo, recanto por recanto, tôda aquela imundicie da miséria humana que a fatalidade arrastou até lá e que a falta de orientação seria um "passe" de volta para o mesmo local. O retrato que Cromwell compôs é de uma audácia surpreendente e que dificilmente será igualado, pois ali está tudo, completo, sem restrições a fazer, inclusive no final, quando Eleanor Parker é posta em liberdade, completamente transfigurada, como se outra alma se apoderasse do seu corpo. Enquanto a jovem bate a porta do táxi, a diretora da penitenciária limita-se em fechar a janela e observar baixinho: "E' uma pena, mas ela voltará!"... Excelente fotografia e excelente fundo musical de Max Steiner. Boas interpretações, especialmente de Eleanor Parker que se candidata ao "Oscar" do ano com êsse papel.

Cotação artistica: 4 *Cotação comercial*: 4

ANTOLOGIA

(Cont. da pág. 14)

gem ao cinema verde-amarelo. No dia 30 de novembro, um vasto programa de comemorações foi levado a efeito, constante de exibição de diversos celulóides em vias de conclusão, além de promover chances de aproximação e de cordialidade entre todos aquêles jornalistas e obreiros do cinema — numa comunhão sadia, numa festa do mais elevado espirito de compreenseão. Foi, de fato, um bom programa o da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos, fato que se deve repetir, sempre, esperamos.

Da «Fôlha Carioca», de 22 de dezembro de 1949.

EXTORÇÃO

(Cont. da pág. 29)

não mais suportando o desdém com o qual ela o tratava, tomou-a em seus braços. Não houve nenhuma resistência de sua parte. Também não houve nenhum sinal de prazer. Muito ao contrário, ela se mostrava bastante aborrecida pelos seus arrebatos de paixão.

Quando, finalmente, Jack a soltou, sentindo o seu orgulho ferido, ela lhe disse:

— *Apenas dê o fora*. Amo Nick, mas você não parece compreender isso.

Àquela noite, em casa de Ellen, descobriu que a fotografia do dentista desaparecera. Olhou para a moça repentinamente e, segurando-a bruscamente, perguntou:

— O dentista... o que fêz você com a sua fotografia?

— Senti-me culpada olhando-a e a pus na gaveta.

Tornou-se alegre depois disso, mas continuava preocupado.

★

Quando êle foi chamado ao elegante clube de Nick, o "Bay View Club", encontrou Nick extremamente nervoso.

— Recebi um aviso e não sei do que se trata, embora pareça importante. Esteja hoje no meu apartamento antes das nove horas...

Mas, Jack não se dirigiu ao apartamento de Nick à hora marcada. Ao contrário, parou o seu carro perto da casa de jôgo de Colton e quando êste emergiu com dois de seus capangas seguiu-os à distância até a entrada do apartamento de Nick.

Ajustou a sua máquina e começou a tirar fotografias, variando gradualmente o diafragma e a velocidade, tentando tirar uma fotografia sem ser necessário usar "flash".

Quando Colton se retirara, êle acendeu as luzes dos carros juntos do de Nick, que ficou completamente iluminado. Voltou ao alto da escada e pouco depois Nick apareceu, com uma expressão de mêdo estampada em sua face.

Quando Nick entrou em seu carro e o ligou, uma ensurdecedora explosão fêz tremer a garagem. O corpo de Nick foi lançado para o alto e o próprio Jack caiu do lugar onde estava, ficando inconsciente no chão da garagem. Mas, a fotografia estava dentro da máquina. Mais uma vez, acontecera de estar passando no momento exato...

★

Glover foi o seu primeiro visitante no hospital. O editor do "Herald" não estava nem elegre nem amigo.

— Early, aquela fotografia foi planejada — foi a primeira coisa que disse.

Jack lembrou-lhe que a policia estava satisfeita com a história de como, indo para o apartamento de Nick, a fim de tratar de um certo assunto com êle, foi informado de que êste se encontrava na garagem. Quando chegara a baixo, o carro estava fumaçando. Um segundo depois a bomba explodiu.

Glover levantou-se para sair.

— Contudo, você o conseguiu e aquela foi uma das mais sensacionais fotos já feitas — admitiu. — De agora em diante, sòmente serviços especiais.

À porta, porém, não se conteve e o seu despeito se manifestou: — Você não vale... não vale nada.

Jack retrucou viciosamente:

— Você está é com muita inveja. Odeia-me apenas por causa de Ellen... está apaixonado por ela há anos...

Pouco depois Ellen também veio visitá-lo, com a face brilhando de orgulho e amor. A fotografia de Nick Palmer tinha sido uma sensação! Mas o contrato do "Herald" era o que oferecia maiores vantagens.

— Não quero um contrato. Posso fazer melhor sòzinho, agora que conheço o ambiente.

Êle não podia fazer isso, disse-lhe ela gentilmente. O diretor do jornal tinha prometido despedir David se o contrato não fôsse assinado.

— Azar do David... porque eu não vou assinar. O que quero é dinheiro.

Sim, êle reconhecia que David lhe havia dado a sua primeira oportunidade. Êle se soubera valer dela. — Decência e integridade são bonitas palavras, Ellen, mas nunca encheram a barriga de ninguém.

Jack deixou o hospital com uma pilha de compromissos. Um dêles o levou à Europa.

Enviou à Nita esquisitos presentes do estrangeiro. Mas, quando a encontrou no "Bay View Club" na sua volta, ela ainda continuava desinteressada e não estava usando a pulseira que êle lhe enviara.

Contudo, êle havia de possui-la. Para que o seu desejo se tornasse realidade sòmente foi necessário que êle observasse como ela admirara um colar de pérolas que uma senhora trazia ao pescoço.

Primeiro, quis ter certeza se a chapa de Colton ainda estava perfeita. Ellen, ferida diante de sua negligência, recusou-se a deixá-lo entrar. Emocionalmente, êle lhe disse que viera tratar de um assunto de vida ou morte. Quando, porém, ela deixou o quarto por alguns momentos, êle examinou o negativo e ainda o achando onde o deixara deu um desculpa para se retirar alguns minutos depois. Nem mesmo deu muita importância ao fato de ela ter dito que nunca mais o queria ver em sua vida.

A principio, Colton recusou-se a cooperar com êle num roubo de jóias na mansão dos Whorthington. Mas, quando Jack lhe mostrou os planos da casa, que êle mesmo fizera, Colton concordou:

Pelo menos fingiu. Jack nunca suspeitou de que êle fôsse diretamente a Nita, mostrando-lhe todo o plano, além de lhe dizer que *Jack Early matara Nick Palmer*.

★

O baile, realizado na mansão dos Worthington, era um grande acontecimento social e todos desejavam conseguir um convite. Tôdas as salas da casa estavam repletas de pessoas da sociedade. Jack acabara de ajustar o tripé, a fim de tirar uma fotografia da senhora Worthington descendo a escada. No entanto, a fotografia não foi tirada, pois alguém lhe avisou que Nita o esperava na biblioteca.

Com uma alegria e um orgulho que lhe não deixavam pensar, Jack entrou na escura sala, onde Nita se lançou em seus braços. Afinal, ela lhe pertencia, pensou. Mas aí, viu o revólver em sua mão.

Êle gritou roucamente, mas ela apontou a arma.

— Nós dois somos as únicas pessoas que não se esqueceram de Nick. Eu — porque o amava. Você — porque o matou.

— *Eu não* matei Nick! — protestou desesperadamente. Fôra Colton quem o matara e êle podia provar. Com mãos trêmulas, discou o número de Ellen, pedindo-lhe para trazer a fotografia do dentista à Mansão Worthington.

Como resposta, ela calmamente desligou o telefone.

Virando-se, Jack lançou o telefone em direção de Nita, alcançando-a na mão, fazendo com que deixasse cair o revólver. No entanto, antes que o pudesse apanhar apareceu Colton, com o seu próprio revólver na mão. Jack jogou Nita em sua direção e a bala que Colton lhe dirigira se enterrou no seu belo corpo.

Então, cegamente, correu para a escada, perseguido por Colton. Já no meio, Colton atirou, e a bala assassina encontrou refúgio no corpo do repórter que vivia a desafiar o destino. Jack sentiu-se mergulhar numa letargia, por mais que tentasse abrir os olhos nem um pouquinho de claridade conseguia penetrar através de sua retina. Procurou segurar alguma coisa. Enquanto Colton ainda o olhava, com o revólver ainda na mão, o seu dedo se fechou convulsivamente sôbre o objeto mais próximo — o disparador de sua máquina.

E assim, *apenas aconteceu* que mais uma vez Jack tirara uma fotografia para a primeira página. A fotografia de seu próprio assassino.

NASCE UMA ESTRÊLA

(Cont. da pág. 11)

festa, e êsse inesquecível Assis Valente, cuja «rentrée» acabamos de aplaudir através de suas canções recentes, gravadas por Dircinha Batista, Carlos Ramirez, Xavier Cugat, já tem prontos alguns sambas infernais. Estou estudando para brilhar e justificar a confiança em mim depositada pelos meus admiradores e incentivadores. Finalizando, devo repetir que considero lançada a cartada decisiva do cinema brasileiro com realizações como «Caiçara». Quanto ao mais, vamos todos trabalhar construtivamente pelo Brasil, o que é dever de todos os cidadãos dignos dêsse titulo augusto.»

CORREIO DO FÃ

WILSON REIS (Petrópolis) — Sua pergunta é um tanto embaraçosa, pois escolher entre Humphrey Bogart e James Cagney qual o melhor ator torna-se difícil. Ambos trabalham bem e se bem que em alguns filmes um supere o outro, o páreo continua equilibrado. Tudo depende, portanto, de preferência pessoal. De nossa parte, temos mais simpatia por Bogart, embora nossa admiração por James não seja pequena. Satisfeito?

★

LEIKA O'HARA (Londrina) — De fato, antigamente A CENA utilizava as capas internas e a contra-capa para publicar fotografias, mas hoje isso se torna impossível e o motivo é simples: tendo subido a tiragem da revista e tendo crescido a sua popularidade, muito justo se torna que os anunciantes a procurem para fazer propaganda de seus produtos, não acha? Publicaremos as fotos de seus cow-boys prediletos. Aguarde. Gratos pelos elogios ao Álbum de A CENA e aguarde com paciência o dêste ano. Apareça sempre.

A MAIS BELA DO MUNDO

(Cont. da pág. 20)

— Creio sinceramente que será uma das melhores peliculas para o público, como foi a aceitação do romance de Luiz Fernandez Ardavim.

Como é do conhecimento do público, Maria Felix não é sòmente uma estrêla mexicana. E', também, uma estrêla internacional. Baseado neste fato, arrisquei uma pergunta sôbre a sua atuação na Europa, tomando por base "Mare Nostrum".

— Que acha de "Mare Nostrum"? Notou algum defeito nesta pelicula?

Maria Felix, cuja agilidade mental faz paralelo com sua formosura, respondeu-me prontamente:

— Pode uma mãe falar dos defeitos do seu filho? Compenetrei-me tanto em "Mare Nostrum", para vivê-la, que me foi impossível analisar seus defeitos.

— E a crítica? Ficou satisfeita?

— Se não ficou contente com a fita, pelo menos não declarou. Trataram-me muito bem, ao que estou muito grata.

Desviando meu objetivo, perguntei à "Enamorada":

— Na sua opinião, qual o melhor diretor de cena?

Maria Felix prontamente respondeu:

— Se me permite, usarei um têrmo, ou melhor, uma giria de sua terra. Não é que eu esteja "puxando", mas, a meu ver, o melhor diretor é Emilio Fernandez.

Maria Felix é uma das mais fervorosas adeptas da nossa giria, tanto que, quando índio perguntou:

— Que quiere dicir "puxando"?

Ela respondeu, simples e amigàvelmente, dando-lhe umas palmadinhas sôbre o seu braço:

— Aguenta o galho, moreno.

Com esta não me contive, principalmente ao ver a cara de espanto que Figuerôa fazia diante daquele palavreado que êle não conhecia.

UMA REVELAÇÃO SENSACIONAL

Quando perguntei, em meio da conversa, o que mais apreciava na vida, Maria Feliz me quedou com a sua resposta.

— Meu filho.

— Filho???!!!

— Sim, de 13 anos...

— ...13 anos?? Não é possivel!

— Não acredita? Compreendo. Aliás, não é o primeiro. Meus amigos me aconselham a não dizer nada sôbre meu filho, mas para mim é um orgulho ter em casa um homenzinho que, no momento, se acha nos Estados Unidos estudando.

— Maria, como é possivel, você moça dessa maneira com um filho de 13 anos?

E de maneira bastante curiosa, Maria Felix terminou esta entrevista, dando solução à minha dúvida, quando deixava a mesa. Risonha e com ar de malicia, ela me bateu nas costas e disse:

— Quando você tiver 13 anos, namore; aos 14, case e aos 15 tenha um filho e veja se é preciso ter mais de 28 anos para que seu filho tenha 13.

A risada foi geral e eu se não fôsse, em primeiro lugar brasileiro, em segundo carioca e em terceiro mais cínico que a própria Maria Felix, garanto que ainda estaria encabulado.

ESTÁ À VENDA EM TODA PARTE O



COMPANHIA EDITORA AMERICANA
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO DE JANEIRO

PREÇO: Cr$ 20,00
EM TODO O BRASIL

Melodias para você

Msica Brasileira

DEUS LHE PAGUE

Samba David Nasser, Penazzi, Polera

Deus lhe pague
Tudo que você fêz por mim,
Deus lhe pague, Deus lhe pague.

Eu reconheço de todo coração
Paguei o seu amor
Com a minha ingratidão
Um minuto de vaidade
Fêz de mim o que se vê
E agora na amargura
Eu me lembro de você.

O meu remorso
Não escondo a ninguém
E' ter feito sofrer
A quem tanto me quis bem
E agora só me resta
Repetir mais uma vez
Deus lhe pague meu amor
Tudo que você me fêz.

★

MENTIRA DE AMOR

Samba-canção de Lourival Faissal

Querem saber afinal qual a so-
[lução...
Querem saber o final daquela
[paixão,
Daquele grande amor que a todos
[interessou
Querem saber qual o fim da nossa
[união que já o tempo passou.

Então lhes digo a sorrir
Que em meu coração
Que palpitava por ti
Todo em afeição,
Hoje outro ocupa o lugar
Que o teu amor ocupou,
Já que entre nós nada existe
E nada nos une
Nosso amor terminou.

Tudo mentira
O meu sorrir não condiz
Com meu viver isolado e tristonho
Sou muito infeliz.
Tudo mentira eu bem sei
Sempre te adorei.
Indiferente hoje estou aparente-
[mente
Passo por ti sem olhar
Deus testemunha é, porém
Que a vontade maior que meu
[peito oprime
E' te abraçar, te beijar...

A PEDIDOS

V A N I D A D

Bolero

(Armando Gonzalez Malbran)

Sembramos de espinas el camino
Cercamos de penas el amor
Y luego culpamos al destino
De nuostro error.

Vanidad
Por tu culpa perdido
Un amor vanidad
Que no puedo olvidar
Vanidad
Con las alas doradas
Yo pensaba reír
yo hoy me pongo a llorar
Me cegué
La arranqué de mi vida
Pero yo
La volviera a besar
Vanidad
Con las alas doradas
Yo pensaba reír
Yo hoy me pongo a llorar.

N.R.:—Semanalmente publicaremos neste quadro a letra mais solicitada pelos leitores. Se você deseja ver aqui a sua melodia preferida, escreva para «Melodias para Você», Redação de A CENA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

Música Latino-Americana

S O M O S

Bolero de Mário Clavell. — Grav. de Gregório Barrios

Después que nos besamos
con el alma y con la vida,
te fuiste por la noche
de aquella despedida...
Y yo senti que al irte
mi pecho sollobaza
la confidencia triste
de nuestro amor, asi...

Somos um sueño imposíble, que
[busca la noche
para olvidar-se del mundo, de
[Dios y de todo...
Somos en nuestra quimera doliente
[y querida
dos hojas que el viento juntó en
[el tono.
Somos dos seres en uno que
[amando se muere
para guardar en secreto lo mucho
[que qiere...
Pero que importa la vida con esta
[separación
Somos dos gotas de llanto en una
[canción!

★

ABRAZAME ASI

Bolero de Mário Clavell — John Paris. — Grav. de John Paris

Abrázame asi
En un beso te voy a contar
El más dulce secreto de amor
Que hay en mi corazón
Acércate a mi
Y esta noche vivamos los dos
La bendita locura de amor
Abrázame asi

So close in my arms.
Let me hold you so close in my
[arms
'Cause I wander disper of your
[charm
And it's heaven beside you
So close in my arms
With the touch of your lips on
[my teeth
And the stars in the sky seems
[to speak
When you whisper I love you
So close in my arms
When we're dancing my heart
[skips to be
And *is trand her* eyes chance to me
I dont dare to confess

The love that I feel
Is the plain that's burning my
[heart
Just the plain that I have in
[the stars
So close in my arms
So close in my arms.



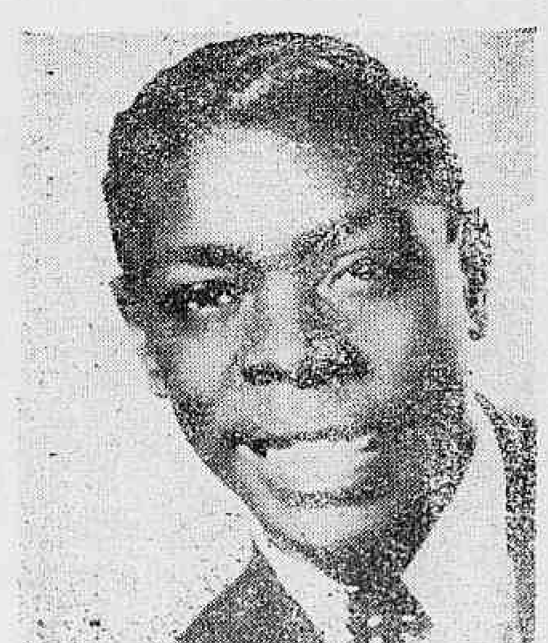
DALVA DE OLIVEIRA
Antes só do que bem acompanhada



JORGE GOULART
Procurando uma sereia



LINDA BATISTA
Lições de amor



BLAK-OUT
Cada vez mais «alto»

CARNAVAL

AI CACHAÇA

Samba de Manèzinho Araújo e Fernan lo Lôbo. — Gravação de Black-out

Ai cachaça,
Por favor não me aborreça
Você desça prá barriga
Mas não suba prá cabeça... ai, ai.

Tenho três fracos na vida
Dinheiro, cachaça e mulher
Com dinheiro eu compro cachaça
E pago prá quem quiser,
Só não posso perder a cabeça
Senão eu perco a mulher...

★

MADALENA

Samba de Ari Macedo e Airton Amorim. — Grav. de Linda Batista

Chorar como eu chorei
Ninguém deve chorar
Amar como eu amei
Ninguém deve amar
Bis Chorava que dava pena
Por amor a Madalena
E ela me abandonou
Diminuindo no jardim
Uma linda flor.

Ela que para mim
Era um anjo de bondade
Partiu me deixando saudade
Eu que era feliz
Tornei-me um sofredor
Porque perdi meu grande amor...

★

BATE O BOMBO

Marcha-baião de Humberto Teixeira. — Grav. de Emilinha Borba

Ai meu irmão
Bate o zabumba
Como bate o coração
Ai meu irmão
Tem jeito não
Êste ano é pro baião.

Bate o bombo Sinfrônio
Bate o bombo Sinfrônio
Bate o bombo p'ra chamar o pes-
[soal

Bate o bombo Sinfrônio
Bate o bombo Sinfrônio
Na sanfona vai o César ou o Lou-
[rival

Bate o bombo
Esquidum-dum-dum
E' Baião no Carnaval.

SEREIA DE COPACABANA

Marcha de David Nasser e Wilson Batista. — Grav. de Jorge Goulart

O meu coração não me engana
Eu quero uma sereia de Copaca-
[bana.

A francesa
Me chama de "Moncherri"
Eu senti um frenesi
Atrás de uma espanhola
Eu quase fui a Madrid
Uma cachopa em Lisboa
Me cantou a madragoa
Aí quase eu morri.

★

CUBANA

Marcha de Ruy Rey e Rutinaldo. — Grav. de Ruy Rey

Papai do Céu
Me deu uma cubana
Boa, boa, boa como quê
Passa os olhos
Veja só como é bacana
Mas, tira a mão
Que eu brigo com você...

Ela chegou
Faz uma semana
Já dança o samba
Como ninguém
Vale um milhão
A minha cubana
Se ela fôr embora
Eu vou também...

★

PAPAI ADÃO

Marcha de Klécius e Armando Cavalcanti. — Grav. de Black-out

Papai Adão, Papai Adão,
Papai Adão já foi o tal
Hoje é Eva quem manobra
E a culpada foi a cobra. *(Bis)*
Uma fôlha de parreira
Uma Eva sem juízo
Uma cobra traiçoeira
Lá se foi o paraíso
Hoje é Eva quem manobra
E a culpada foi a cobra.

SAPATO DE POBRE

Samba de Luis Antônio e Jota Júnior. — Grav. de Marlene

Sapato de pobre é tamanco,
Almôço de pobre é café, é café
Maltrata o corpo como quê,
Por quê
O pobre vive de teimoso que é.
Fôlha de zinco, caixão de banha
Faz um barraco em qualquer favela
Se tem Amélia, que o acompanha
Embora pobre é feliz com ela.

★

ERREI SIM

Samba de Ataulfo Alves. — Grav. de Dalva de Oliveira

Errei sim
Manchei o teu nome
Mas fôste tu mesmo o culpado
Deixava-me em casa
Me trocando pela orgia
Faltando sempre
Com a tua companhia.

Lembro-te agora
Que não é só casa e comida
Que prende por tôda vida
O coração de uma mulher
As jóias que me davas
Não tinham nenhum valor
Se o mais caro me negavas
Que era todo teu amor
Mas se existe ainda
Quem queira me condenar
Que venha logo
A primeira pedra me atirar.

★

MÃO BÔBA

Marino Pinto

Marcha de **Carvalinho** e Gravação de **Silvino Neto**

Cuidado que a mão bôba
Só é bôba quando quer
Cuidado que a mão bôba
Só é bôba quando quer
Mão bôba
Não pode ver mulher.

A mão bôba é folgada
Vai pegando no que ver
Por causa de mão bôba
Só se arranja fuzuê.

E... ELAS VOLTARAM

Marcha de **Lamartine Babo e Roberto Roberti**

Gravado por **Carlos Galhardo**

Disco RCA Victor

ESTRIBILHO

Lourinha e morena formosa
Em tôda parte nascem também
Porém a mulata cheirosa
E' só meu Brasil que tem!

II

Louras de Paris
Louras de Viena
Tôdas empatam com a nossa
[morena
Mas... surge a mulata côr do
[amendoim
E o estribilho é sempre assim!

ESTRIBILHO

Lourinha e morena formosa
Em tôda parte nascem também
Porém a mulata cheirosa
E' só meu Brasil que tem!

★

DEUS LHE PAGUE

Samba de **David Násser, Polera e Penazi**

Gravado por **Francisco Alves**

I

Deus lhe pague
Tudo que você fêz por mim,
Deus lhe pague,
Deus lhe pague.

II

Eu reconheço de todo coração:
Paguei o seu amor,
Com a minha ingratidão.
Um minuto de vaidade
Fêz de mim o que se vê
E agora na amargura
Eu me lembro de você.

III

O meu remorso
Não escondo a ninguém
E' ter feito sofrer
A quem tanto me quiz bem.
E agora só me resta
Repetir mais uma vez:
Deus lhe pague meu amor
Tudo que você me fêz.

★

BARBA-AZUL

Marcha de **Nássara e Roberto Martins**

Gravado por **Carlos Galhardo**

Garôtas da zona norte
Garôtas da zona sul
(Bis)
Quem não tem um santo forte
Cuidado! com o «Barba-Azul»

II

Barba-Azul
Fugiu de Paris prá cá
Cansou de matar por lá
Beijou, gostou,
Casou, matou
Quem teve sorte escapou...

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 10 gr. Cr$	Extratos 50 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Crepe A — Super	12,00	22,00	30,00
Madeiras A — Super	12,00	22,00	30,00
Rosa Natural — Super	13,00	22.00	30.00
Jasmin — Super	10,00	22,00	30,00
Violeta B — Super	13,00	22,00	30,00
Q. Fleurs — Super	15,00	25,00	35,00
F. Amor — Super	15,00	25,00	35,00
Mitziko — Super	18,00	25,00	35,00
Arp. S — Super	20,00	35,00	40,00
Tabac B — Super	21,00	35,00	40,00
Tabul — Super	25,00	35,00	40,00
Chan 5 — Super	25,00	35,00	40,00
Nuit N — Super	25,00	35,00	40,00
Cuir R — Super	25,00	35.00	40,00
Narciso N — Super ..	25,00	35,00	40,00
Pretx. Super	35,00	45,00	55,00
Rumores — Super	35,00	45,00	55,00
Escândalo — Super ...	35,00	45,00	55,00
Tabul GR — Super.	35,00		
Flor Maçã LF	50,00	70,00	90,00
Souppless LF	50,00	70,00	90,00
Biarritz LF	50.00	70,00	90,00
Monte Carlo LF	50,00	70,00	90.00
Arabesque LF	60,00	80,00	100,00
Heno del Campo LF ...	60,00	80,00	100,00
Casino LF	60,00	80,00	100,00
Violette Feuilles LF ...	85,00	105,00	125,00
La Rose Rougeatre LF	85.00	105,00	125,00
Champagne LF	60,00	80,00	100,00
Despesas Reembolso ..	9,00	9,00	9,00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100,00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

VENDAS PELO REEMBOLSO POSTAL

A Feira das Essências

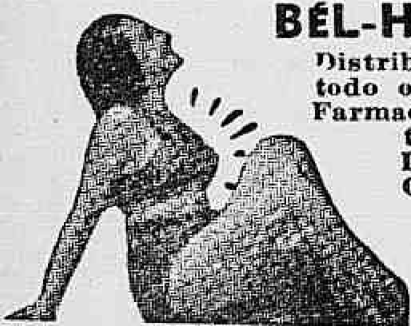
Av. Marechal Floriano, 67 — Sob.

RIO DE JANEIRO

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

QUER SER ESCRITOR

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.

EXTORSÃO

(Cont. da pág. 13)

Instintivamente, o homem o obedeceu, inconsciente de que estava assumindo uma atitude de oração. A lâmpada do "flash" queimou. Jack voltou, respondendo friamente aos gritos do pobre homem que morreria afogado sem a menor dúvida.

— Você estará muito bem dentro de alguns minutos.

A fotografia originou tôda a sensação que êle imaginara, embora, modestamente, êle respondesse aos elogios invariàvelmente com as mesmas palavras:

— Foi apenas sorte. Aconteceu que eu estava passando na ocasião.

Também se podiam ouvir comentários contra:

— Por que você não puxou o sujeito *antes* de tirar o retrato? — demandou Edwards, um dos fotógrafos.

Thurman, contudo, deu-lhe os parabéns pela brilhante fotografia:

— Depois de um certo tempo não teremos de depender da sorte. Você conseguirá amizades que lhe telefonarão dando notícias.

Amizades. A palavra ficou zumbindo na mente de Jack.

Glover também gostou da fotografia, mas lhe fêz um ligeiro comentário:

— Na próxima vez que *apenas aconteceu* que você estava passando na ocasião, telefone para a redação a fim de que preparemos uma história para a fotografia. Estamos tentando fazer êste jornal juntos e não competindo uns com os outros. Compreende?

— Compreendo — respondeu brevemente Jack, saindo imediatamente, ainda encontrando-se com Thurman na porta.

Um telefone tilintou alguns minutos depois numa secretária desocupada e o fotógrafo que fizera a grande proeza o atendeu:

— Thurman?... Está por aí... Incêndio?... Sim, darei o recado imediatamente.

Mas, era Jack Early quem podia ser visto no local do incêndio alguns minutos depois. Êle podia ver as faces — desesperadas e controcidas — dos inquilinos que haviam ficado presos no andar alto do edifício em chamas. No entanto, estavam muito longe para que pudessem ser bem fotografados. Ràpidamente, entrou no carro dos chefes dos bombeiros e o dirigiu para um ponto que lhe oferecesse maior vantagem.

U'a mulher com o rosto sujo de tisna se aproximou do parapeito e Jack gritou-lhe com tôda a autoridade que conseguiu imprimir em sua voz: — Espere! — e como ela parasse, obedecendo cegamente, êle pôs a máquina em posição, focalizou e ordenou: *Pode pular!*

A fotografia, com o seu realismo brutal, foi publicada na primeira página do "Herald". Olhando-a no seu escritório, juntamente com Ellen, Glover murmurou vagarosamente:

— *Apenas aconteceu* que êle estava passando na ocasião. Quem sabe se você não tem razão?

— Êle é alerta — retrucou determinantemente Ellen. — E tem mais uma qualidade para que mereça êste trabalho.

Relutantemente, Glover concordou:

— Se nenhum dos outros estiver de volta a tempo, nós o mandaremos.

Ellen encontrou o fotógrafo no laboratório e o saudou excitadamente:

— Boa-noite, sr. Aladim.

— Não importa o que você ouvir, fique certa de que não botei fogo naquele edifício!

— Jack, você agora tem um trabalho de fato! Apresse-se e vá falar com David antes que êle mude de idéia.

Jack demorou-se apenas o necessário para dizer:

— Desejo vê-la hoje à noite. Pode deixar a chave debaixo da esteira!

Glover nem mesmo deixou que êle entrasse no gabinete direito e lhe foi logo perguntando se já ouvira falar em Nick Palmer.

— Êle já conseguiu dar o fora em diversas sentenças... bem merecidas. Será julgado novamente hoje, mas, certamente, se livrará de novo. O seu trabalho é ir lá e lhe tirar um retrato.

— O senhor quer alguma coisa especial... um ângulo, por exemplo?

— Sim — respondeu Glover sêcamente. — Gostaria de ver o seu rosto. Todos os jornais estariam no Tribunal, todos insuflados com a mesma esperança de uma fotografia ou uma entrevista. Mas Palmer não coopera com fotógrafos.

— O senhor pode ficar certo que quando eu voltar trarei a foto.

— Early, você é do sul?

— Não, senhor — respondeu surprêso Jack.

— Então, — sugeriu Glover — deixe o "senhor" de lado.

O trabalho pareceu-lhe extremamente fácil, até que chegou à Côrte, onde os fotógrafos mais antigos lhe disseram que era quase que impossível tirar uma foto da face de Nick Palmer.

—E é bom não tentar, — avisou um dêles — se êle não der um O.K.

Quando um carro da polícia parou e um homem fastidiosamente bem vestido desceu do carro, os jornalistas o cercaram imediatamente, seguindo-o enquanto entrava no edifício, pedindo uma entrevista, implorando por uma foto. Já estava decidido a seguir o cortejo quando viu uma limousine preta, parada em frente ao edifício. Teve um pressentimento e se aproximou do carro. O seu único ocupante era uma moça — jovem, bela, de uma beleza desconcertante. Jack sorriu-lhe e perguntou:

— Alô! Êste não é o carro de Nick?

— Não creio que o conheça — respondeu ela com uma voz baixa, rouca e ligeiramente aborrecida pelo incômodo. Jack apresentou-se, mas não conseguiu impressioná-la. — Eu era mais feliz antes de você aparecer.

Mas, Jack não costumava entregar os pontos tão fàcilmente.

— E' o fato de não gostar de tôda gente ou sòmente de mim em particular, Miss... Miss...

— E' *Mrs*. Nick Palmer. Agora, faça o favor, dê o fora.

— A espôsa de Nick! Agora estou verdadeiramente impressionado... com Nick.

Ela tirou um cigarro da bôlsa, deixando que o fósforo aceso por Jack continuasse queimando em sua mão até que lhe queimasse os dedos, enquanto ela usava o acendedor do carro.

— Nick vai posar para mim quando sair — disse Jack, procurando ignorar o seu sorriso de desdém.

Com o mesmo sorriso ainda bailando em seus lábios, mofadores, ela deixou que as palavras saíssem vagarosamente de sua bôca:

— Esta é a sua oportunidade. Aí vem êle.

Nick Palmer descia majestàticamente os degraus do Tribunal. Quando Nick já se aproximava do carro, Jack focalizou.

— Quer posar para mim, Mr. Palmer?

— Não aponte êsse negócio para mim! Nick não era absolutamente um brutamontes, mas os seus olhos estavam frios, a sua bôca fechada firmemente. "Não é um homem por quem se pode passar sem sentir um calafrio diante de sua frieza..." — pensou Jack.

— Se o senhor continuar agindo desta maneira, Mr. Palmer, o povo terá a impressão que o senhor é um — malfeitor. Se eu não conseguir a fotografia o meu jornal publicará aquela em que o senhor está cobrindo a face... afinal, o senhor é um homem de negócios... mas, escondendo-se dêste jeito, quem terá confiança em suas transações perfeitamente respeitáveis? Dê-me exatamente um segundo. Amanhã a entregarão juntamente com o leite, parecendo George Washington.

Sua espôsa, Nita, disse apressadamente:

— Não lhe preste nenhuma atenção, Nick.

No entanto, Nick o estava admirando.

— Não estou certo se você é um jovem inteligente ou um mentiroso. E as pessoas que mentem para mim não são muito inteligentes.

— Sei disso — Jack assegurou. — Tire a conclusão a meu respeito pelo que aparecer nos jornais de amanhã.

Abruptamente, Nick deu o seu consentimento. Quando o "flash" clareou e Jack já havia tirado a lâmpada, êle lhe disse:

— Gosto de rapazes inteligentes. Você sabe o meu enderêço. Venha ver-me amanhã às quatro horas.

★

Jack estava estranhamente contente e foi com os olhos brilhando que êle apreciou mais uma

sua fotografia na primeira página do jornal, aumentando a alegria de Ellen.

— O seu rapaz conseguiu! — disse ela alegremente a Glover.

— O *meu* rapaz... — retrucou irônicamente Glover. — Você quer que êle consiga o emprêgo, não é isso? — balançou vagarosamente a cabeça. — Devo admitir que não compreendo, Ellen. Tudo o que êle já fêz aumentou a tiragem do jornal... mas, não gosto dêle.

— Certamente, por que você não o compreende — a voz de Ellen era persuasiva. — Êle me disse algumas coisas sôbre a sua vida. Um emprêgo sem importância depois de outro. Então, o exército...

— Êle tem uma terrível ambição. Não sei por que, tenho a impressão de que êle não pararia diante de coisíssima alguma...

— Tudo o que êle precisa é de um emprêgo permanente... então, descansará. Você não gosta dêle, mas pode crer que é um homem honesto e que podemos usar.

Glover não se convencera.

— Pensarei nisso com calma — Ellen já saia quando êle lhe perguntou repentinamente: — Você vai a Portland esta semana?

— Bem, não. Tenho bastante trabalho para pôr em dia.

Àquela noitinha, sentada com Jack próximo à lareira, ela estava preocupada. Desculpandose, devido à sua abstração, disse simplesmente:

— Lamento... estou muito cansada.

— Não, você não está. Simplesmente, sentese aborrecida consigo mesma porque cancelou um compromisso com o dentista...

O telefone tocou, interrompendo os seus pensamentos. Dominado pela curiosidade, êle atendeu. Era Glover. Com uma alegre saudação, Jack entregou o fone a Ellen. Quando terminou a conversação, Ellen declarou:

— Meus parabéns! Você está empregado definitivamente no jornal.

Segurando as suas mãos, Jack agradeceu-lhe, murmurando palavras de eterna gratidão. Aproveitou a ocasião para murmurar também palavras de amor. De repente, ela estava em seus braços...

Isto acontecera à noite passada. Hoje, a caminho da casa de Nick, Jack encaminhou todos os seus pensamentos apenas para Nick e Nita.

Nick também tinha os seus planos. Quando Nita lhe pediu para não confiar em Jack, que havia qualquer coisa a seu respeito, êle respondeu:

— E' isso exatamente o que penso que posso usar.

A conversa de ambos foi direta, objetiva. Enquanto Nita escutava, êle respondia às perguntas de seu espôso sucinta e astutamente.

— Tenho u'a maneira de... apenas acontecer... estar passando em momentos importantes e oportunos e tirar fotografias. No jornal chamam a isso de sorte. *Eu*, planejamento. Pensei que talvez o senhor soubesse de algo importante que vai acontecer antes dos outros... poderia informar-me. Em troca, há ligeiros favores que lhe posso fazer.

— Uma ótima idéia. Você está interessado em dinheiro?

Jack dirigiu os seus olhos para Nita.

— E no que o dinheiro pode comprar.

Nick, profundamente entregue a reflexões, indagou:

— Você conhece Harry Colton?

— Aquêle sujeito sòzinho é uma onda de crimes.

— Êle é o que denomino de um tipo criminoso. Harry já foi meu cobrador, mas tinha dedos de mel. Por isso, o despedi. Desde então, decidiu tentar a sorte sòzinho. Já o aconselhei a deixar a cidade, mas êle não aceitou o meu conselho. E' aí que você entra no negócio.

— O senhor gostaria de vê-lo acusado, não é isso?

— Gostaria de vê-lo embaraçado. — segundo era de seu conhecimento, Colton planejava um roubo. — Se êle conseguir, nada o deterá no futuro. No entanto... se fôr apanhado, a lei se disporá dêle... para mim.

Calmamente, êle esboçou o plano.

— Tire uma fotografia de Colton cometendo o assalto e a publique em seu jornal.

Não, não seria interesante informar a policia, pois a notícia se espalharia e não faria bem a ninguém.

— Se você o fotografasse, pareceria acidente e daria o resultado que almejo.

— Apenas aconteceu que você estava passando... — sorriu sarcàsticamente Nita.

— Valeria dois mil dólares para mim. Mil agora e mil quando fôr publicada no jornal.

Nick entrou para apanhar o dinheiro, voltando logo depois, com papel e lápis em punho, a fim de explicar todo o plano ao fotógrafo.

★

Ninguém prestara atenção ao fotógrafo que, postado na Avenida Van Ness em frente ao Golden Gate Department Store, tirava fotografias dos fregueses, dando-lhes cartões numerados.

A multidão também não prestou atenção aos três homens que saiam da loja, carregando alguns embrulhos. Mas Jack os notou. Tirou uma foto após outra, até que o gerente saiu perseguindo-lhe.

Revelando as fotografias em sua própria cozinha, Jack ouviu o noticiário radiofônico sôbre o roubo. Não deu muita importância, porém, pois estava preocupado com a maioria de suas fotografias, que não conseguiu compreender por que estavam tão más. No entanto, sòmente em uma foto as faces dos bandidos estavam claras.

Já se preparava para sair e já estava pronto para desligar o rádio, quando o locutor anunciou: *"Uma recompensa de cinco mil dólares será paga por qualquer informação que dê uma pista dos assaltantes."*

De casa, Jack não foi diretamente para a redação. Dirigiu-se ao apartamento de Ellen onde entrou, usando a chave que encontrou debaixo da esteira. Então, depois de uma breve procura de um esconderijo, decidiu-se pela fotografia do dentista e, atrás do quadro, escondeu o negativo da chapa dos bandidos.

A chapa, na qual as faces dos bandidos estavam irreconhecíveis, entregou à redação, desculpando-se. Mas, Ellen lhe assegurou que Glover gostaria muitíssimo.

Depois dirigiu-se a um lugar onde encontrou Colton e os seus capangas. Depositou a boa fotografia em sua frente. Mas, Colton apenas sorriu.

— Isto poderia nos causar uma série de aborrecimentos... mas não vai — encostou um fósforo à fotografia.

Jack respondeu com um sorriso, explicando ao malfeitor que enquanto tivesse o negativo poderia fazer tantas fotografias quantas quisesse.

— Não, a fotografia não está à venda. E' uma espécie de seguro de vida. Se alguma coisa me acontecer...

— Esta é a sua proteção de mim. Qual a minha proteção de você? — indagou àsperamente Colton.

— Vinte e cinco mil dólares.

Colton virou-se para um de seus capangas e lhe ordenou que lhe desse o dinheiro.

Quando Jack chegou a sua casa algumas horas depois, encontrou-a tôda desarrumada, enquanto Colton e Roy ainda continuavam à procura do negativo.

— Se acaso é de interêsse para vocês, devo dizer que a fotografia está enterrada em Fort Knox — galhofou Jack.

— Como você conseguiu aquela fotografia? — perguntou.

— Comigo nada acontece casualmente — retrucou Jack friamente. Foi nesse mesmo tom de voz que informou aos dois malfeitores quem lhe tinha dado a informação.

Colton amaldiçoou Nick, prometendo que se vingaria.

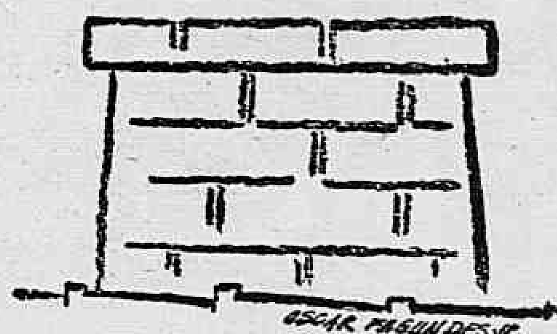
Não foi êsse o motivo, pelo qual mais tarde Jack se dirigiu ao apartamento de Nick. As respostas de Nita já o tinham tornado um homem completamente obsedado. Só tinha um desejo — posuir aquela mulher.

Deu como desculpa que desejava contrabalançar as coisas. Embora houvesse fracassado, conseguira saber que Colton tentaria fechar um dos clubes de Nick Palmer. Enquanto êste se encontrava no quarto contiguo dando um telefonema para os seus homens, Jack murmurava palavras amorosas à sua espôsa. De repente,

(Cont. na pág. 23)







Polvilho Antisséptico
GRANADO




John Wayne e espôsa, Esperanza, posam para a posteridade em sua casa em San Fernando Valley.

O LAR DE UM "COW-BOY"

SEU nome verdadeiro é Marion Michael Morrison. Nasceu na cidade de Winterset, no Estado de Iowa, num dia 26 de Maio. E' êle considerado um dos mais altos galãs de Hollywood, pois possui 1,90 cent. de altura e pesa 80 quilos, tem olhos azues e cabelos castanhos.

Ao completar cinco anos de idade, seu pai, estando sèriamente doente, foi aconselhado pelo médico da família a transferir-se por alguns tempos para o deserto. Desta forma, quando o velho Clyde Morrison fêz as suas malas e embarcou com a família para a cidade de Lancaster, na Califórnia, uma terra situada no vazio deserto de Mojane, o menino John teve o seu primeiro contacto com a vida de rancheiro. Êle freqüentou a mesma escola em Lancaster que Judy Garland iria cursar alguns anos depois.

Um ano passado naquele ambiente devolveu ao velho Morrison a sua saúde e êle resolveu mudar-se para Glendale , ali se estabelecendo com uma sorveteria. Assim o jovem John cresceu no famoso subúrbio de Los Angeles. Já na escola secundária êle trabalhou numa peça escolar, desempenhando o papel de «Duke» e daí por diante recebeu essa alcunha dos seus colegas sendo até chamado dêste modo pelos seus amigos mais íntimos.

Wayne sofreu uma grande decepção quando após prestar exame e ser aprovado na Academia Naval de Anápolis, deixou de entrar por que o limite de vagas existentes naquela Academia havia sido atingido sem seu aproveitamento. Uma carreira naval tinha sido a sua ambição desde menino e, para esquecer essa decepção, êle embarcou num transatlântico rumo à Honolulu. Após essa breve escapulida êle trabalhou como colhedor de apricot, chofer de caminhão, geleiro, e consertador de fios telefônicos.

Devido a ter sido um ás do futebol nos seus tempos de colégio e campeão de debates, êle conseguiu uma «bolsa de estudos» na Universidade do sul da Califórnia. Êle tornou-se um astro dos desportes assim como um homem de grandes atividades e membro da fraternidade «Sigma Chi».

Naquêles tempos era costume dos atletas escolares trabalharem durante as férias de verão nos estúdios cinematográficos, fazendo trabalhos pesados que os colocavam em condições físicas para a estação do futebol. John Wayne obteve um emprêgo como operário na Fox, para trabalhar nos cenários de um filme de John Ford. O que é mais curioso é que o operário e o diretor logo se tornaram muito amigos e a sua amizade atualmente é uma das coisas mais importantes na vida de cada um. Raoul Walsh estava nesse tempo a procura de um tipo alto, para interpretar o papel de um jogador novato em «The Big Trail». Ford induziu-o a ir ver o seu alto e forte operário, e isso foi o que lançou



Os pássaros são o «hobby» de John Wayne e sua espôsa que fazem questão de ser fotografados ao lado de autêntico casal de canários belga.



Este é o John Wayne calmo, pacato e caseiro, bem diferente de como êle aparece em «A Estranha Caravana» e «Rio Bravo».

Wayne na carreira cinematográfica. Foi Winfield Sheehan, então diretor da Fox, que trocou o seu nome de «Duke Morrison» para «John Wayne».

O astro de «Estranha Caravana» teve dois dias de forma antes do filme ser iniciado e aproveitou êsse tempo contratando um professor de arte dramática para ensinar-lhe como desempenhar o seu papel. Raoul Walsh teve depois que passar mais de dois dias desfazendo o trabalho que o professor lhe havia ensinado, livrando-o das gesticulações e atitudes dramáticas que aquêle lhe administrara. John não teve desde então mais nenhuma lição de arte dramática e a sua naturalidade peculiar é a chave do seu sucesso como ator. «The Big Trail» não obteve muito sucesso e Wayne começou a aparecer em filme de menos importância. Êle tornou-se o primeiro «cowboy cantor» na série de filmes intitulados «O Cantor Sam», entretanto êsse gênero de películas não possuia nenhuma atração naquele tempo. Em 1938 a Republic contratou-o para desempenhar o principal papel de «Os Três Mosqueteiros», um filme seriado e o público gostou dêle.

Algum tempo depois Walter Wanger contratou John Ford para dirigir «Stage Coach», cuja história havia obtido um tremendo sucesso na revista Colliers. Ford convidou Wayne a passar o fim de semana com êle no seu iate e êles ficaram todo o tempo lendo o script e falando sôbre o filme. «— Quem você acha que deveria viver a figura de «Ringo Kid», John?» — indagou Ford. Wayne prontamente respondeu — «Lloyd Nolan!»

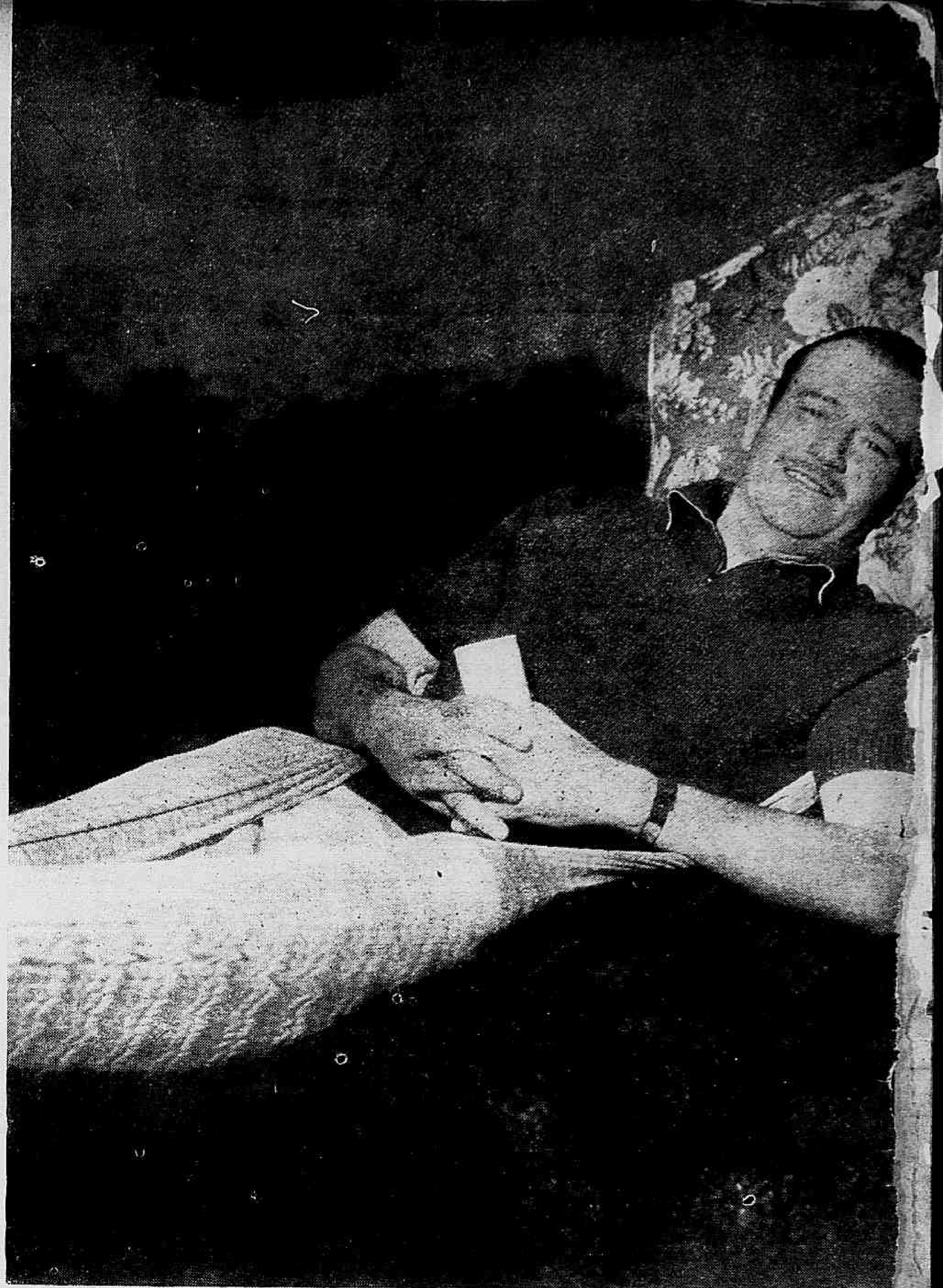
Pacientemente Ford explicou que êle tinha outro nome em mente e quando Wayne descobriu que era nêle, sòmente nêle que recaia a escolha de Ford, por pouco não desmaiou.

A película foi um grande sucesso e John Wayne atingiu ràpidamente o zênite. Êle atuou desde então numa longa lista de grandes filmes, tanto na Republic como sob empréstimo para outra companhia.

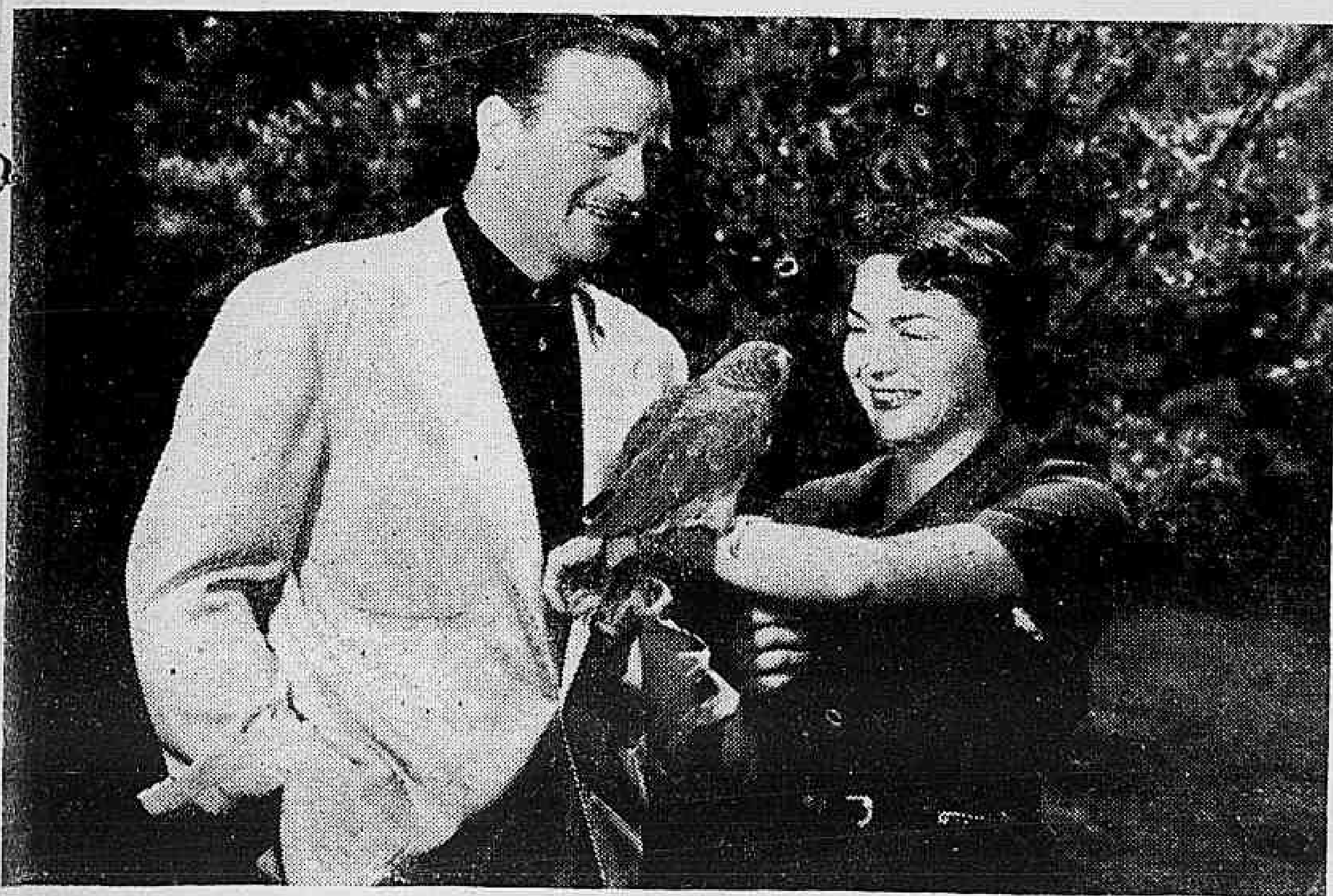
Há um ano atrás a Republic concordou em deixá-lo experimentar sua mão como produtor e «O Anjo e o Malvado» foi o feliz resultado dessa prova. Outros grandes projetos estão sendo planejados por êle neste momento e Hollywood nutre um grande respeito pelas suas habilidades.

Êsse notável astro é casado com a antiga estrêla do cinema, Esperanza Bauer e o casal habita um lindo e confortável rancho em San Fernando Valley.

Seus mais recentes êxitos foram «O Rasto da Bruxa Vermelha» e «Iwo Jima, o Portal da Glória», e ainda inéditos, «A Estranha Caravana» e «Rio Bravo».



Esta confortavel rêde, é o lugar predileto do ator para estudar os papeis que os estúdios lhe dão



John Wayne e Dona Esperanza divertem-se com o papagaio «Duke», que é o predileto do casal.



Após terminar o seu extasiante trabalho em «Estranha Caravana», John Wayne e sua espôsa descansa na sua mansão de San Fernando Valleyan

ARQUIVO DE BROOKLYN JACK



JOHN WAYNE

ÊSTE, sim, é «cow-boy» de verdade. Não é mocinho coca-cola do tipo dos Roy Rogers e dos Gene Autry, não... John Wayne, um dos melhores atores norte-americanos, nasceu em Winterset, Iowa, Estados Unidos, a 26 de maio de 1908. Tem cabelos castanhos e olhos azuis. Pesa 200 libras e mede 6 pés e 3 polegadas, sendo, com Fred MacMurray, Gary Cooper e Gregory Peck um dos quatro mais altos homens do cinema ianque. Há vinte anos em Hollywood, foi descoberto por John Ford, seu grande amigo e diretor preferido. Apareceu em fitas da Fox, Columbia, Universal, Republic, United Artists, Paramount, Metro, RKO Radio. Hoje é pràticamente «dono» da Republic, controlando grande parte das ações desta jovem e futurosa emprêsa. Pela ordem, são os seguintes os filmes de John Wayne: «The Big Trail», «Maker of Men», «Arizona», «Wyoming Wonder»,, «Girls demand excitement», «Hidden Gold», «His private secretary», «Serpente de Luxo» (onde iniciou uma ligeira fase da Warner), «A Trilha do Telégrafo», Riders of Destiny», «West of the divide», «No Vale da Aventura», «Terra de Ninguém», «Lucky Texan», «Paradise Çayon», «Westward», «The Lawles nineties», «King of the Pecos», «A Trilha Solitária», «Conflict», «California straight ahead», «I cover the war», «I cover Chinatown», «Idol of the crowds», «Adventure's end», «Born to the West», «Overland stage raiders», «Santa Fe Stamped», «Texas Steers», «Wyioming outiaw», «O Príncipe Rebelde», «Comando Negro», «The Refugee», «A longa viagem de volta», «No tempo das diligências», «A Pecadora», «A man betrayed», «A lady from Louisiana», «O Morro dos Maus Espíritos», «Paixão Fatal», «Dama por uma noite», «Vendaval de Paixões», «Ódio e Paixão», «Tigres Voadores», «A Indomável», «In old Oklahoma», «A lady takes a chance», «Piratas dos sete mares», «Adorável Inimiga», «Flame of Barbary Coast», «Retôrno a Bataan», «Dakota», «Fomos os sacrificados», «Romance e Fantasia», «O anjo e o malvado», «Rio Vermelho», «Inferno nos trópicos», «Sangue de Heróis», «O rastro da bruxa vermelha», «Legião Invencível», «O céu mandou alguém», «Rio Bravo».

★



JAMES CAGNEY

JIMMY nasceu em New York, N. Y., Estados Unidos, a 17 de julho de 1904. Tem olhos castanhos e cabelos avermelhados. Mede 5 pés e 9 polegadas de altura. Antes de entrar para o cinema foi mensageiro, bibliotecário, comediante teatral, dançarino.. Casado com uma antiga companheira das revistas musicais na Broadway. E' o mais expressivo artista de cinema do mundo! Ganhou popularidade através das películas de «gangsters» das quais ainda é, até hoje, o campeão, apesar de Bogart, Robinson, Widmark, Lancaster e outros «bambas». Pela ordem, êstes são os seus filmes: «Alma do Lôdo» (1930); «The Sinner's Holiday» (não veio ao Brasil), «A Caminho do Inferno», «The Public Enemy» (não conseguiu visto da censura para ser exibido no Brasil, por ser muito violento), «As mulheres enganam sempre», «Gente Esperta» (1931); «Travessuras de uma loura», «Tudo ou nada», «Pêso do ódio», «Delirante!» «O Furão» (1932); «O Prefeito do Inferno», «Belezas em revista», «O Mulherengo», «Aí vem a Marinha», (1933); «O homem que eu perdi», «Bancando o cavalheiro», «Comigo é assim», «Fuzileiros do Ar», «Contra o Império do Crime», (1934); «Comprando Barulho» (The Perfect Week-end), «Sonho de uma noite de verão», «Difícil de lidar», «Filhinho da Mamãe», «Cidade Sinistra» (1935); «Heróis do Ar» (1936); «Pêsos e Medidas», «Domando Hollywood» (1937); «Comprando Barulho» (Boy meets girl», «Anjos de cara suja» (1938); «A lei do mais forte», «A morte me persegue», «Heróis esquecidos» (1939); «Regimento heróico», «Zona Tórrida», «Dois contra uma cidade inteira» (1940); «Uma loura com açúcar», «A noiva caiu do céu» (1941); «Corsários das nuvens», «A canção da vitória» (1942); «Sempre um cavalheiro» (1943); «Sangue sôbre o sol» (1945); «13, Rua Madeleine» (1946); «Um momento em cada vida» (1947); «Fúria Sanguinária» (1949); «O amanhã que não virá» e «The West Point Story» (1950). James Cagney, em sua carreira, foi inicialmente, durante seis anos, astro da Warner, saíu para a Grand-National, voltou dois anos depois, permanecendo até 1942, saíu para fundar sua própria companhia produtora, junto com o irmão, William, e pela terceira vez, voltou a pertencer ao cast da Warner, onde se encontra desde 1949.



GENE TIERNEY

A elegantíssima e aristocratíssima Gene Tierney (também bonitíssima) nasceu em Brooklyn, New York, N. Y., Estados Unidos da América, a 20 de novembro de 1920. Mede 1,63m. e pesa 54 quilinhos... Tem lindos olhos verde-azulados, cabelos avermelhados, um narizinho assim zaranzinhos, uma cútis de louça e um sorriso fascinantemente azul... Em Hollywood desde 1940. Casada com o figurinista e conde de fancaria Oleg Cassini. Parece ser uma mulher inteligente. Pela ordem, seus filmes são: «A volta de Frank James», «O Renegado», «Caminho Áspero», «Formosa Bandida», «Quando morre o dia», «Tensão em Xangai», «Ódio no coração», «Ela queria riquezas», «Águias de Fogo», «Paixão Oriental», «O diabo disse não!», «Laura», «O Sino de Adano», «Amar foi minha ruína», «O Solar de Dragonwyck», «O Fio da Navalha», «Fantasma Apaixonado», «A Cortina de Ferro», «Êsse impulso maravilhoso», «A Ladra», «Smobras do Mal», «Where the sidewalk ends», «Te Mating Season», «Counter intelligence». Fêz fitas na Fox, United e Paramount.

★

PARECE com a Sônia, não é? Hein, Carlinhos, não parece com a Soninha? Mas não é, não. Chama-se Silvana Mangano; é a bomba atômica do cinema moderno, nasceu em Roma, Itália, em um dia qualquer de 1931 (19 aninhos, que brôto!...), filha de mãe inglêsa e pai siciliano. Quando fazia os estudos secundários manifestou interêsse pelos jogos esportivos, e tornou-se logo campeã dos jogos da primavera... Particularmente praticando equitação, é um amor... Estudou, também, dança, durante sete anos. Em 1946 foi eleita Miss Roma e em 1949 Miss Itália. Fêz uma pontinha no filme «Elixir de Amor» e em seguida foi ser modêlo profissional, provando chapéus e lingerie... Fi...fiu!... Sua beleza luxuriante despertou a atenção de Giuseppe De Santis e êsse inteligentíssimo diretor, um dos grandes renovadores do cinema moderno, nóo-realista que nada fica a dever e até supera os trabalhos de John Huston, Kazan e Rossen (para só citar os maiores) levou-a para ser a intérprete principal de «Arroz Amargo» que foi lançado êste de 1950 com grande sucesso na Europa e nos Estados Unidos. Êsse sucesso atômico levou-a ao casamento com o produtor Dino de Laurentis, de quem já tem filhos. Depois de «Arroz Amargo» ela já filmou «O Lobo da Montanha» e «Il brigante Musolino», todos para a Lux-Film, que serão distribuídos no Brasil pela Art-Films. Silvana promete visitar o Rio de Janeiro entre os dias 14 e 21 de fevereiro de 1951... Fiquem alertas!...



SILVANA MANGANO

Senhora!

Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA

Metrolina

ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

ESTÁ À VENDA O

ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

CONTENDO ENTRE MIL E UMA ATRAÇÕES:

A história completa do «Tempo» e a ciência da sua medida. Previsões sôbre o futuro do nosso planeta.

ANO Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano — CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantis e deslumbrantes páginas coloridas

PREÇO — Cr$ 20,00

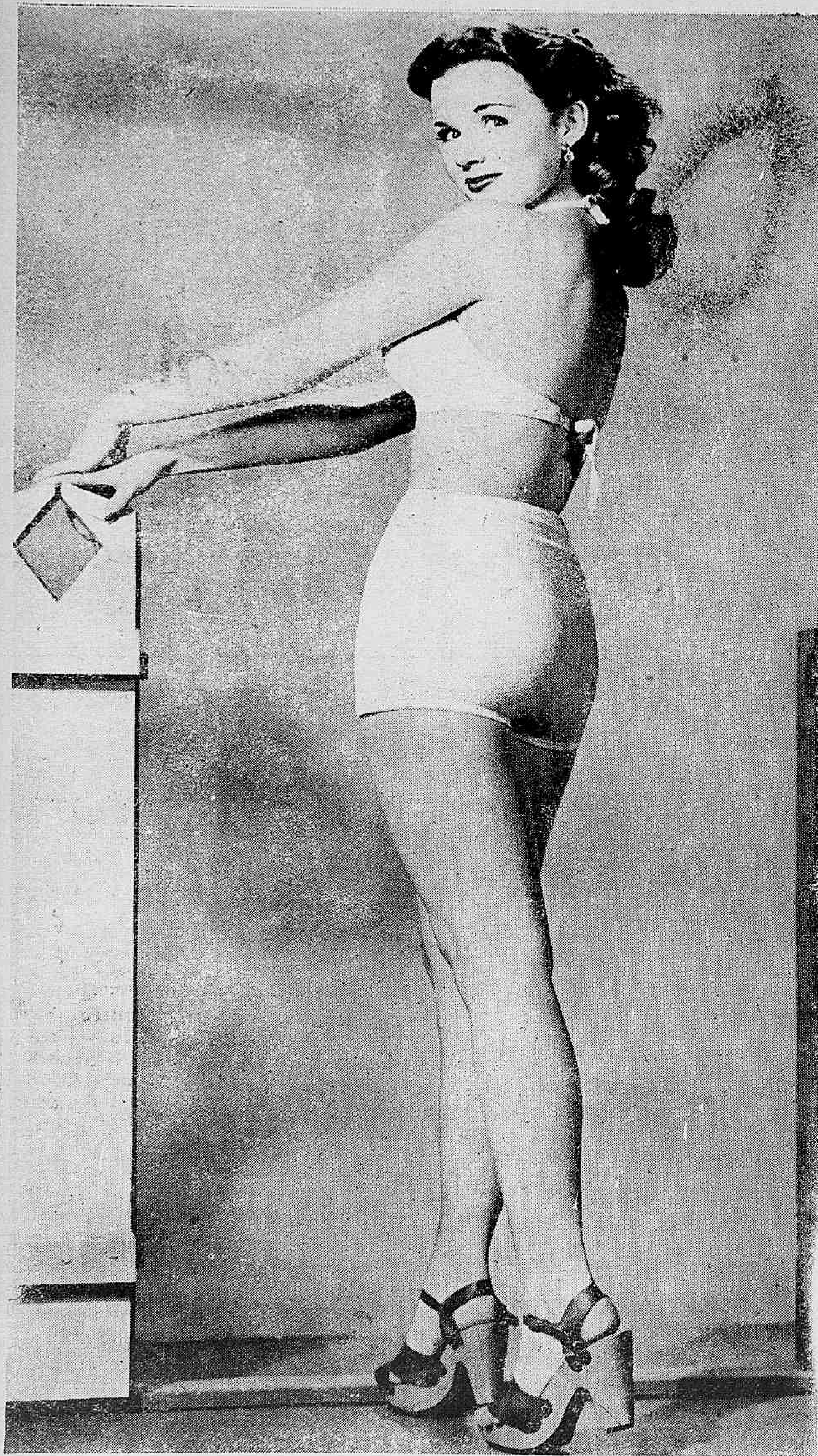
Façam desde já seus pedidos à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

ENCONTRA-SE EM TÔDAS AS LIVRARIAS E BANCAS DE JORNAIS DO BRASIL.

Pausa para meditação



PIPER LAURIE (U-International)

Mexericos

Se ainda não houver feito isso quando estas linhas forem publicadas, a D. Cegonha visitará ainda êste mês o lar dos Pinzas, isto é, do Ézio.

★

As verdadeiras novidades do casamento de uma década de Desi Arnaz e Lucille Ball só começaram a aparecer quando êstes completaram a data record em Hollywood. A primeira foi o casamento. A segunda é a que estarão precisando de um pequeno visitante que chegará dentro de pouco tempo...

★

Helen Gilbert, de quem vocês provàvelmente nunca ouviram falar, (nem eu tampouco), pediu divórcio do sexto homem de que usou o nome.

★

Jeff Donnell, um artista que indubitavelmente necessitava de uma **oportunidade**, conseguiu um divórcio de William Anderson. Agora a oportunidade vai ser aproveitada pelos gaviões de Hollywood...

★

Correm boatos na Meca do Cinema de que o diretor William Wyler e sua espôsa Margaret Tallichet, estão esperando que os nove meses se completem...

★

Há pouco tempo o filho de Vic Mature, Mike, de sete anos de idade, tornou-se prêsa da idéia de possuir um pássaro, depois de ter visto um dos garotos do bairro passear com um, encarapitado no ombro. Vic, com uma vasta longanimidade tentou explicar ao garoto que não poderia ter um pássaro em casa em virtude do gato. Mike, entretanto, não conseguiu tirar a idéia da cabeça. Algumas noites mais tarde e algumas manhãs depois, Vic encontrou o seu garoto pensativamente tentando achar uma solução para o seu caso. Tristemente disse ao pai que sonhara ter o pássaro por que tanto ansiava, acrescentando:

— Pai, tudo daria muito bem se o senhor levasse o gato a um psiquiatra.

★

Um dêsses dias Clark Gable deu estrepitosas gargalhadas quando contou a uns amigos o que aconteceu com êle e o seu enteado há cêrca de um ano atrás.

Uma noite o rapazinho, idoso bastante para levar garôtas do ginásio onde estudava para festas, pediu emprestado o carro de família. Além de dar o seu consentimento, o próprio Clark se ofereceu para levar o casal à festa, êle mesmo dirigindo. A oferta foi aceita imediatamente e, à noite, padrasto e filho rumaram em direção à casa da guria. Lá chegando, quando a menina se aproximou do carro, deu uma olhadela para o chofer e disse para o garôto:

— Se você não se importasse eu bem que gostaria de ir sentada ao lado do chofer...

★

Talvez Hollywood já tenha influenciado uma de suas mais jovens atrizes que conseguiram fama há pouco tempo. Gigi Perreau, uma menina de oito anos de idade, foi escolhida para fazer o papel de uma garota de oito anos no filme «For Heaven's Sake» e apresentou uma queixa ao diretor:

— Por acaso o público tem de saber a minha idade? Por que o senhor não diz que tenho seis anos?



AO PÚBLICO DE TODO O BRASIL

COMPREM DO RIO DE JANEIRO PELO REEMBOLSO POSTAL

APROVEITEM ESTAS MARAVILHOSAS OFÉRTAS

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 150,00 enviaremos um colar com linda medalha de prata, com gravação de um verso religioso



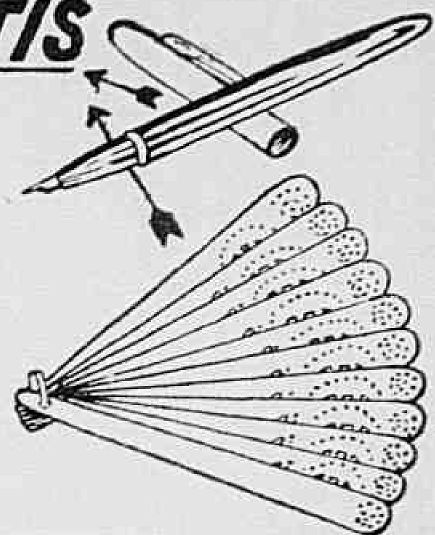
CASAS ROULIEN

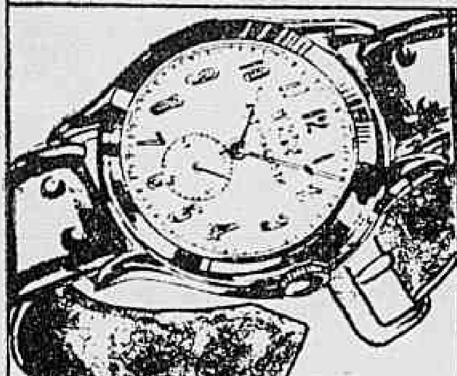
Comprem na mais antiga organisação de Reembolso, que lhe apresenta as suas maravilhosas e sensacionais ofertas para 1950. por precode reclame.

GRATIS

Para compras acima de Cr$ 250,00, enviaremos uma linda caneta-tinteiro Norte Americana, com pena e parte superior folheadas a ouro, ou, um lindo e artistico leque de celulóide maleável, resistente, lindas côres e excepcional brilho.

Compre para V.S., seus familiares e pessoas amigas, e ganhe um dos lindos brindes-ofertas.

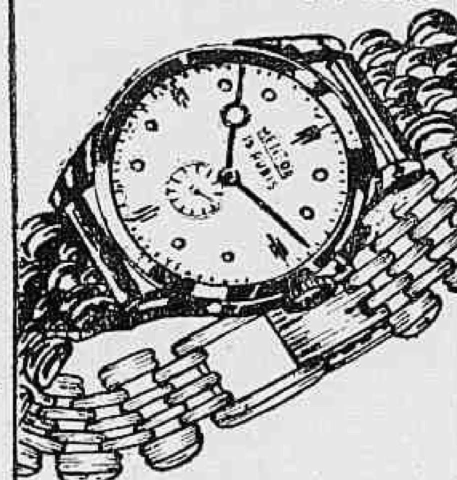




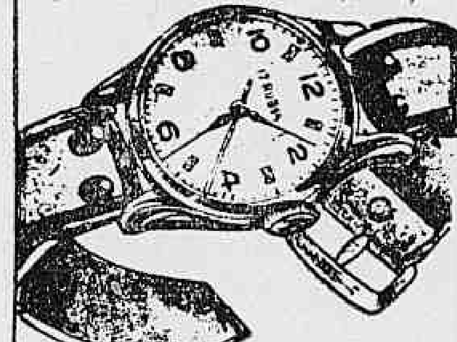
34188 MARAVILHOSO relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro 18 quilates pulseira de matéria plástica, fundo de aço, anti-magnético e caixa de fina espessura. Cr$ 365,00



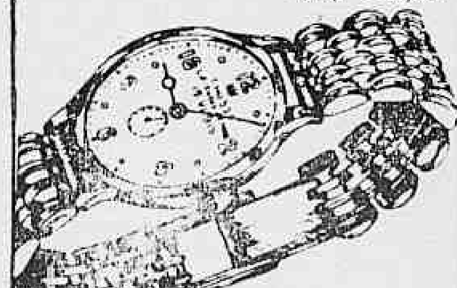
34189 – CRONÓGRAFO, 17 RUBIS SUPER-ESPECIAL, ANCORA, para homem, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates, marcando o tempo, velocidade e décimos de segundos — Cr$ 680,00



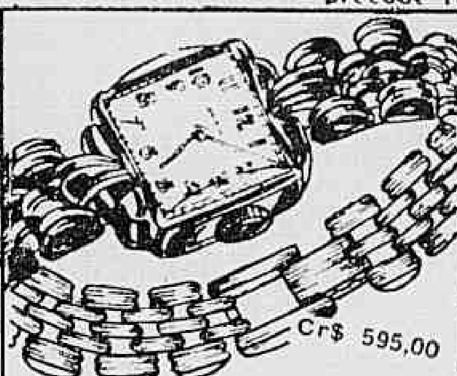
34187 – SENSACIONAL!... Relógio de pulso para homem, 15 rubis, Suiço, folheado a ouro com linda pulseira também folheada a ouro com fecho de graduação. Linda jóia. APROVEITEM!..Cr$ 425,00



34161 – EXCEPCIONAL relógio para homem, 17 rubis, ANCORA, ponteiro central de segundos, máquina Suiça de absoluta precisão, folheado a ouro 18 quilates. Enviamos certificado de garantia — Cr$ 348,00



34191 – DESLUMBRANTE relógio THUSSI, ANCORA, 15 rubis, para homem, máquina mundialmente conhecida, caixa de fina espessura, todo folheado a ouro, com pulseira MANCHESTER também folheada a ouro e com certificado de garantia —Cr$ 575,00

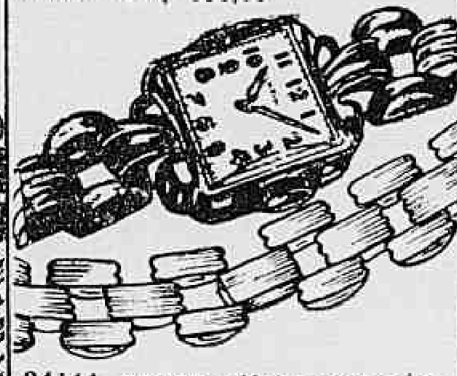


Cr$ 595,00

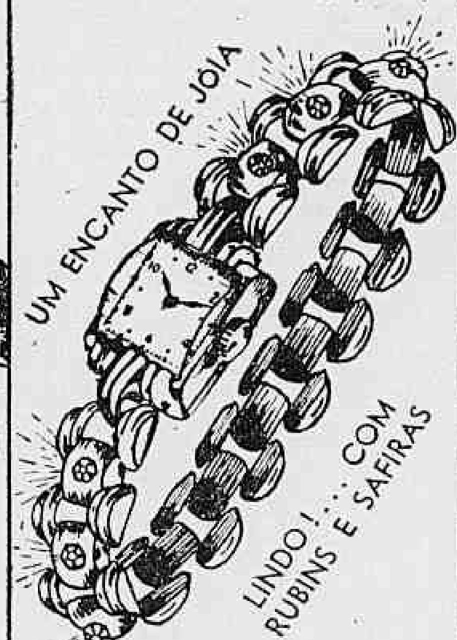
34186 SENSACIONAL!... MARAVILHOSO relógio Suiço, ANCORA, 15 rubis, para senhora, folheado a ouro, com linda pulseira MANCHESTER também folheada Enviamos certificado de garantia Cr$ 595,00



34185 DISTINTO relógio para senhora, Suiço, 15 rubis, folheado a ouro, vidro côncavo, cordonet de seda. — Cr$ 398,00



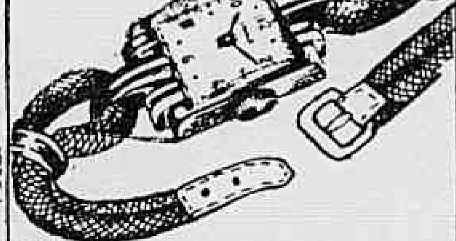
34111 – LINDO relógio para senhora, 15 rubis, Suiço, com vidro côncavo, folheado a ouro, com linda pulseira também folheada. Envienos medida do pulso. Cr$ 489,00



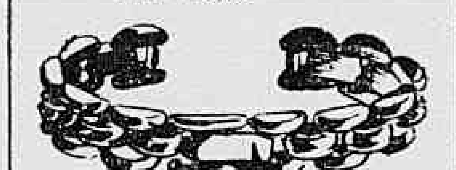
34184 – DESLUMBRANTE!... Relógio para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, folheado a ouro, com valiosa pulseira BRISTAN também folheada a ouro, garantido, com cravação de lindos rubis. Enviamos certificado de garantia. Não confundir com imitações, Cr$ Cr$ 655,00



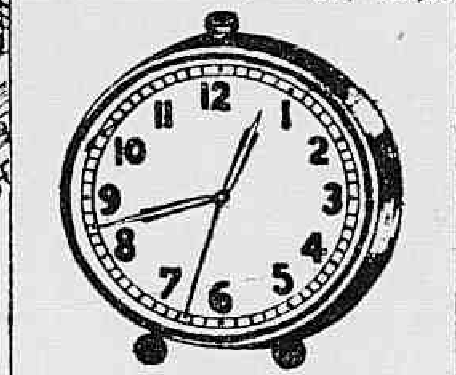
34139 – Relógio Suiço, folheado, com rubis e cordonet de seda. Cr$ Cr$ 198,00



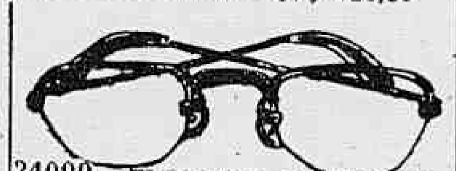
34183 – MARAVILHOSO, ANTI-MAGNETICO, para senhora, Suiço, ANCORA, 15 rubis, vidro lente côncavo, folheado a ouro, com cordoneto de seda, fundo de aço inoxidável, com certificado de garantia. Cr$ 448,00



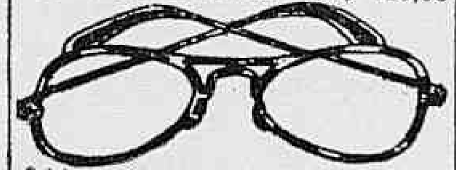
31180 LINDA pulseira de relógio para senhora, folheada a ouro, com fecho de segurança. Envienos a medida do pulso Cr$ 133,00



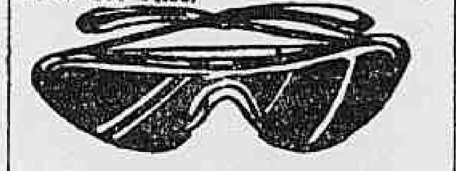
34144 – DESPERTADOR Suiço, máquina de excelente qualidade e absoluta precisão — Cr$ 128,00



34099 – ELEGANTE ÓCULOS NUMONT, sem aro, com excelente armação de primeira, folheado a ouro 18 quilates, ULTRA-MODERNO, garantido, com especial vidro verde, branco ou fumaça — Cr$ 125,00



34100 – DISTINTO óculos tipo RAYBAM, com aro dourado ou cromado, com vidros verde ou fumaça — Cr$ 65,00. Com especial estojo de couro para proteção, mais Cr$ 11,00.



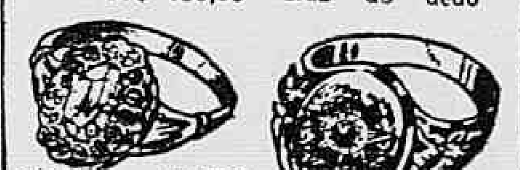
34174 - ÓCULOS MODERNOS PARAFLEX, folheados a ouro, com vidros verdes inquebráveis com estojo de couro — Cr$ 110,00

MEDIDAS PARA ANÉIS E ALIANÇAS — Depois de haver tomado a medida do dedo, junte a ponta de um papel estreito, cordão ou arame a outra ponta e nos envie juntamente ao seu pedido.



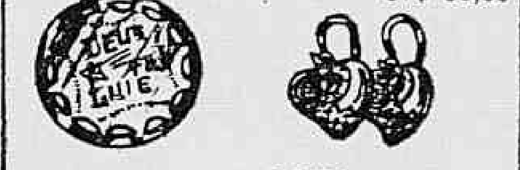
34172 ALIANÇAS de ouro 18 quilates, largas Cr$ Cr$ 101,00
Par Cr$ 195,00

34159 - DESLUMBRANTE anel em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi — Cr$ 230,00 Envie-nos a medida do dedo



34165 - LINDO anel em ouro 18 quilates, com rubi e lindas safiras de excelente brilho. Envie-nos a medida do seu dedo, em papel estreito, unindo uma ponta a outra Cr$ 285,00

34162 - ANEL em prata de lei, com a estrêla da República em ouro 18 quilates Envie-nos a medida do dedo em papel estreito, unindo uma ponta a outra — Cr$ 56,00



34163 DEUS TE GUIE em ouro 18 quilates, com cravação de lindo rubi Cr$ 68,00

34170 BRINCOS CORAÇÃO em ouro 18 quilates com cravação de rubi. Linda jóia — Cr$ 122,00



34140 COLARES DE PÉROLAS Excelente qualidade, fabricação NORTE-AMERICANA, com ótimo fecho de segurança, cravejado de lindas pedras imitando brilhantes, brilho de côr inalterável. BELEZA e distinção de pérolas legitimas. Não confundir com imitações e qualidades inferiores com uma volta Cr$ 45,00
34141 Com duas voltas Cr$ 89,00
34142 Com três voltas Cr$ 136,00



34107 EXCEPCIONAL caneta-tinteiro norte-americana, parte superior e pena folheadas a ouro, imitando a melhor caneta americana Cr$ 35,00



ACEITAMOS REPRESENTANTES IDONEOS E COM ÓTIMAS REFERENCIAS, PARA TODOS OS ESTADOS DO BRASIL.



34203 – DESLUMBRANTE BROCHE E PULSEIRA BERLOQUES, grande, modêlo Festa da UVA, em prata de lei, folheada a ouro, original, lindo e perfeita aparência do ouro, com excepcional brilho. Cr$ 102,00

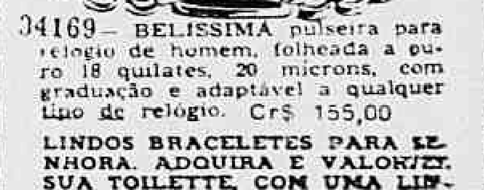
EMBELEZE O SEU RELÓGIO COM UMA LINDA PULSEIRA



34167 – DISTINTA PULSEIRA extensiva, folheada a ouro 18 quilates, de primeirissima qualidade — Cr$ 95,00



34192 – DESLUMBRANTE PULSEIRA de relógio para senhora folheada a ouro 18 quilates, com certificado de garantia. Cr$ 172,00

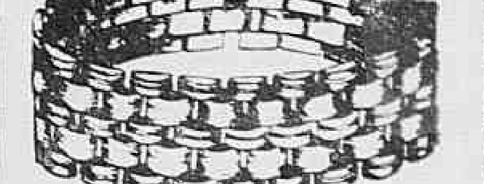


34169 – BELISSIMA pulseira para relógio de homem, folheada a ouro 18 quilates, 20 microns, com graduação e adaptável a qualquer tipo de relógio. Cr$ 155,00

LINDOS BRACELETES PARA SENHORA. ADQUIRA E VALORIZE SUA TOILETTE, COM UMA LINDA JOIA.



34693 – MARAVILHOSA pulseira bracelete para senhora, folheada a ouro 18 quilates, absoluta garantia, com cravação de rubis Cr$ 299,00 Não confundir com imitações.



34108 – VALIOSA PULSEIRA — Bracelete para senhora, folheado a ouro 18 quilates, fabricação Suiça, um moderno e lindo adorno Mantém o brilho inalterável a perfeita aparência de legitimo ouro Com cinco voltas .... Cr$ 295,00



As **CASAS ROULIEN** Garantem aos seus fregueses, preços minimos, qualidade, remessa rapida por Via Aérea, sem a menor despêsa para o comprador. **PEDIDOS AS CASAS ROULIEN** Nilo Georg de Oliveira - Rua Frei Fabiano, 543 1.º e 2.º Andares - Edifício Próprio - Meyer - Rio de Janeiro - **TEL. 49-0419**

Não confundir CASAS ROULIEN com nomes parecidos. Fujam dos imitadores desleais. CASAS ROULIEN são as maiores organizações de Reembolso Postal do Brasil, servindo ao povo amigo ha mais de 16 anos e merecendo a sua confiança pela qualidade dos seus artigos.

PEÇAM NOSSOS CATALOGOS IMPRESSOS EM CORES, COM INUMEROS ARTIGOS

AOS FREGUEZES DO RIO ATENDEMOS TAMBÉM A DOMICÍLIO — FONE 49-0419

Quem ama a boa música aprecia Hollywood



A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H - 88.066